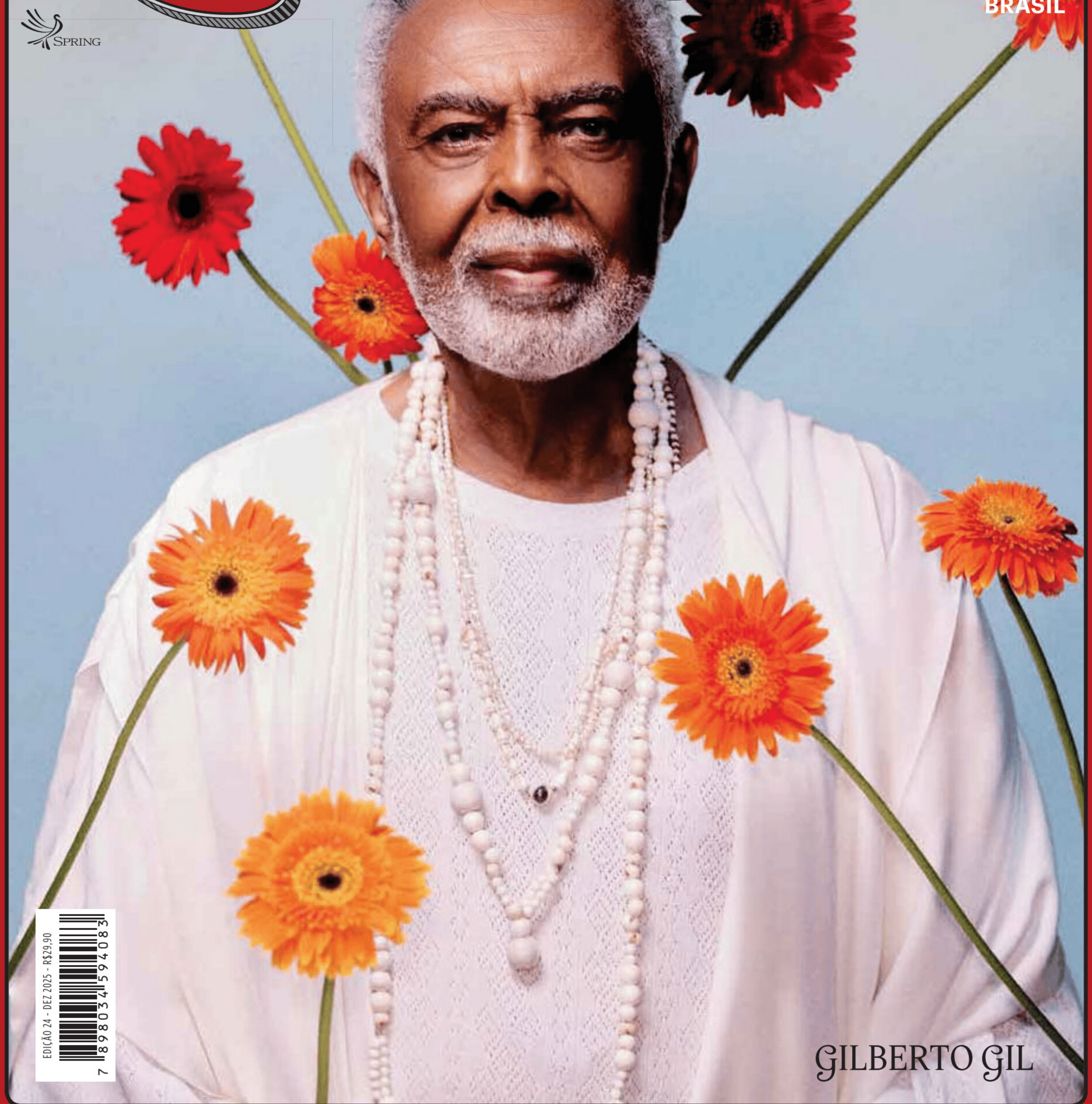
EDIÇÃO DE COLECIONADOR

DOSSIÊ TEMPO REI

Rolling Stone

BRASIL



GILBERTO GIL

EDIÇÃO 24 - DEZ 2025 - R$29,90
7 898034 594083

Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe

SUMÁRIO

64

ARQUIVO RS:
GIL S/A

"Muitas pessoas dependem da minha carreira como artista", diz Gil

76

SOBE O SOM

A obra completa do músico, comentada!

RollingStone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, CHAIRMAN AND CEO
GEORGE GROBAR, PRESIDENT
DEBASHISH GHOSH, MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS
GURJEET CHIMA, VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS

ROLLING STONE USA

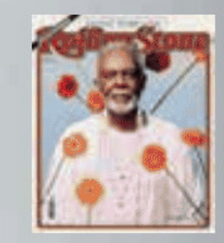
GUS WENNER, CHIEF EXECUTIVE OFFICER
SEAN WOODS, EXECUTIVE EDITOR
LISA TOZZI, EXECUTIVE DIGITAL DIRECTOR
JOSEPH HUTCHINSON, CREATIVE DIRECTOR
MARIA FONTOURA, DEPUTY EDITOR
BRIAN SZEJKA, PUBLISHER, EVP, HEAD OF GLOBAL BRAND PARTNERSHIPS
JESSICA GRILL, ASSOCIATE PUBLISHER

JANN S. WENNER, FOUNDER

ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, PUBLISHER

ADEMIR CORREA, DIRETOR DE CONTEÚDO
WALLACY FERRARI, EDITOR
DANIEL S. B. MANGIONE, DIRETOR DE ARTE
ALEXANDRE MATHIAS, ANGELO CORDEIRO, EDUARDO DO VALLE, FELIPE GRUTTER, GABRIELA NANGINO, IGOR MIRANDA, HENRIQUE NASCIMENTO, KADU SOARES, OTÁVIO RODRIGUES, REDAÇÃO
EMERSON CAÇÃO, TRATAMENTO DE IMAGEM
CONCEIÇÃO AUGUSTO, DANIELA ALMEIDA, TÂNIA MACENA, EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS
MARLEY GALVÃO, EVENTOS



CAPA FOTO:
GIOVANNI BIANCO

Copyright © 2025 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

Revistas.PeruRadio.net.pe

52
LISTA RS
Estreia Tempo Rei: Faixa a faixa do primeiro show em Salvador

EDITORIAL

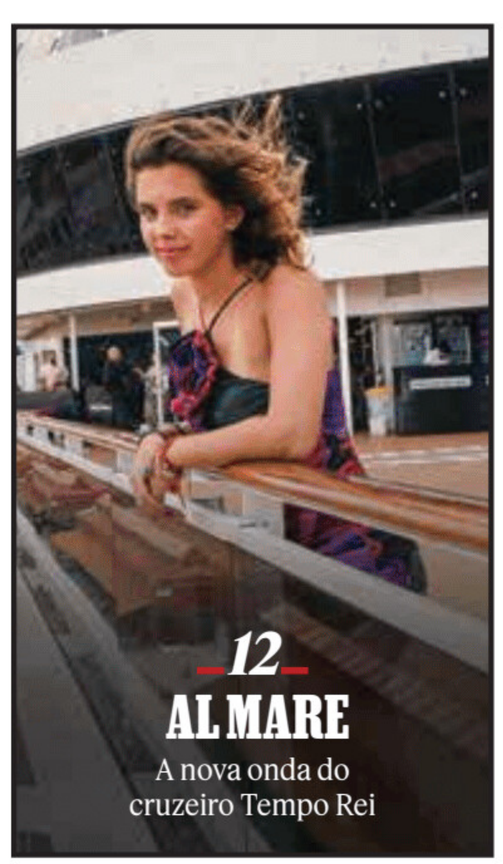
SENHOR DOS TEMPOS

"Quando estou com Gilberto Gil me abasteço de um som com um quê de Sol que alimenta minha alma. Ele ilumina e energiza - pelas músicas e pelas mensagens que ficam como ensinamentos pra minha vida", avisa Russo Passapusso, do BaianaSystem, o qual participou da estreia da turnê "Tempo Rei" - em 15 de março de 2025 em Salvador. "[Ali foi] a consciência de um último show, sendo chamado de recomeço, e da permanência viva marcada por esse momento!", completou.

Nesta edição especial, relembramos a tour definitiva de Gil, sua discografia, sua primeira entrevista na Rolling Stone Brasil. Este é um encontro para ler sobre a arte e a história deste criador que molda, há décadas, um país polifônico, poético e político - assim como sua carreira. Estamos diante deste farol que personifica nosso cancioneiro, o documenta e nos acompanha como trilha ou como hino. "O Gil é a cultura brasileira. Personifica essa mescla do que a gente é, culturalmente, como povo", comenta Samuel Rosa (que dividiu os vocais com o mestre em Belo Horizonte no dia 14 de junho). Adentre todo um universo realçado de significados – e faça isso no seu tempo, assim como o mestre da música que homenageamos aqui.

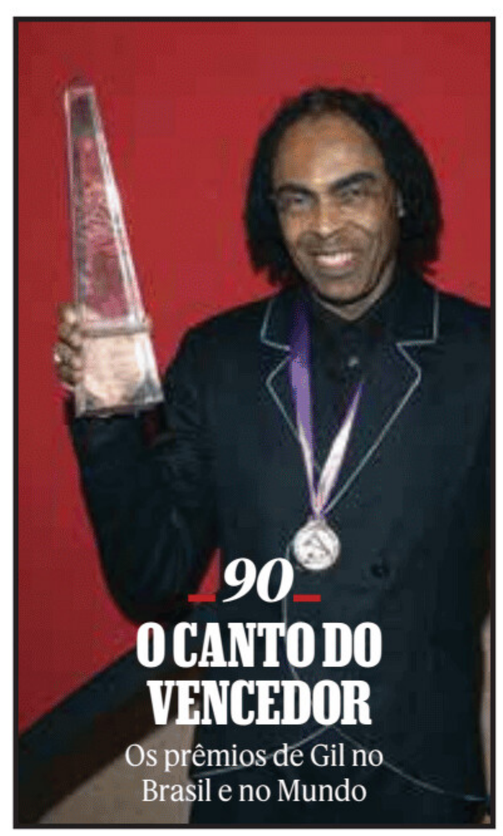
WALLACY FERRARI E ADEMIR CORREA,
EDITORES

06
SOBRE O PALCO
Momentos inesquecíveis da última turnê de Gil



12
AL MARE
A nova onda do cruzeiro Tempo Rei

18
AQUELE ABRAÇO
Preta e outros artistas convidados dividiram o palco com Gilberto Gil; relembre

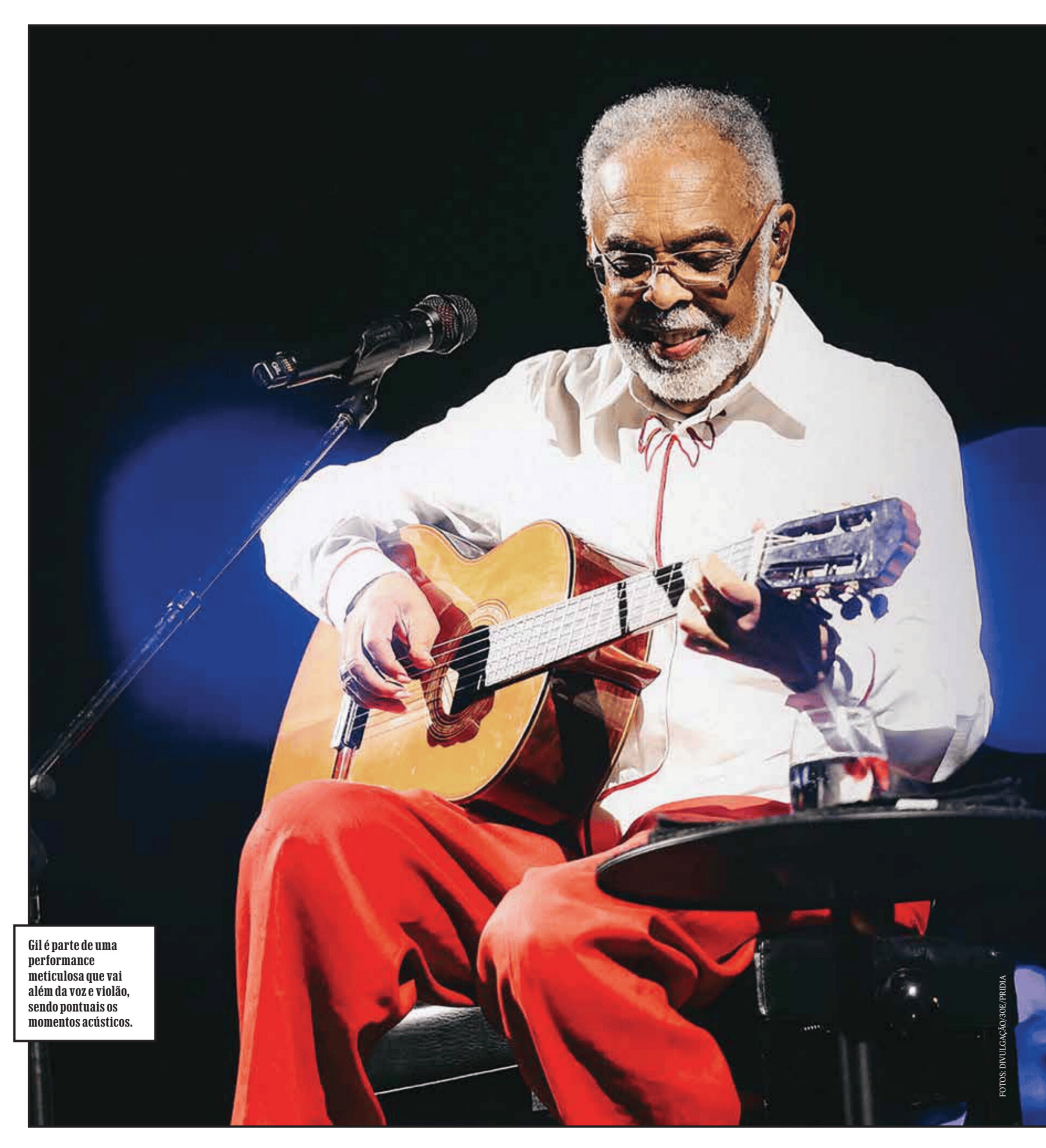


90
O CANTO DO VENCEDOR
Os prêmios de Gil no Brasil e no Mundo

52
REFLORESTAR
Trecho exclusivo do livro em que Daniel Kondo reinterpreta Gil em imagens

FOTOS: JAMES FRY/GETTY IMAGES, DAVE HOGAN/GETTYIMAGES, PAUL BERGEN/REDFERNS, PATRICK FORD/REDFERNS

Revistas.PeruRadio.net.pe



Gil é parte de uma performance meticulosa que vai além da voz e violão, sendo pontuais os momentos acústicos.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/3OE/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

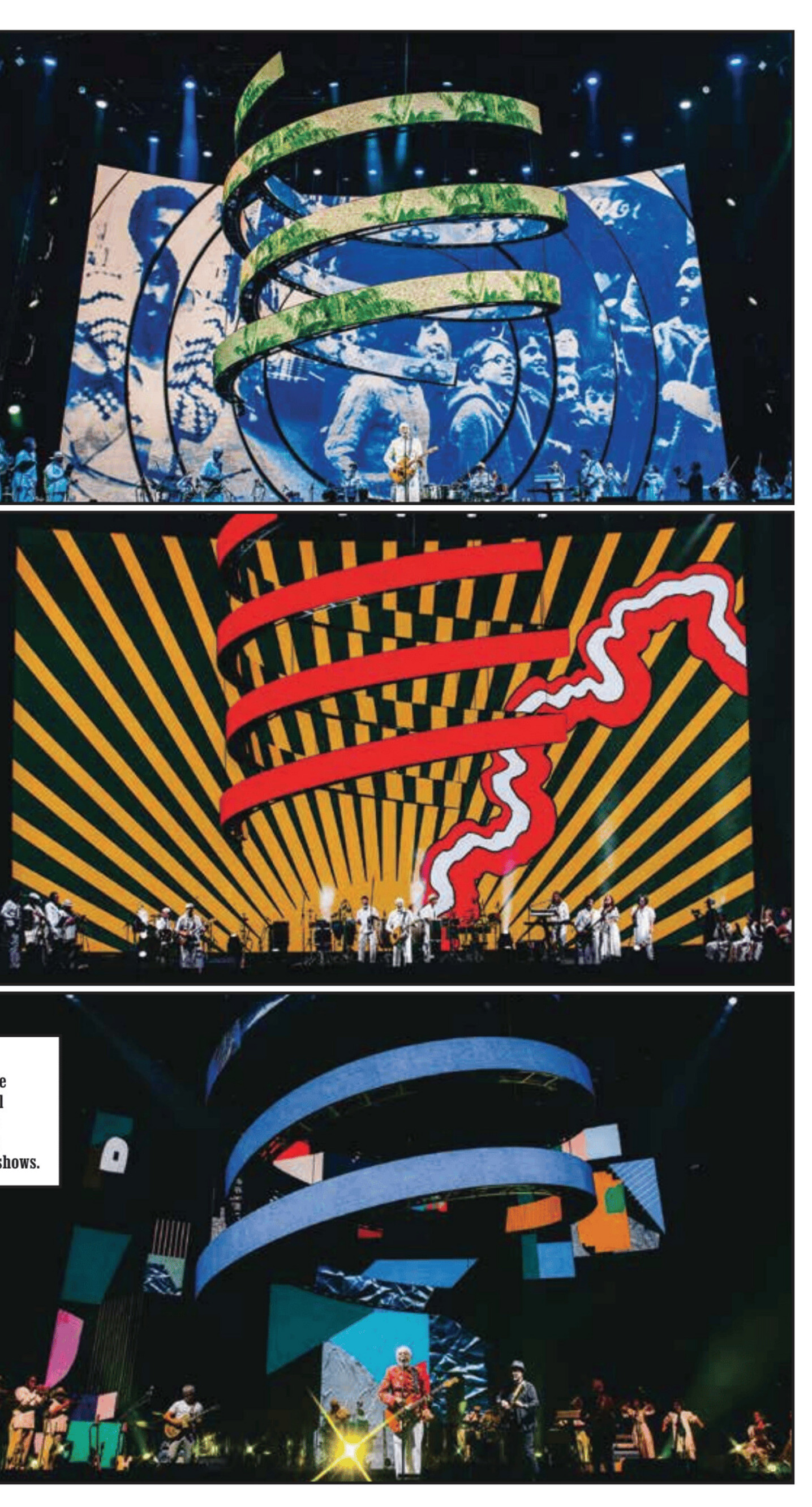
Sobre o Palco

Os registros fotográficos da turnê de despedida de Gilberto Gil evidenciam a grandiosidade técnica que envolve o artista, retratando um espetáculo multissensorial vibrante, imersivo e cuidadosamente construído em luz, cor e movimento

Revistas.PeruRadio.net.pe

FOTOS: DIVULGAÇÃO/3OE/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe



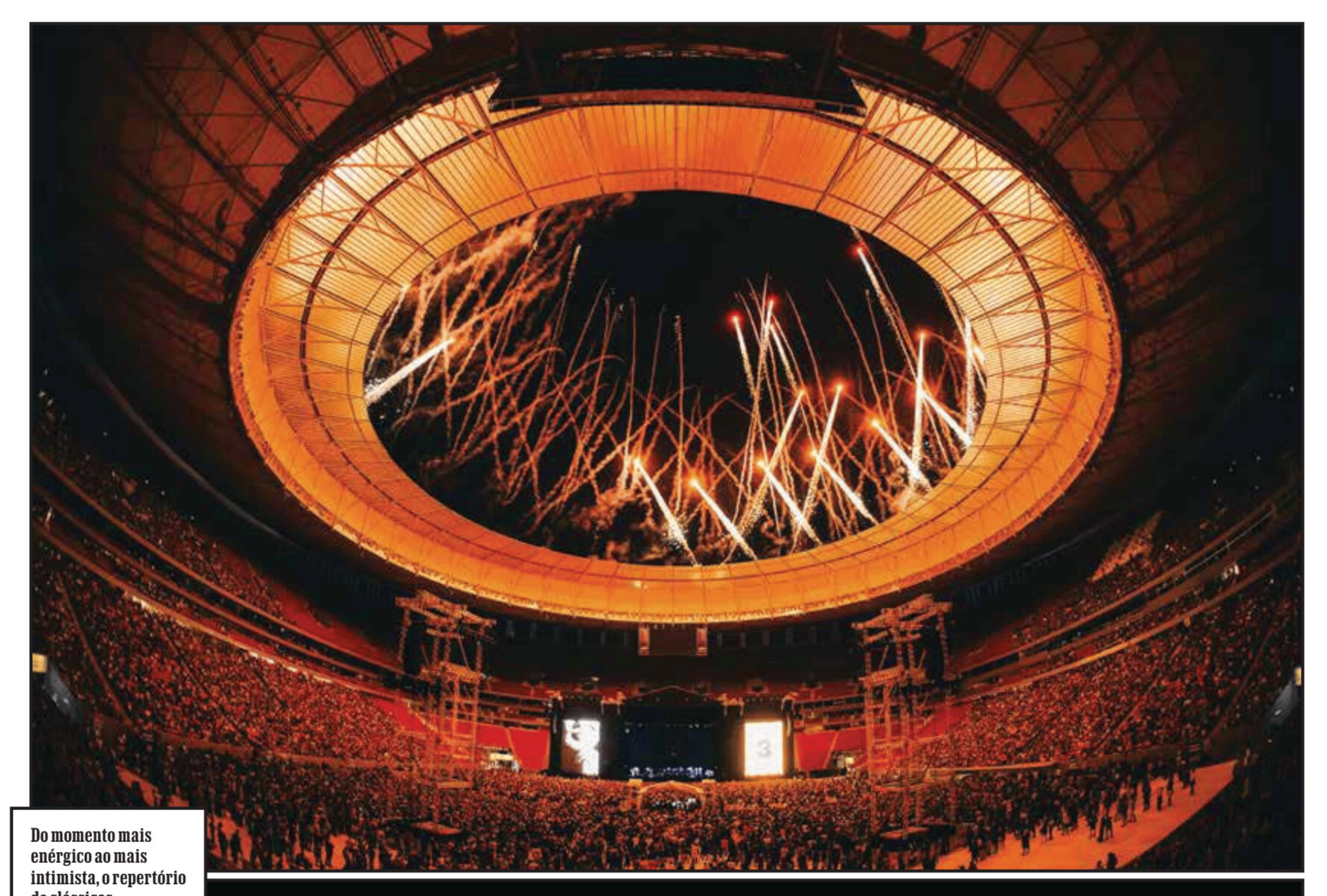
Chamado internamente de vórtex, o espiral de led suspenso dá movimento e mensagem nos shows.

Revistas.PeruRadio.net.pe

Transicionando entre eras da carreira, Gil também assume a guitarra nas apresentações.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA, GEOVANE PEIXOTO

Revistas.PeruRadio.net.pe



Do momento mais enérgico ao mais intimista, o repertório de clássicos cadencia o público.

Revistas.PeruRadio.net.pe

FOTOS: WILL DIAS / BRAZIL NEWS

Revistas.PeruRadio.net.pe

O CAPITÃO DO NAVIO TEMPO REI

Longe de estádios, a breve passagem da turnê nos mares contou com adaptações especiais e Gil perto do público

Por **Wallacy Ferrari**

Revistas.PeruRadio.net.pe

RG no bolso e camisa confortável: Gil chega com Flora no navio em carrinho de golfe.

Após uma sequência de 24 apresentações em sua perna inicial, passando por 9 das 10 capitais previstas, a turnê *Tempo Rei* embarcava em um desafio inédito. Em vez dos estádios concentrando dezenas de milhares de pessoas, Gil e sua comitiva de talentosos parentes embarcavam no MSC Preziosa, navio de cruzeiro com 332 metros de comprimento e pesando pouco mais de 139 mil toneladas. Aproveitando o final da primavera com clima de verão, a oportunidade de ver o lendário artista em alto-mar nasce de uma colaboração da produtora 30e junto a PromoAção. Para os fãs, o espaço reduzido diminui a distância das arquibancadas, cadeiras e pistas nos shows de arena, podendo ter a certeza que, mesmo longe da planície, está a algumas cabines de distância do ídolo – não apenas dele, mas de uma extensa lista de convidados, como o filho e netos que compõem o trio Gilsons, além de convidados externos como Jorge Vercilo e Mãeana, estes inéditos na turnê.

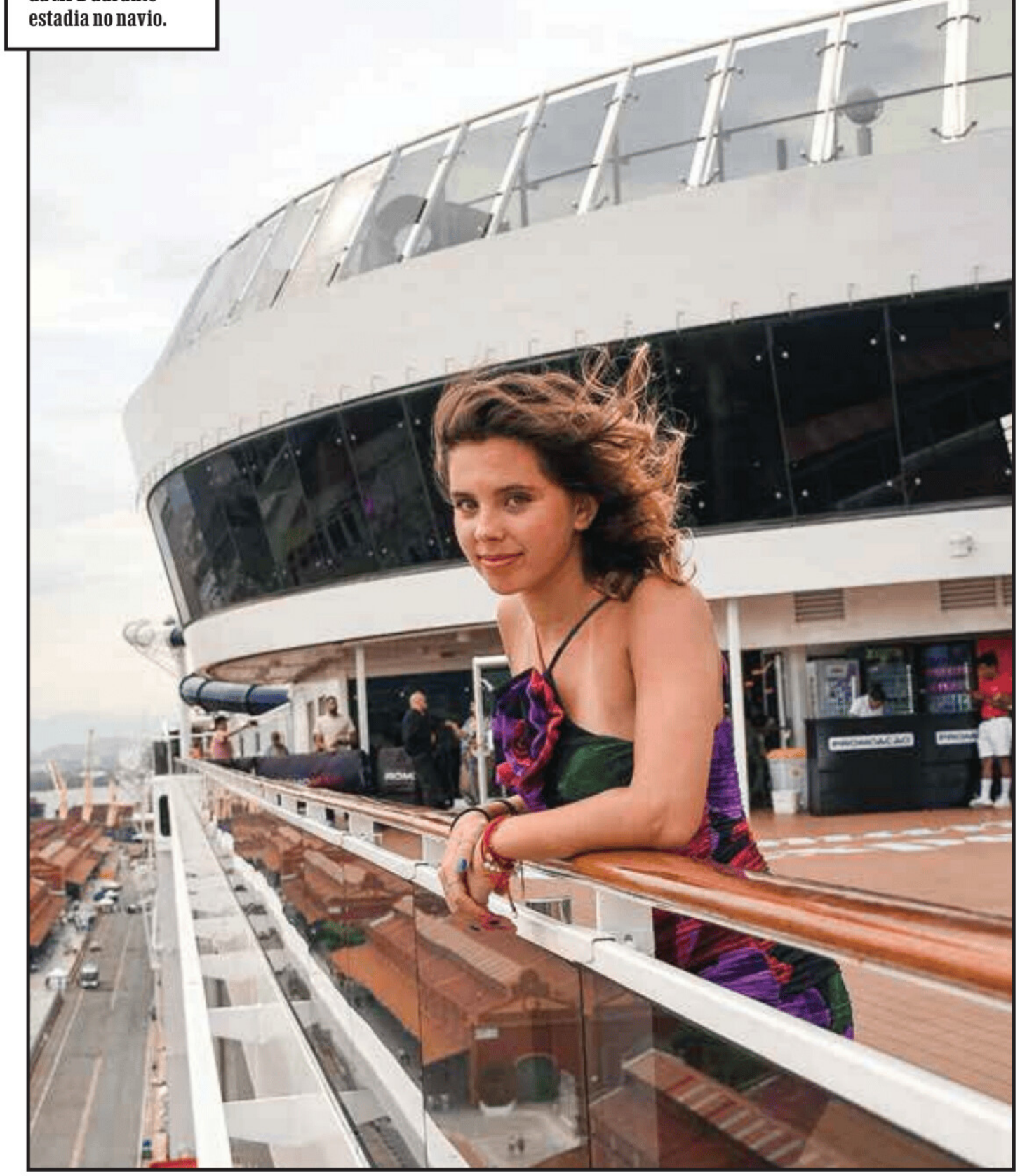
Caras repetidas também foram anunciadas, como Nando Reis e a neta Flor Gil, agregando ainda mais brilho ao trajeto de 3 noites, partindo em 1 de dezembro de 2025 do porto de Santos, em São Paulo, em um bate-volta para Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Para fazer parte da evento, os passageiros tiveram de reservar cabines que custavam a partir de R$ 4,6 mil por pessoa, cerca de 43% mais caro que um cruzeiro de mesmo trajeto na mesma época do ano. O headliner só embarcou no segundo dia, já na capital fluminense, sendo recebido com aplausos de centenas de passageiros que se aglomeravam nas varandas das cabines com vista. Recepcionado pelo capitão da embarcação junto ao apresentador Eri Johnson, que grava um especial para seu programa na *Band*, Gil brindou com taças de espumante junto a esposa Flora. Um marco luxuoso que contrasta com a simplicidade do cantor, que vestido confortavelmente, deixava o documento de identidade aparente no bolso frontal da camisa quadriculada.

Com o navio atracado no Pier Mauá, na região turística do Porto Maravilha, os passageiros que não desceram para aproveitar a capital puderam ouvir Gil na passagem de som. Um privilégio que, em algumas datas, foi disponibilizado apenas para compradores do ingresso VIP.

FOTOS: AGNEWS, WILL DIAS / BRAZIL NEWS

Revistas.PeruRadio.net.pe

Flor aproveitou para lançar um EP com regravações da MPB durante estadia no navio.



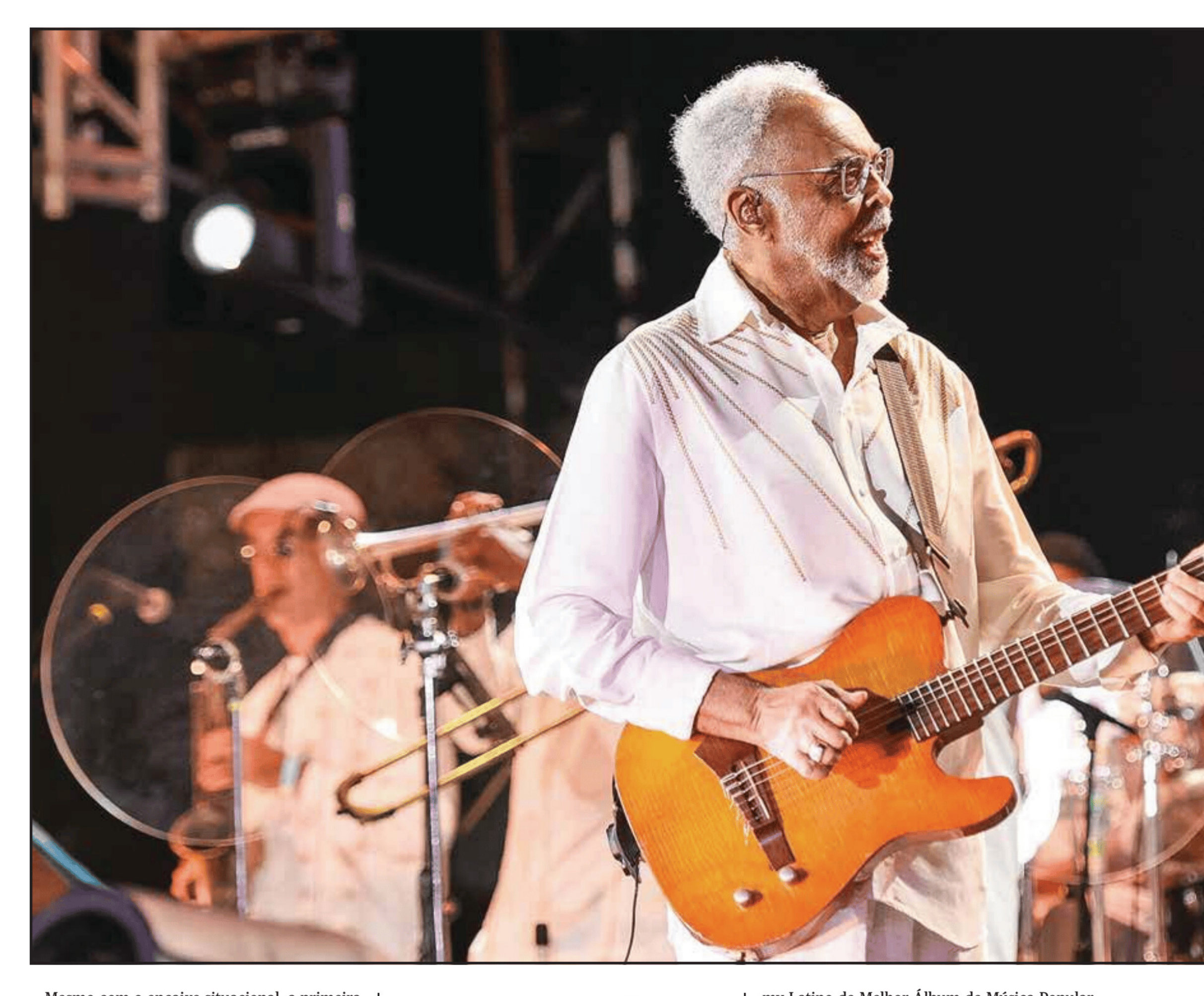
O teste deu um gostinho da apresentação do dono da festa, que precisou atrasar duas horas devido a uma forte chuva sobre o convés onde o palco estava montado. O musical teve início de noite, promovendo um set reduzido em comparação com as mais de 3 horas das outras paradas da turnê. Parado ao lado do Museu do Amanhã, o pôr-do-sol com vista ao mar acabou não ocorrendo, iniciando a performance com o céu completamente escuro – mas preparado para imprevistos, com um poderoso aparato de iluminação e dois telões auxiliares, mesmo com Gil colado na plateia. Também foram as únicas ocasiões da turnê onde Gil cantou apenas com a própria banda e familiares do início ao fim, com os Paralamas do Sucesso e João Gomes responsáveis por fechar a segunda noite, além de Elba Ramalho e Liniker na terceira.

À *Rolling Stone Brasil*, Gilberto Gil confidencia que não era inédita a apresentação em alto-mar, porém foi sua estreia como atração principal: "Me apresentei pela primeira vez em

A NETA FLOR, DE 17 ANOS, SEGUROU O PÚBLICO EM SIDESHOW ANTES DO AVÔ

um cruzeiro há uns dez anos. Eu era uma das atrações, bem no início desse modelo de apresentações em navios que virou rotineiro dos verões brasileiros. Vários artistas foram fazendo e o público foi se acostumando também a associar essa dimensão do turismo com o entretenimento musical". Dessa vez acompanhado da família — tanto em sideshows e quanto no mesmo palco —, as datas foram anunciadas em maio, nove meses após o anúncio da *Tempo Rei* em solo, feito em agosto de 2024. À altura do início das vendas de cabines, os seis primeiros shows terrestres já tinham sido realizados, obrigando alocar as datas do navio em um intervalo que seria de férias para a produção, antes mesmo do anúncio de extensão até 2026. "Eu já conhecia a dinâmica, foi uma questão de acertar detalhes, arrumar questões logísticas, data, programação. Pra mim, foi interessante aceitar o convite e poder voltar a navegar", acrescentou o músico baiano.

Revistas.PeruRadio.net.pe



Mesmo com o encaixe situacional, a primeira apresentação coincidiu com o Dia Nacional do Samba, enaltecido pelo diretor artístico da turnê Rafael Dragaud logo após o primeiro concerto, em depoimento pelas redes sociais: "Essa cultura é mais do que um gênero musical. Desse povo que foi sequestrado lá na África e veio para cá, nessa diáspora africana, e em resposta a tanta violência, respondeu com cultura. Uma característica sagrada". Dragaud foi escolhido a dedo pela Gege Produções, que administra a carreira do cantor baiano. Ex-diretor-executivo do núcleo de variedades da *TV Globo*, já havia dirigido o especial *Ivete, Gil e Caetano* na emissora, transmitido em 2011 e que, no ano seguinte, conquistou o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira. À *Rolling Stone Brasil*, ele classificou a adaptação da fase marítima da turnê como um desafio, tendo a maior dificuldade em diminuir para um palco intimista um espetáculo tão grandioso: "Para a gente, foi quase um *Tiny Desk*", brincou. Mudanças pontuais possibilitaram uma experiência igualmente rica na identidade visual, com Rafael revelando que teve de usar o oceano a seu favor para ajustar as ideias ao desenho do palco no navio, intensamente estudado por ele. Na redução, o vórtex, espiral de led que sobrepõe os músicos, foi removido dos elementos cênicos para que "não fosse usado pela metade e resultasse numa paródia dele", além de mudar o es-

"O QUE NÃO ABRIMOS MÃO FOI DA MÚSICA: VIERAM TODOS OS INTEGRANTES DA BANDA"

FOTOS: WILL DIAS / BRAZIL NEWS, AGNEWS, GEOVANE PEIXOTO

Revistas.PeruRadio.net.pe

Em registros de Salvador, antes da estreia da turnê, Rafael ajusta detalhes com Gil, Bem e Flora.

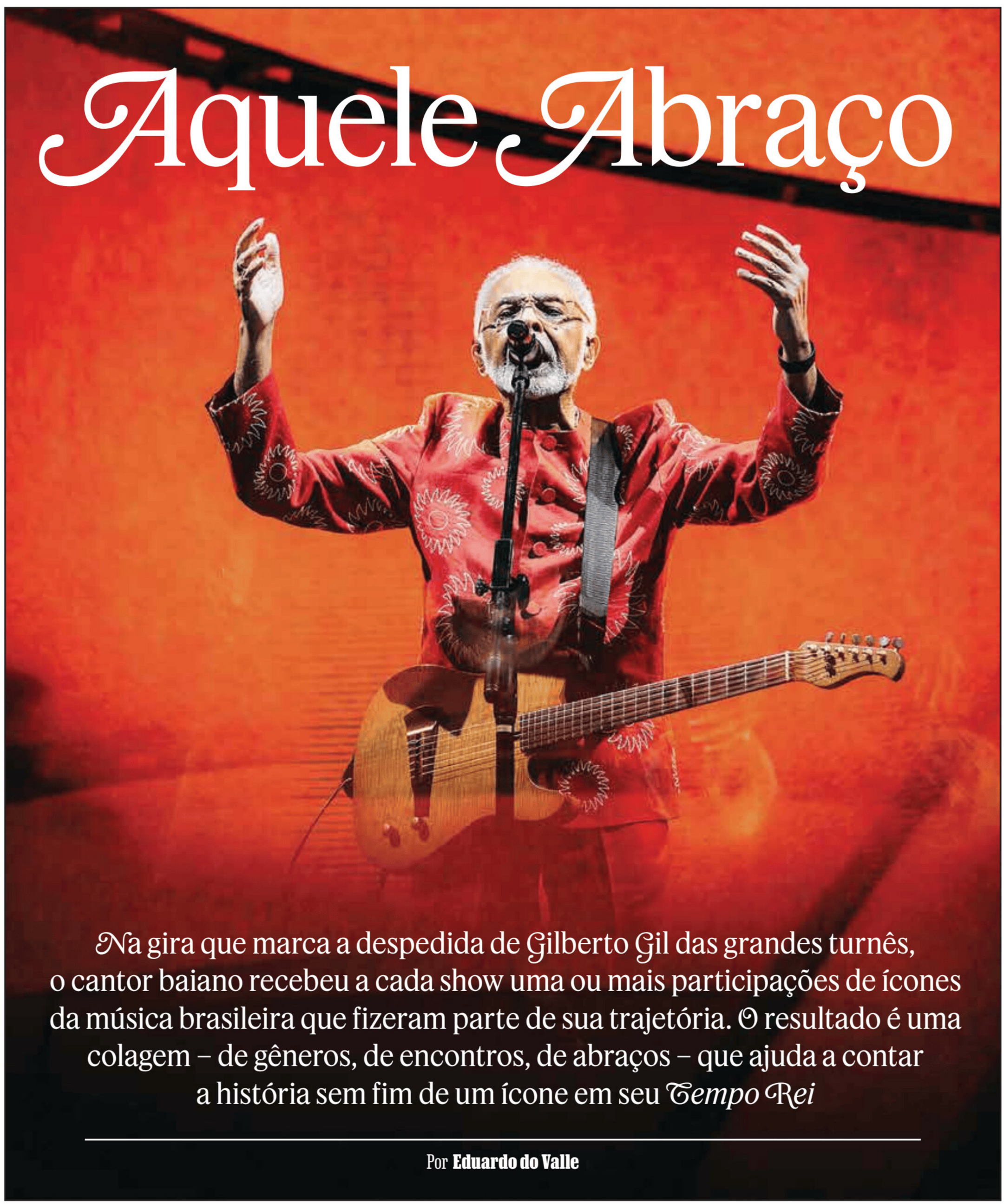
quema de luzes, que salvou a festa com o atraso da chuva. "O que não abrimos mão foi da música: vieram todos os integrantes da banda, sem exceção!", acrescentou, agora com os instrumentos mais juntinhos fisicamente.

A parte visual conta com um extenso trabalho de pesquisa sobre as fases da carreira e acervo do Instituto do artista, com Rafael tendo "muita liberdade" por Gil e Flora para transcrever o setlist na composição das cores e imagens: "Muita mesmo, acho que por saber do meu compromisso com certas coisas". Na faixa "A gente precisa ver o luar", explorou a geometria, em uma experiência única em ter o luar iluminando o navio. Em "Cálice", ilustra os painéis com imagens históricas, indo além em "Drão", que revelou a descoberta de rolos de filme tipo Super 8mm, com a restauração de imagens inéditas do músico junto a terceira esposa, Sandra Gadelha, durante a infância dos filhos Pedro, Maria e na época do nascimento de Preta, com quem o diretor foi casado por oito anos. "Foi um processo muito coletivo de criação. E tudo passou pelas mãos mágicas e elegantes do Estúdio Radiográfico". Aos menos inteirados em design, o estúdio é o mesmo responsável pela reestruturação da identidade visual dos canais *Futura* e *Multishow*, assinando também a cenografia da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

Quem cuida do casting estrelado da turnê é Bem Gil, regendo a diversidade musical junto a mãe Flora, a quem Dragaud atribui a "ideia genial de ter convidados surpresa". Um deles protagonizou uma emocionante cena na última data em solo; quatro dias antes do cruzeiro partir, Geraldo Azevedo subiu no palco Classic Hall, na terceira apresentação em Recife, e cantou "Ágil Passarinho", canção composta em homenagem ao dono da festa, que foi às lágrimas. A adição conversa com trajetória musical: "É uma curadoria muito afetiva de artistas que têm conexão real com Gil e a história dele, de alguma forma. E como a obra do Gil vai do baião ao rock, do reggae ao samba, cabe todo tipo de artista!"

Revistas.PeruRadio.net.pe

Aquele Abraço



Na gira que marca a despedida de Gilberto Gil das grandes turnês, o cantor baiano recebeu a cada show uma ou mais participações de ícones da música brasileira que fizeram parte de sua trajetória. O resultado é uma colagem – de gêneros, de encontros, de abraços – que ajuda a contar a história sem fim de um ícone em seu *Tempo Rei*

Por **Eduardo do Valle**

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

O encontro de Gil e BaianaSystem no palco não é exatamente uma novidade. Trupe e lenda já cruzaram caminhos algumas vezes. Na primeira, em 3 de novembro de 2019, rendeu até disco. Em 2023, um novo encontro, dessa vez marcando a estreia do festival Doce Maravilha, no Rio.

Ainda assim, quem acompanhava a estreia da turnê *Tempo Rei* na Arena Fonte Nova, Salvador, não poderia imaginar o impacto da participação de Russo Passapusso no palco, cantando a dobradinha "Emoriô" e "Dia da Caça" com Gilberto Gil.

À *Rolling Stone Brasil*, Russo entregou: "Quando estou com Gil me abasteço de um som que alimenta minha alma. Um som que tem um quê de sol. Que ilumina e energiza pelas músicas e pelas mensagens que ficam como ensinamentos pra minha vida."

O frontman do Baiana foi o primeiro de uma série de participações que fariam da turnê, além de um acontecimento, uma revisão histórica da carreira de Gil. Ou, nas palavras de Russo, "é a consciência de um último show sendo chamado de recomeço e de permanência viva na música feita por esse momento. Alegria da vida!"

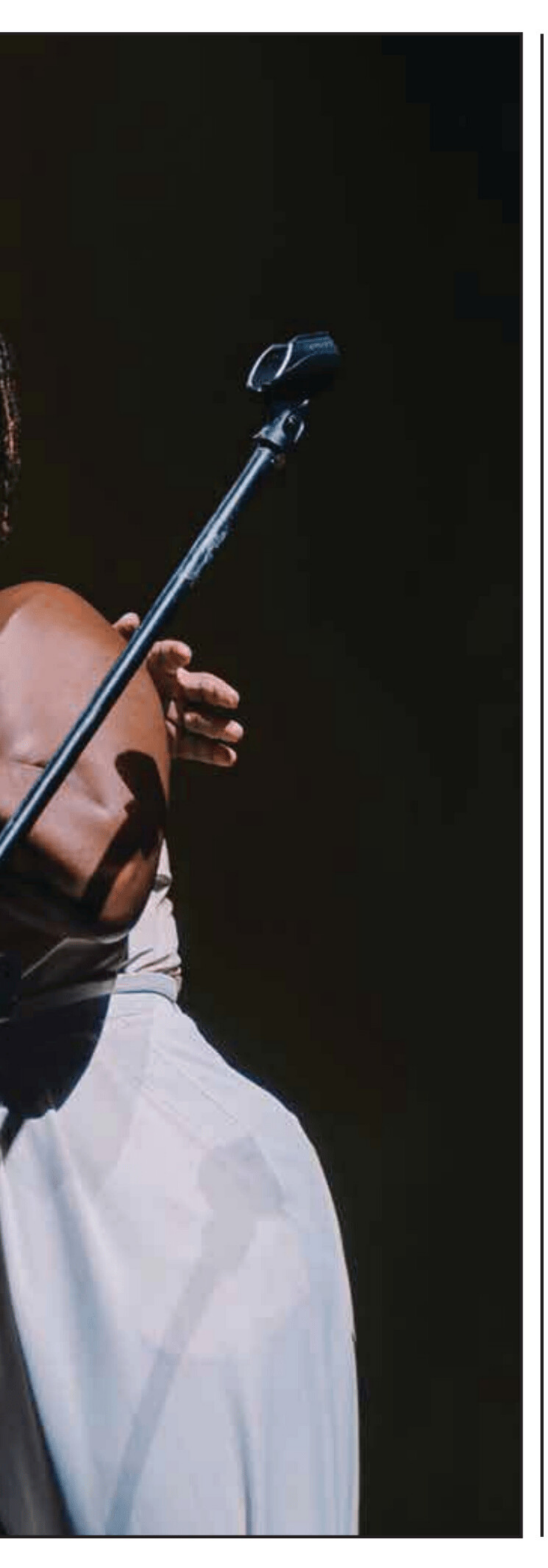
Revistas.PeruRadio.net.pe

Margareth Menezes tinha migrado há pouco tempo do teatro para a música no final dos anos 1980, sempre cercada de prestígio, desde então. O talento não passou batido por Gilberto Gil e Dominguinhos, que a escolheram para apresentar-se ao lado da dupla em uma série de espetáculos em 1989.

Apesar das várias páginas em comum nas duas carreiras, a lembrança foi justamente a escolhida pela ministra da Cultura nos bastidores de *Tempo Rei*, para reforçar a importância de estar presente na turnê derradeira do conterrâneo. Relembrando as primeira oportunidades fora do circuito cultural baiano, ela interpretou "Toda Menina Baiana" ao lado do parceiro. À *Rolling Stone Brasil*, ela expandiu as memórias relacionadas ao cantor:

FOTOS: DIVULGAÇÃO/3OE/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe



Margareth Menezes

"TODA MENINA BAIANA"

15 de março, Casa de Apostas Arena Fonte Nova, Salvador

"A vida e suas histórias, né? Eu, como Gil, no Ministério da Cultura. Na época dele, foi a primeira vez que eu vi, por exemplo, o Ministério da Cultura congregar artistas na cidade. Tiveram reuniões lá com o Juca [Ferreira, ex-secretário], com o Gil, naquele negócio do 'do-in', massageando os pontos de cultura para acender isso pelo Brasil. Eu participei de todo aquele processo, fui na conferência que foi feita, acompanhando as ações. E vibrando também!

E aí, depois de um tempo, a vida me traz aí essa oportunidade de estar também aqui nesse momento como Ministra da Cultura. Um dia, nós nos encontramos, aí ele falou pra mim: 'Quem diria, né, Margô?'. Pois é, quem diria! Mas seguindo aqui o legado, muita coisa que foi feita naquele momento estamos tendo como alicerce, melhorando e modernizando. Foram construções com estruturas maravilhosas. Tenho que agradecer a ele, ao Juca e aos que vieram antes e deixaram esse caminho. A régua e o compasso servindo pra nós ampliarmos as políticas culturais do Brasil.

Falar sobre Gil em um curto espaço de tempo é uma coisa impossível, né? Para mim, especialmente, que tive, ao longo de minha vida e carreira, tantas oportunidades e tanta generosidade que eu recebi dele, tanto numa ligação mais próxima... Como também ele, com o que ele representa para todos nós, dessa geração que veio justamente depois da geração tropicalista. Foram muitos momentos de grande emoção, de dividir palco. Eu ficava ali louvando Gilberto Gil o tempo todo! E ele, essa pessoa simples, que compartilha opinião. Ele discorda, concorda, diz: 'Ó, Margô, isso não!', ou: 'Ó, Margô, isso sim!'. Tive alguns momentos em que eu recorri a Gil em algumas conversas. Então, tive essa oportunidade. Agradeço muito a Deus, agradeço a família Gil, me sinto um pouquinho parte dessa família.

No começo da minha carreira, tive a oportunidade de ser uma das artistas da empresa de Gilberto Gil, Gege Produções, que teve um escritório na Bahia. Através do empresário, o mesmo empresário do Gil, que era o querido Daniel Rodrigues. Foi a partir daí que tudo se abriu para mim. Pude levar o meu trabalho para fora do Brasil. Foi a primeira vez que eu me apresentei no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Brasília, através do projeto *BASF Chrome Music* – que estava lançando uma fita com dois artistas já conhecidos e trazendo um emergente – e no caso, eu tive isso; Gilberto Gil e Dominguinhos, me apresentando pela primeira vez nesses palcos. São coisas que, naquele momento, a gente nem imagina o tamanho que pode tomar na carreira. É sempre uma emoção e agradeço muito a Deus.

Ele até pode parar de fazer turnê, mas acho que não vai parar de cantar nunca! Para mim, é uma coisa meio impossível! Quando eu estou lá [na Bahia] também, sempre dou um jeitinho de fazer uma visita a ele. Encontrar Gil sozinho, tocando violão, é uma coisa muito especial.

Agradeço muito a ele, a tudo que ele já nos deu e nos dá. Ele fala que a Bahia já nos deu régua e compasso, e através dessa régua e compasso que a Bahia deu a ele, ele abriu caminhos para muitos de nós, para muita gente mesmo. Quero agradecer muito a você, a sua família, a Flora, por tudo. Um beijo no coração. Para mim, você sempre será essa imagem. 'Subo nesse palco, minha alma cheira a talco como um bumbum de bebê'. Sempre será novo. Muito obrigada."

- Margareth Menezes

Revistas.PeruRadio.net.pe

Marisa Monte

"A PAZ"

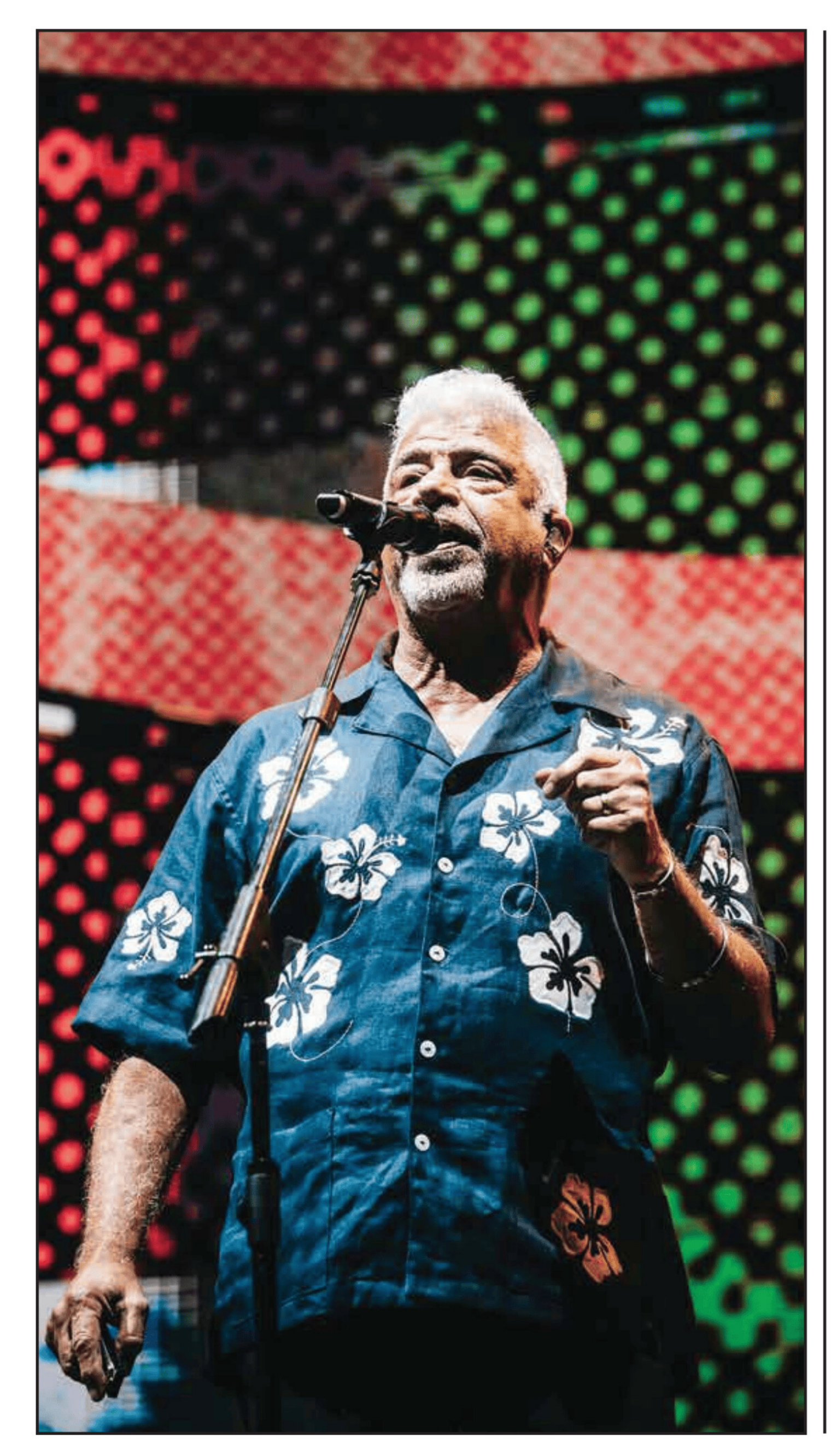
29 de março, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Das seis décadas de carreira celebradas em *Tempo Rei*, Marisa Monte esteve por perto em ao menos três: Gil participa de dois dos álbuns mais importantes do início da carreira da cantora, com vocais e violão em algumas faixas de *Verde, Anil, Amarelo, Cor-de-Rosa e Carvão* (1994) e com a composição de duas faixas de *Barulhinho Bom* (1996). Marisa, por sua vez, abriu diversos shows para Gil na mesma época.

No palco do Rio de Janeiro a dupla cantou "A Paz". E, nos bastidores, Marisa comentou a importância de participar da ocasião: "Se eu tivesse algum compromisso eu ia desmarcar para estar aqui hoje com ele e poder compartilhar esse momento, essa celebração da vida dele, da carreira dele, da história dele, da arte dele, do pensamento, do coração dele, com tanta gente que é importante pra ele, assim como pra mim."

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe



Lulu Santos

"ANDAR COM FÉ"

30 de março, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Lulu Santos e Gilberto Gil colaboram desde 1983, quando o carioca fez uma ponta na gravação de "Punk da Periferia", do disco *Extra* (1983). A energia de Lulu surpreendeu Gil, que fez do fã um compadre dali em diante, seja sobre trios elétricos ou trocando figurinhas em trabalhos como "Doce de Carnaval (Candy All)".

"Era pra ser", resume Lulu sobre a participação no show na Farmasi Arena. Sua passagem, com direito a selinho e gaita, foi para "Andar com Fé", em versão ainda mais animada que o previsto.

"Há música de Gilberto Gil na minha vida inteira. E quando eu era muito mais novo havia uma distância maior. Agora que ele tem 83 e eu tenho 72 a gente não tá mais tão distante assim. E vale a compadragem, né?!"

Revistas.PeruRadio.net.pe

Anitta

"FUNK-SE QUEM PUDER", "AQUELE ABRAÇO"

5 de abril, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Muito antes de Anitta ganhar o mundo com o funk carioca, Gilberto Gil já cantava de "sentir o ímpeto / jogar as nádegas" em "Funk-se Quem Puder" – "e ela pode pode sim", exclamou Gil ao receber a cantora no palco, embalada pelo registro do álbum *Extra* (1983). No palco, a funkstar dançando e cantando com Gil em seu mash-up com "Aquele Abraço". A colaboração marcou mais uma dentre as diversas apresentações da dupla nos últimos anos.

"Eu e Gil já tivemos momentos maravilhosos juntos no palco, na vida, cantando, celebrando, e pra mim fazer parte dessa última turnê é icônico", disse Anitta. "Eu nunca imaginei nem conhecê-lo, nem cantar junto, quanto mais fazer parte desse encerramento maravilhoso. Estou muito honrada!"

FOTOS: DIVULGAÇÃO/3OE/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

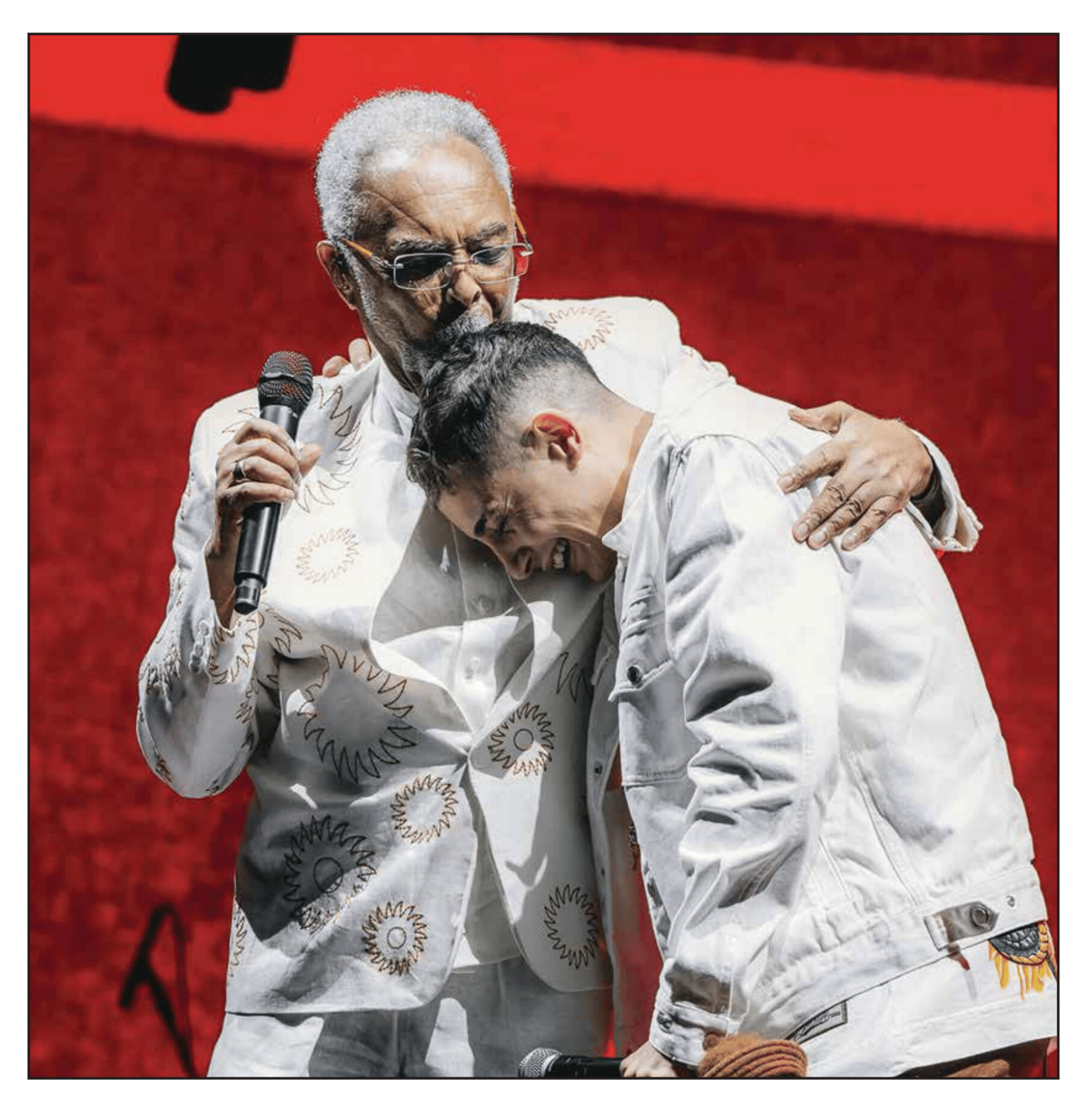
Caetano e Gil não têm uma história: eles são a história. E de tantos momentos, foi "Super-Homem, a canção" a escolhida para figurar no show de 6 de abril na Farmasi Arena. Foi a partir de Caetano e sua admiração com o filme do *Super-Homem* no fim dos anos 1970 que Gil tirou a inspiração para a canção – uma composição que relativiza e subverte, sempre com a sensibilidade esperada, a questão do gênero.

Questionado sobre a participação, Caetano respondeu com a naturalidade de quem já acumula turnês com Gil: "Eu vim ver o show e achei maravilhoso — mas assim, muito. Todo mundo tá achando [*maravilhoso*], novidade nenhuma. Mas aí, quando recebi o convite fiquei super feliz. Pra vir cantar 'Super-Homem' com o Gil. E aqui eu tô, louco pra ver como sai, tomara que eu acerte e que fique à altura de meu mestre". Papo de Super-Homem em dueto de titãs.

"SUPER-HOMEM, A CANÇÃO"

6 de abril, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Revistas.PeruRadio.net.pe



MC Hariel

"A DANÇA"

11 de abril, Allianz Parque, São Paulo

"Minha ideologia é o nascer de cada dia / E minha religião é a luz na escuridão". É com os versos de abertura de *Dia Dorim, Noite Neon* (1985) que MC Hariel abre os versos de "A Dança", lançamento de 2024 com a participação de Gil.

Foi cantando o funk gilbertiano que Hariel entrou no palco do primeiro show de *Tempo Rei* em São Paulo, dia 11 de abril. A composição do hit teve o cuidado do próprio veterano, que canta seus versos: "Menino, quando eu tinha sua idade, eu já cantava 'Roda' e 'Procissão'. Agora, veterano da cidade, lhe encontro funkeando em contramão. Menino, nesse bonde do destino, superlotado como a barca de Noé, não é só decepção, nem desatino. Há de crer no ser, na luz e na fé".

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Arnaldo Antunes

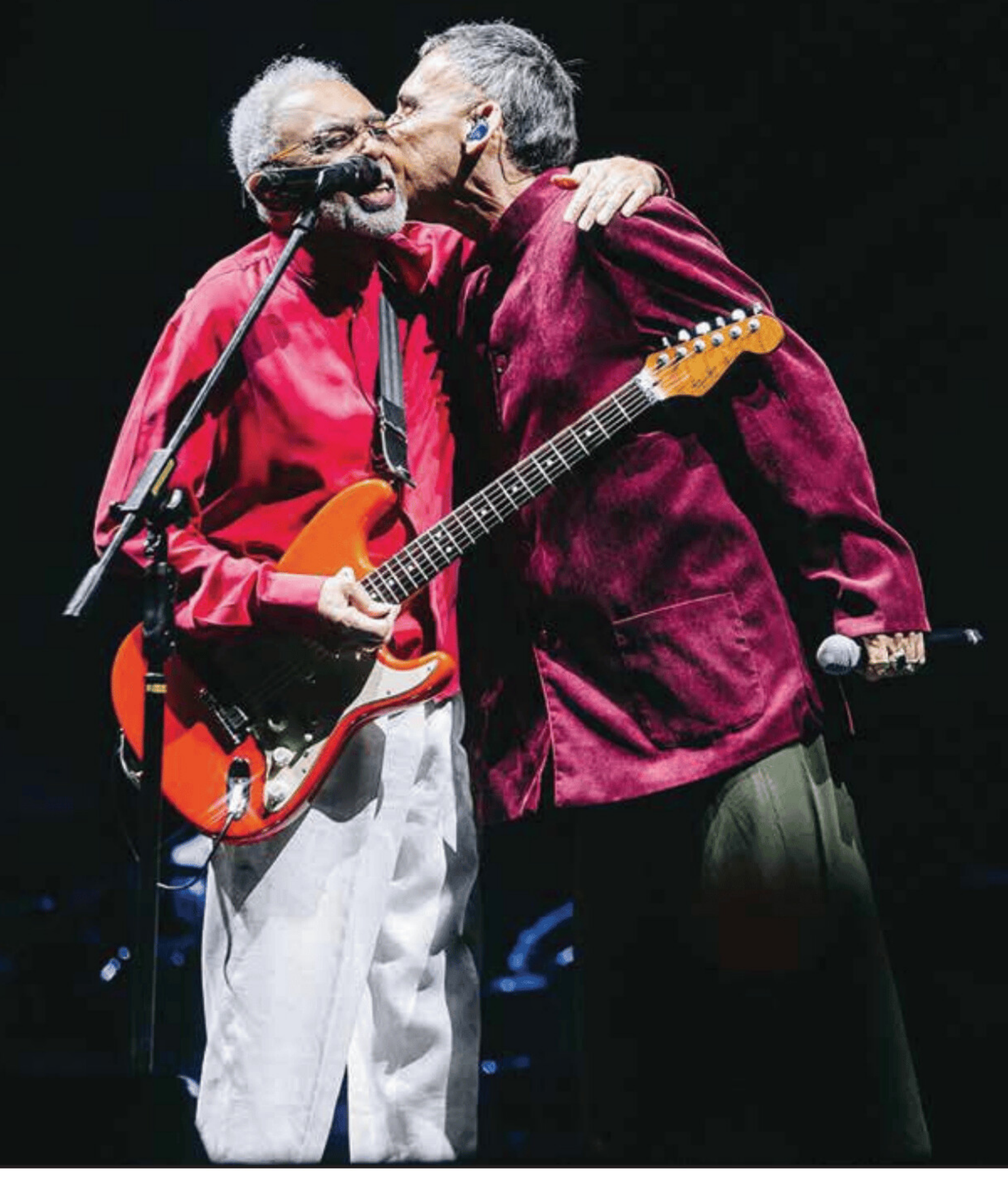
"EXTRA II (O ROCK DO SEGURANÇA)"

12 de abril, Allianz Parque, São Paulo

Arnaldo Antunes é um dos pouquíssimos créditos além de Gil e Caetano no álbum *Tropicália 2*, de 1993. Divide com Gil a composição "A Coisa" — apenas um de seus vários cruzamentos. É de Arnaldo o texto de abertura de *Todas as Letras*, a compilação de mais de 400 letras escritas por Gil, organizada por Carlos Rennó e relançada em 2022.

"Gil deixa que as palavras se digam, se liguem umas às outras, imantadas pela música, para dizer o que ele tem a dizer", escreve Antunes — outro letrista poderoso, capaz de roubar o verbo do próprio Gil: "Ele está além do que possam exprimir as palavras", resumiu o baiano em relação a Arnaldo em 2019.

Para *Tempo Rei*, a dupla cantou "Extra II (O rock do segurança)", som pesado de Gil de 1984, mesmo ano do álbum de estreia dos Titãs de Arnaldo. "Gil é sempre muito bom, eu acho que é uma turnê histórica, né?! Encerrando as grandes turnês com uma grande turnê", pontuou o paulistano.



Revistas.PeruRadio.net.pe

Sandy

"ESTRELA"

12 de abril, Allianz Parque, São Paulo

Tem convites que não se recusam. Cantar com Gilberto Gil é um deles. Que o diga Sandy, que interrompeu seu ano sabático para participar da apresentação de *Tempo Rei* em São Paulo. A artista, que já cantou outras vezes com o mestre baiano, foi convidada ainda em 2024 para integrar as participações da turnê. Imediatamente, todos os outros planos ficaram para depois:

"Eu nem sabia o que ia fazer, em que data... falei 'vou, eu faço meus outros planos em volta disso'. E eu tô no meu sabático, né?! Não tô aceitando convite nenhum. Mas para vir cantar com o Gil eu tinha de aceitar, porque é uma grande emoção, uma grande honra, eu espero estar à altura dessa confiança que ele depositou em mim", disse a cantora antes de subir ao palco onde surpreendeu a plateia com sua versão de "Estrela".

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

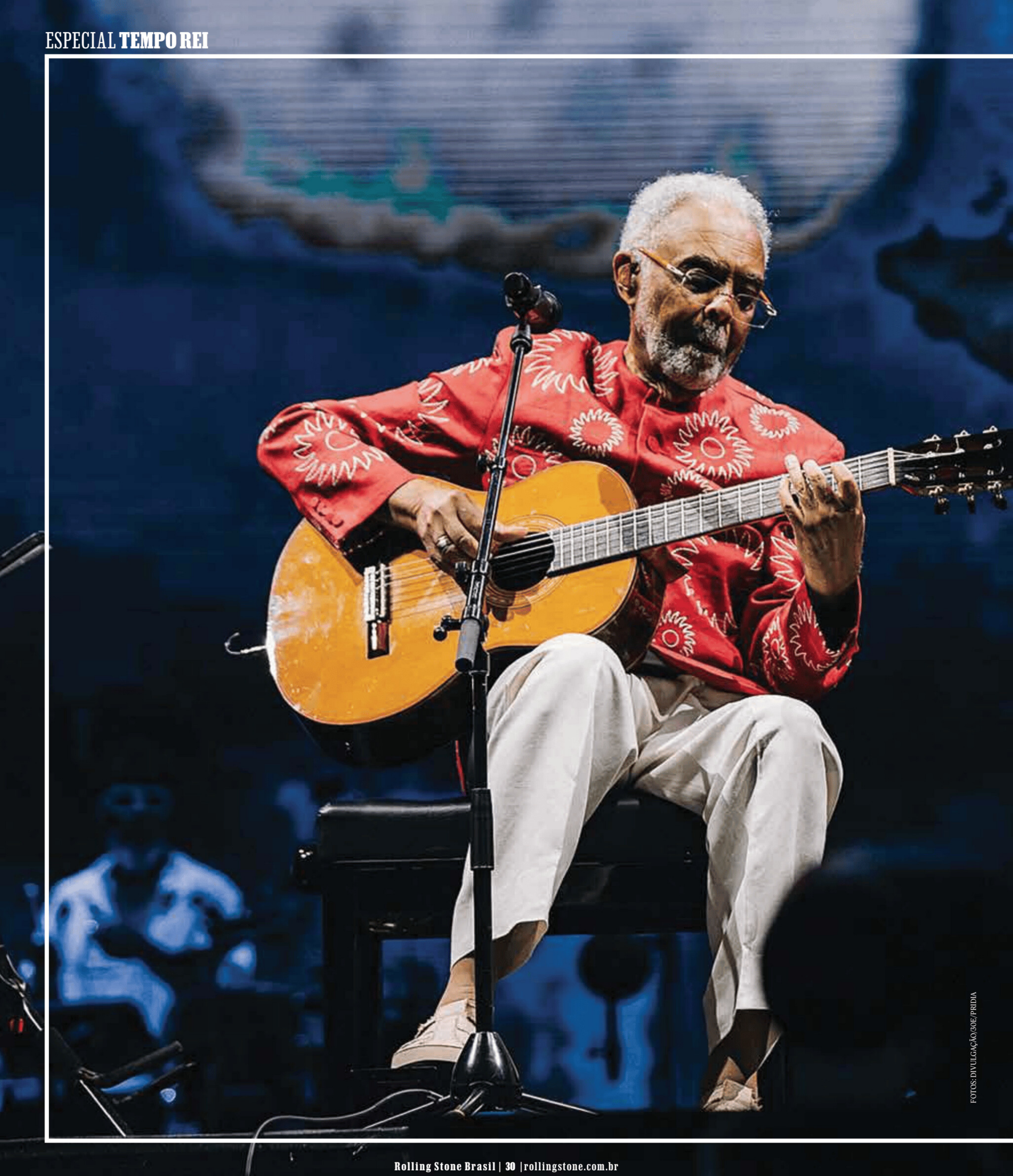
Revistas.PeruRadio.net.pe

Antes de lançar a canção "Deixar Você", do álbum *Um Banda Um* (1982), Gil gravara a versão original "When The Wind Blows" em inglês naquele mesmo ano. O registro acabou nunca sendo lançado oficialmente pelo cantor. Mas partiria dele próprio a sugestão para que Liniker gravasse uma versão repaginada, lançada em julho em 2025.

O contato é apenas um dos que ganharia ainda mais força com a passagem da cantora pelo palco da turnê *Tempo Rei* meses antes, em abril. Por lá, a dupla levantou o astral do Allianz Parque, com sua versão de "Realce".

"Poder ter o Gil como um farol do Brasil no mundo inteiro é uma honra pra gente que é daqui, pra gente que faz música, é uma honra pra gente que acredita e sonha. E eu tô sonhando", emocionou-se Liniker.

Revistas.PeruRadio.net.pe



FOTOS: DIVULGAÇÃO/3OE/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Preta Gil

"DRÃO"

26 de abril, Allianz Parque, São Paulo

O show de 26 de abril no Allianz Parque em São Paulo ficaria registrado como um dos momentos mais marcantes da turnê *Tempo Rei*. Isso porque a ocasião marcou a última grande apresentação de Preta Gil, que faleceria menos de três meses depois, dia 20 de julho, aos 50 anos.

A cantora, que tratava um câncer no intestino desde 2023, tinha ganhado alta alguns dias antes do show no Allianz Parque. Acabou, então, convidada pelo pai a interpretar "Drão", canção original do álbum *Um Banda Um* (1982), dedicada por Gil a Sandra Gadelha, mãe de Preta.

Sentada ao lado do pai, Preta foi ovacionada pela plateia. Em um registro da turnê, ela comentou a emoção de participar do espetáculo: "É uma troca, um momento em que eu venho aqui reverenciar ele, em primeiro lugar. Reverenciar toda essa história linda que é contada nesse espetáculo. É muito forte toda vez que nós cantamos juntos, especialmente essa música que ele fez para a minha mãe quando eles se separaram e tem um simbolismo muito grande para mim. Então é emocionante."

Revistas.PeruRadio.net.pe

Nando Reis

Em 2016, Nando Reis foi convidado por Gilberto Gil para um show em Brasília em homenagem ao centenário de Ulysses Guimarães. Com direção da dupla e do produtor Marcus Preto, o espetáculo contaria ainda com a presença de Gal Costa. De tão intenso, resultou no espetáculo *Trinca de Ases*, que rendeu umas duas dezenas de shows no Brasil e na Europa, faixas inéditas e até um álbum homônimo.

Uma das músicas do espetáculo foi "A Gente Precisa Ver o Luar", composição de Gil, para a qual Nando foi convidado em um dos shows mais marcantes da turnê *Tempo Rei*. "É uma canção que tem uma importância enorme na minha vida, me sinto lisonjeado, agradecido, abençoado, milhões de sinônimos dessa coisa maluca que é a vida", disse o roqueiro nos bastidores do show.

"A GENTE PRECISA VER O LUAR"

26 de abril, Allianz Parque, São Paulo

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Djavan

"ESTRELA"

31 de maio, Marina da Glória, Rio de Janeiro

É de Djavan a "Sina" que Gil incluiu em *Parabolicamará* (1991). É de Gil o "Palco" com que Djavan encerra *Ária* (2010). A lista segue. "Eu não podia estar fora desse momento, porque o Gil está na minha vida desde que eu comecei, eu ainda em Maceió", disse o cantor.

Quando subiu ao palco da Marina da Glória, o músico alagoano cantaria "Estrela", celebrada pelo próprio Gil como uma de suas melhores composições. Mais que apropriado a um dos maiores compositores, que tem o mestre baiano como uma de suas grandes inspirações: "Literariamente o Gil sempre foi muito importante pra mim", afirmou Djavan.

Revistas.PeruRadio.net.pe

Chico Buarque

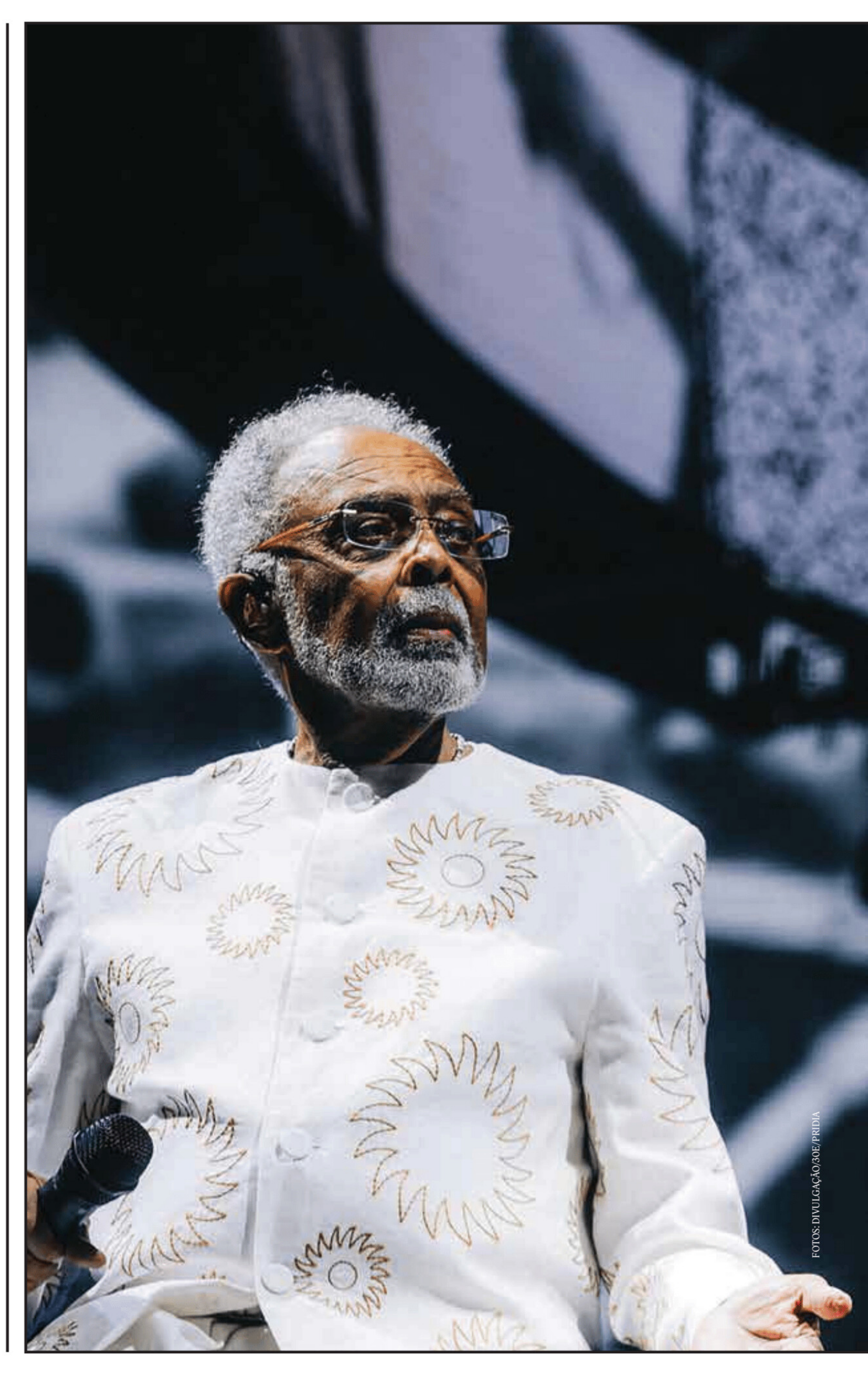
"CÁLICE"

1º de junho, Marina da Glória, Rio de Janeiro

Chico Buarque foi o convidado de Gil na data extra anunciada na capital fluminense. E, surpreendendo ao público que reagiu emocionado, a dupla cantou "Cálice", hino de resistência de autoria dos dois.

Emblema de um momento dramático da ditadura militar brasileira, a música foi composta em 1973. Acabou censurada ao vivo por fiscais federais em uma apresentação de Gil e Chico no evento Phono 73, da Philips, em maio daquele ano. Acabaria liberada apenas cinco anos depois, sendo incluída no álbum *Chico Buarque* (1978).

Sobre a resistência de Gil à ditadura, Chico disse, em passagem pela turnê: "Me impressionou muito a serenidade do Gil, como se ele soubesse sempre que o tempo, o *Tempo Rei*, lhe daria razão."



FOTOS: DIVULGAÇÃO/SOE/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe

Alexandre Carlo

"EXTRA"

7 de junho, Arena BRB Mané Garrincha, Brasília

Natiruts e Gilberto Gil já cruzaram caminhos algumas vezes ao longo das últimas décadas. Gil esteve no registro *Natiruts Reggae Brasil*, de 2015, bem como na faixa "Verde do Mar da Angola", do álbum *I Love* (2018).

A sinergia dos trabalhos foi celebrada novamente na passagem de *Tempo Rei* por Brasília, onde Gil se uniu a Alexandre Carlo para uma performance de "Extra". Quem passou pela Arena BRB Mané Garrincha viu a dupla emular uma versão para lá de deluxe de um dos maiores sucessos reggae da carreira de Gil. "Tive minha carreira toda dentro do reggae e o Gil que foi o cara, em grande escala, responsável por trazer essa tecnologia da Jamaica pra cá e traduzir isso em português para todo mundo escutar", comentou Alexandre nos bastidores do show.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Samuel Rosa

"VAMOS FUGIR"

14 de junho, Mineirão, Belo Horizonte

Gilberto Gil já pesquisava o reggae há pelo menos uma década quando compôs "Vamos Fugir", do álbum *Raça Humana* (1984), ao lado de Liminha. Originalmente escrita em inglês ("Gimme Your Love"), ela nasce de uma viagem que o baiano fez a Kingston, onde se debruçou sobre a obra de Bob Marley e chegou a gravar suas próprias canções com o The Wailers no lendário estúdio Tuff Gong.

Primeira faixa do lado B de *Raça Humana*, a música integraria, inclusive, a setlist da participação de Gil no primeiro Rock in Rio, em 1985. Seu sucesso permanente, marca do legado do cantor sobre o reggae, ganharia inúmeras regravações. Uma das mais célebres em 2004, na voz de Samuel Rosa, do Skank. A música foi o primeiro single do álbum *Radiola* e emendou até campanha publicitária.

Ao desembarcar no Mineirão, no último dia 14 de junho, foi Rosa quem subiu ao palco de Gil para relançar o hit, regravado em 2024 pela dupla, em seu segundo encontro em estúdio. "[*Participar da turnê Tempo Rei*] é isso que todo mundo imagina, um dos melhores momentos dentro da minha carreira", disse Samuel. "O Gil é a cultura brasileira, é a mescla, ele personifica essa mescla do que a gente é, culturalmente, como povo."

Revistas.PeruRadio.net.pe

Marjorie Estiano

"NÃO CHORES MAIS (NO WOMAN, NO CRY)"

5 de julho, Arena da Baixada, Curitiba

"Absolutamente inesperado." Marjorie Estiano não nega a surpresa ao receber de Flora Gil o convite para participar da turnê *Tempo Rei*. "O Gil é o maior músico, a maior figura brasileira. Corta para Flora me chamando para fazer parte do show. Aí eu falei "claro, quando?" Só que eu tava apavorada."

Celebrada por sua carreira na dramaturgia, que inclui uma indicação ao Emmy Internacional como Melhor Atriz, Estiano começou sua carreira na música. Ainda assim, o que se seguiu ao convite foram dois meses de preparação intensa, que valeram para a performance animada do reggae "Não Chores Mais (No Woman, No Cry)" na Arena da Baixada, em Curitiba. Ao comentar o convite, Marjorie se emociona: "Que privilégio, que honra, não só de ser contemporânea dessa figura, dessa pessoa, como poder chegar perto, assim, dividir o palco com ele, ter o privilégio de ter, de tocar, de falar", disse a curitibana.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Em 2021, Gilberto Gil seguiu para uma turnê de dois meses na Europa, a *Gil In Concert*, que começou em Dijon, na França, e encerrou em Santarém, Portugal. Junto ao artista, quem embarcou foi Adriana Calcanhotto, que abriu os espetáculos da turnê do baiano, seu ídolo. A ocasião deu samba: "EloGil", composição da dupla em homenagem ao baiano.

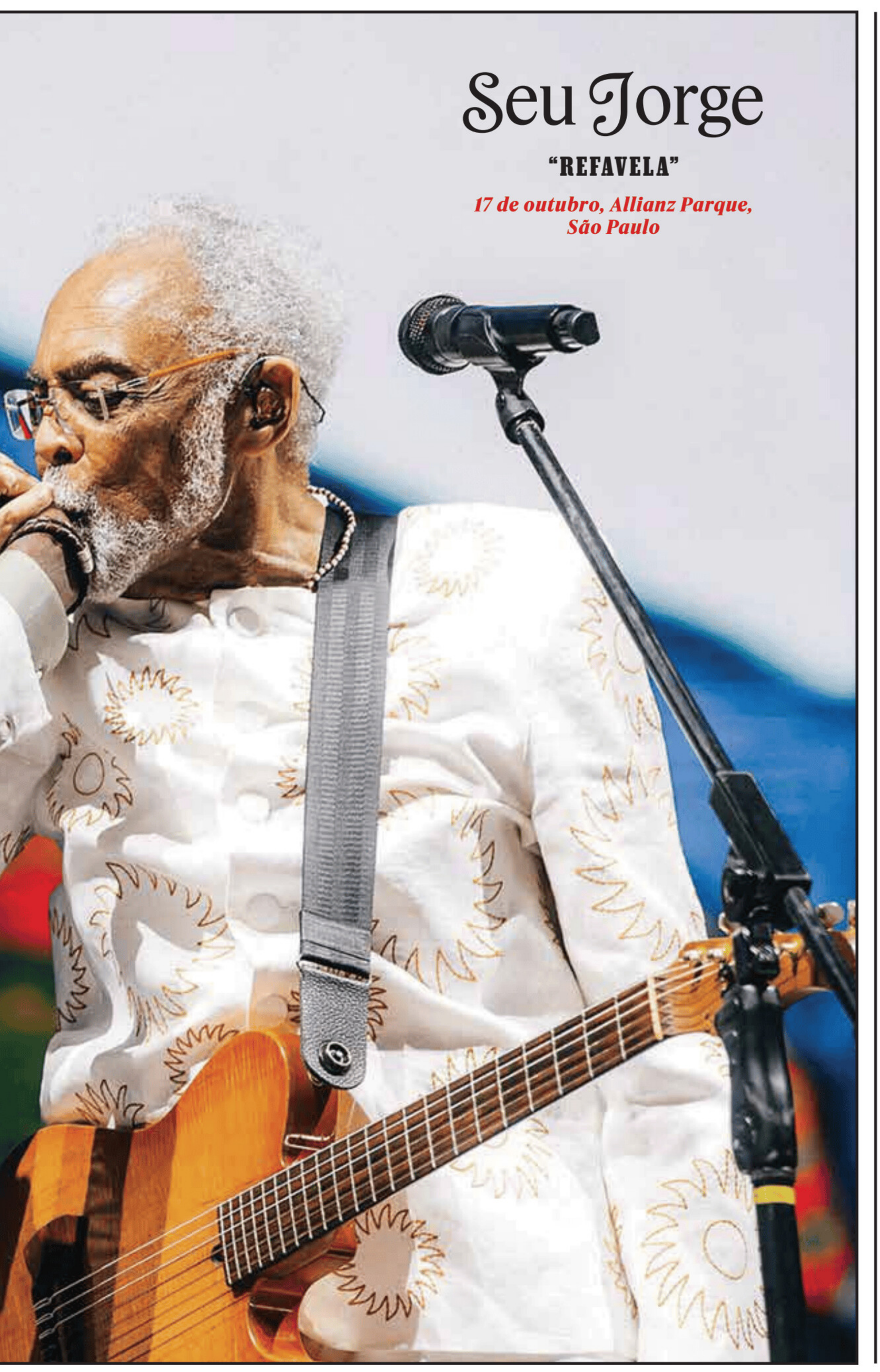
Quando retomou a turnê *Tempo Rei* em Porto Alegre em setembro, foi a gaúcha que Gil procurou. No show do Beira Rio, no entanto, o banquinho e o violão deram espaço à guitarra e à percussão, com direito a dedo em riste, em "Punk da Periferia".

"A gente já fez muitos encontros e eu gosto muito de estar com ele, a gente tem uma química, uma coisa no palco muito interessante", disse a cantora, sem esconder a admiração. "Além de compositor, do músico, do artista, ele é uma pessoa com quem eu aprendo muito."

Revistas.PeruRadio.net.pe

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe



Seu Jorge

"REFAVELA"

17 de outubro, Allianz Parque, São Paulo

Nem mesmo a chuva da sexta-feira, 17 de outubro, bastou para impedir Seu Jorge de curtir com Gilberto Gil. O carioca é, afinal, fã confesso. Seus préstimos ao mestre baiano incluem a performance de "Aquele Abraço", que apresentou ao lado de Marisa Monte, no encerramento dos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres, anunciando a edição brasileira do evento, quatro anos depois.

Convidado ao palco pelo ícone, Jorge sambou, tocou flauta e fez de "Refavela" um dos pontos altos do show. À *Rolling Stone Brasil*, o cantor comentou sobre a importância de ser essa a música, dentre todo o extenso repertório de Gil, a escolhida para ele interpretar na turnê *Tempo Rei*:

"Dentre muitas músicas que gosto, fiquei muito feliz de ter sido escolhido para cantar essa, porque eu me encontro muito nesse lugar de 'Refavela'. Eu me sinto 'Refavela'. Me sinto saindo do gueto para ir morar na minha casa numa condição melhor."

Parte da trilogia *RE*, que ainda inclui *Refazenda* (1975) e *Realce* (1979), *Refavela* (1977) resgata a experiência de Gil em Lagos, na Nigéria, e seu diálogo com a música diaspórica. A informação, naturalmente, não passou batida por Seu Jorge, que seguiu celebrando a escolha:

"Quando eu penso 'Refavela', eu penso na esperança que a gente vai nutrir todo dia, que o povo brasileiro tem, de dias melhores. Acho que é isso que essa música anuncia. Sobretudo para o povo preto e sobre a história que ele conta, da passagem que ele teve em Lagos, na Nigéria, fonte de inspiração para ele nessa música. Quando ele me escolhe, naquele momento, eu me sinto um corpo político."

No backstage da apresentação, o cantor fluminense reiterou a reverência e a gratidão pelo convite para participar da turnê *Tempo Rei*: "Meu Deus do céu, isso é uma honra muito grande, é um privilégio receber o convite de um orixá como o Gil, né?! E ele sempre será a minha música, o porto seguro da música bonita do Brasil, é a morada da poesia o Gilberto Gil, nele mora a poesia, mora o ritmo, mora a melodia, mora a grande canção nele."

Revistas.PeruRadio.net.pe

Roberto Carlos

"A PAZ", "ALÉM DO HORIZONTE"

18 de outubro, Allianz Parque, São Paulo

No fim de 2024, Gilberto Gil surpreendeu a audiência da TV Globo quando fez uma participação no especial de fim de ano de Roberto Carlos. A ocasião era célebre: o show marcava a comemoração de 50 anos do Rei na emissora. Na apresentação, Roberto e Gil interpretaram "Vamos Fugir" e "A Paz", acompanhados por um Allianz Parque lotado, em São Paulo.

Onze meses depois foi Gil quem convidou Roberto ao mesmo palco, também no Allianz. Mais uma vez, a surpresa total da plateia, que celebrou com gritos e palmas a presença do ícone da Jovem Guarda. Aqui, os cantores repetiram o dueto do ano anterior com "A Paz", mas interpretaram também "Além do Horizonte", sucesso de Roberto e Erasmo Carlos de 1975.

"Recebi esse convite com muita alegria, fiquei muito contente em ser convidado para participar do show do Gil e realmente é um privilégio, né?!", disse Roberto nos bastidores.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

IZA

"NÃO CHORE MAIS (NO WOMAN, NO CRY)"

25 de outubro, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Para IZA, o convite para cantar na turnê de despedida de Gilberto Gil é "como ganhar na loteria". E quem conferiu sua passagem pela Farmasi Arena, no Rio de Janeiro, conferiu a felicidade da cantora, que entrou no palco dançando o reggae "Não chore mais (No Woman, No Cry)" e o deixou com uma reverência ao mestre.

À *Rolling Stone Brasil*, IZA garante que iria ao show de qualquer forma. "Não perderia por nada", disse a cantora. "Mas a possibilidade de estar no palco com ele é algo inesquecível, algo que eu vou guardar no coração para sempre e que eu vou mostrar para a minha filha."

Revistas.PeruRadio.net.pe

Carlos Malta

"EXPRESSO 2222"

25 de outubro, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

O ano de 2022 marcou uma celebração dupla para Gilberto Gil: os 80 anos do cantor e os 50 anos do lançamento de *Expresso 2222* (1972), 5º álbum de estúdio da carreira do baiano. As comemorações dos dois marcos incluíram o álbum duplo *Carlos Malta e Pife Muderno em Gil* (2022). Nele, o músico carioca, que trabalhou com Gil entre 2000 e 2004, recriou 25 músicas do repertório gilbertiano. A seleção incluiu, claro, o single de abertura, "Expresso 2222", com participação do próprio Gil – uma parceria repetida no repertório do show na Farmasi Arena, dia 25 de outubro.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Zeca Pagodinho

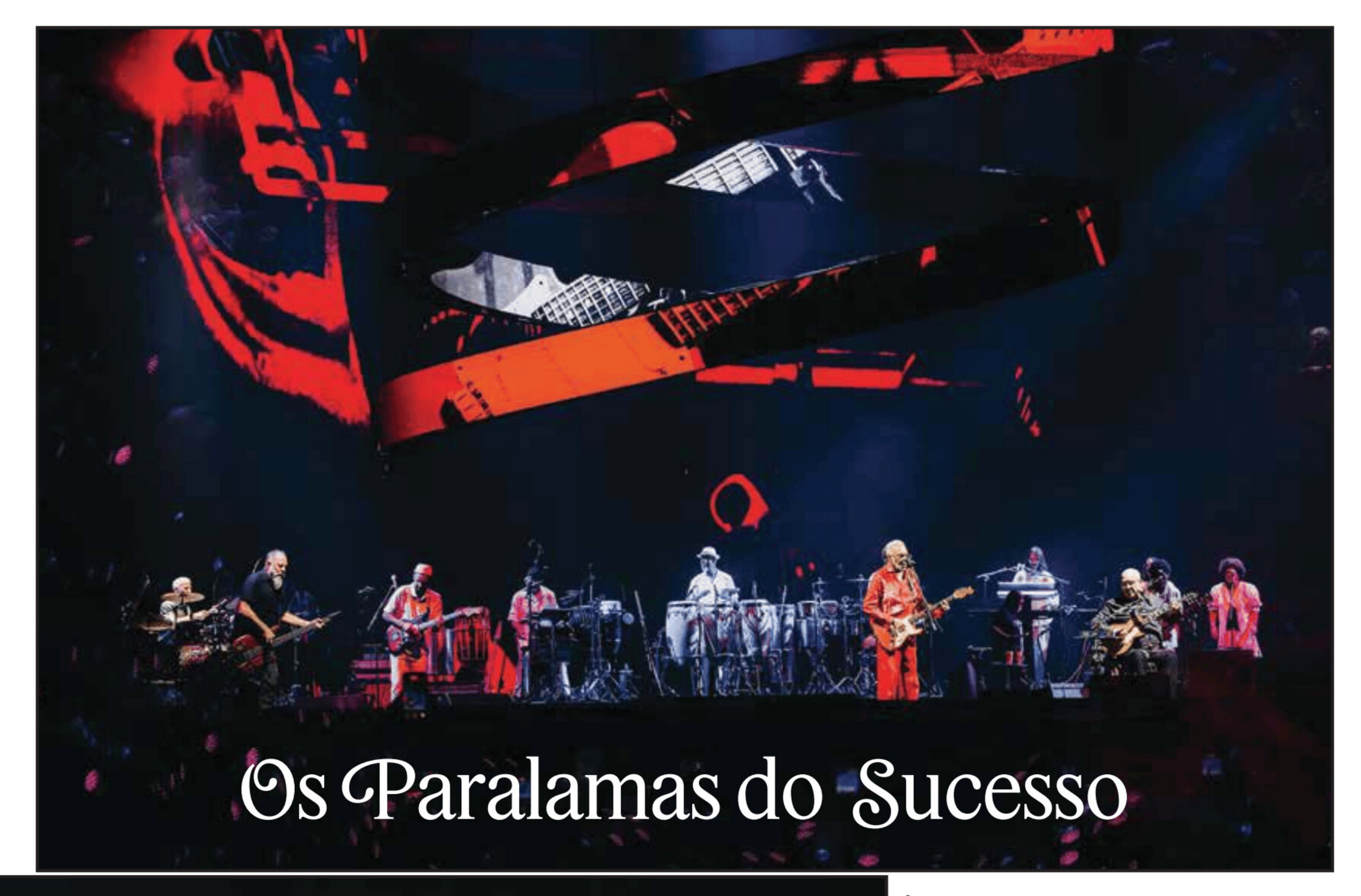
"AQUELE ABRAÇO"

25 de outubro, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Zeca Pagodinho e Gilberto Gil são amigos de longa data e, mais recentemente, a dupla cantou junto na live "Samba Solidário", de Zeca em prol das vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024.

Na apresentação da Farmasi Arena, no Rio de Janeiro, Zeca surpreendeu ao ingressar ao palco após o primeiro verso de "Aquele Abraço". Era a terceira participação especial da noite no mesmo show. Nos bastidores, Zeca celebrou Gil: "Estar com o Gil é sempre bom: almoçar, tomar um vinho, abrir a tampa e, em um show. Valeu, Gil!"

Revistas.PeruRadio.net.pe



"A NOVIDADE"

26 de outubro, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Terceira faixa de *Selvagem?* (1986), "A Novidade" é uma composição de Bi Ribeiro com Herbert Vianna, d'Os Paralamas do Sucesso, mas a letra é de Gilberto Gil. "Eu acho um dos meus melhores textos", declarou o cantor em seu livro *Todas As Letras* (2022).

"Num determinado momento, a gente tava lutando muito para completar um disco que acabou tendo uma ótima repercussão. E, com toda a generosidade do planeta, [*Gil*] escreveu uma letra pra gente. O privilégio de ter interagido com essa grandeza, para gente, é acima das palavras. É uma coisa que não dá pra descrever", relembrou o vocalista d'Os Paralamas.

No dia 26 de outubro, Herbert, Bi e o baterista João Barone subiram ao palco da Farmasi Arena, no Rio, para interpretar "A Novidade". Nos bastidores, Vianna declarou: "É um privilégio difícil de descrever, uma alegria transcendental porque trata-se de uma grandeza incomensurável, realmente, na cultura, na vida e na sensibilidade poética de um país".

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Flor Gil

"ESTRELA"

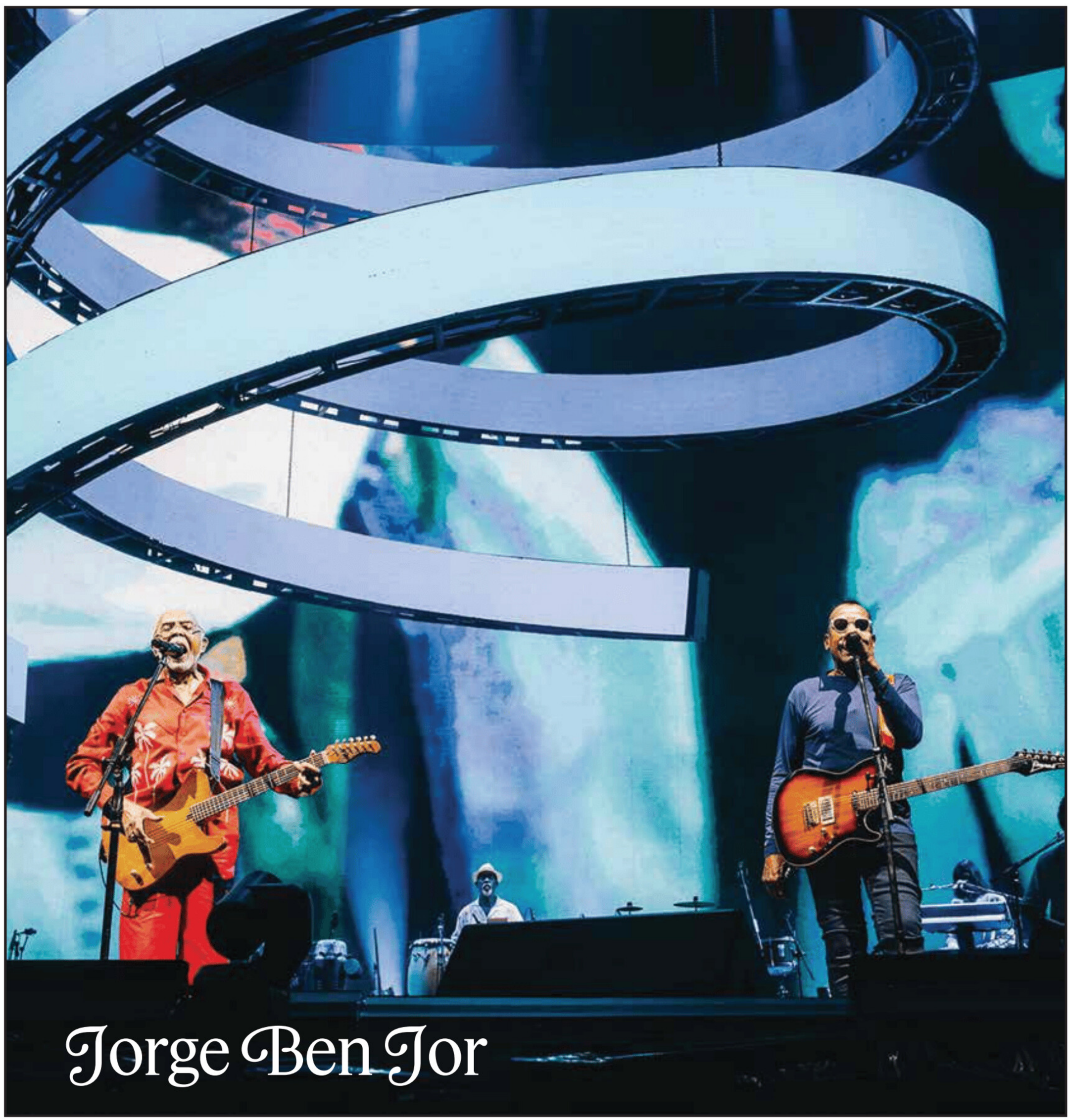
26 de outubro, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Segunda das três participações especiais no show que marcou a despedida de *Tempo Rei* dos palcos cariocas, Flor Gil subiu ao palco para cantar "Estrela".

A composição é a terceira faixa, e talvez o maior sucesso, do disco *Quanta* (1997). Sobre a canção, Gil frequentemente menciona a referência a Estrela Leminski, filha de Paulo Leminski e a Alice Ruiz. Em 2023, a música acabou regravada para uma campanha de Natal, para a qual o músico convidou a neta, Flor, para dividir os vocais.

No show, ela apareceu logo após a performance de "Drão". "Flor, venha cantar aqui no meu lugar", disse o avô, que começou as primeiras notas da canção e foi logo emendado pela neta.

Revistas.PeruRadio.net.pe



Jorge Ben Jor

"FILHOS DE GANDHI", "REI DO MARACATU", "EMORIÔ"

26 de outubro, Farmasi Arena, Rio de Janeiro

Já são 50 anos desde que Gilberto Gil e Jorge Ben Jor se uniram em estúdio para a gravação do experimental e celebrado *Gil & Jorge: Ogum, Xangô* (1975), pela Philips Records. Na época, a dupla seguiu com um show para o álbum e... quem viu, viu! Com uma exceção, a reunião na Farmasi Arena marcou esse reencontro de gigantes no palco, em uma celebração apropriada: três músicas, incluindo, claro, "Filhos de Gandhi", de *Ogum, Xangô*.

"Muito tempo que a gente não faz show. A gente fez após o disco *Ogum, Xangô* uma vezinha só, quando ele recebeu o prêmio Grammy. Mas tem anos."

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe

Ednardo

"ANDAR COM FÉ"

15 de novembro, Centro de Formação Olímpica do Nordeste, Fortaleza

No primeiro show da passagem por Fortaleza, Gil teve a participação de Ednardo. Junto ao Pavão Misterioso, o anfitrião cantou "Andar com Fé", 25ª faixa da setlist, próxima ao fim do primeiro bloco de show.

Ao convidá-lo ao palco, Gil destacou o cantor "por quem mantive sempre uma admiração muito grande, uma saudade da sua suavidade... suavidade, saudade. Ednardo!" O artista cearense, por sua vez, despediu-se do palco brindando a carreira do parceiro: "Viva Gilberto Gil!"

Waldonys

"LAMENTO SERTANEJO", "ESPERANDO NA JANELA"

16 de novembro, Centro de Formação Olímpica do Nordeste, Fortaleza

Próximo ao fim do segundo show em Fortaleza, foi Waldonys quem subiu ao palco, performando "Lamento Sertanejo", de Gilberto Gil e Dominguinhos. Em mãos, a sanfona que anos antes tinha sido do próprio Gil.

"Nosso primeiro encontro foi em meados dos anos 80, na fazenda do seu Luiz Gonzaga", declarou o cearense. "Subir ao palco como convidado especial na última turnê de um artista da envergadura de Gilberto, é emocionante demais."

O baiano se juntaria ao amigo cearense em seguida para, juntos, cantarem "Esperando na Janela", cover de Targino Gondim, na penúltima música do espetáculo.

Revistas.PeruRadio.net.pe

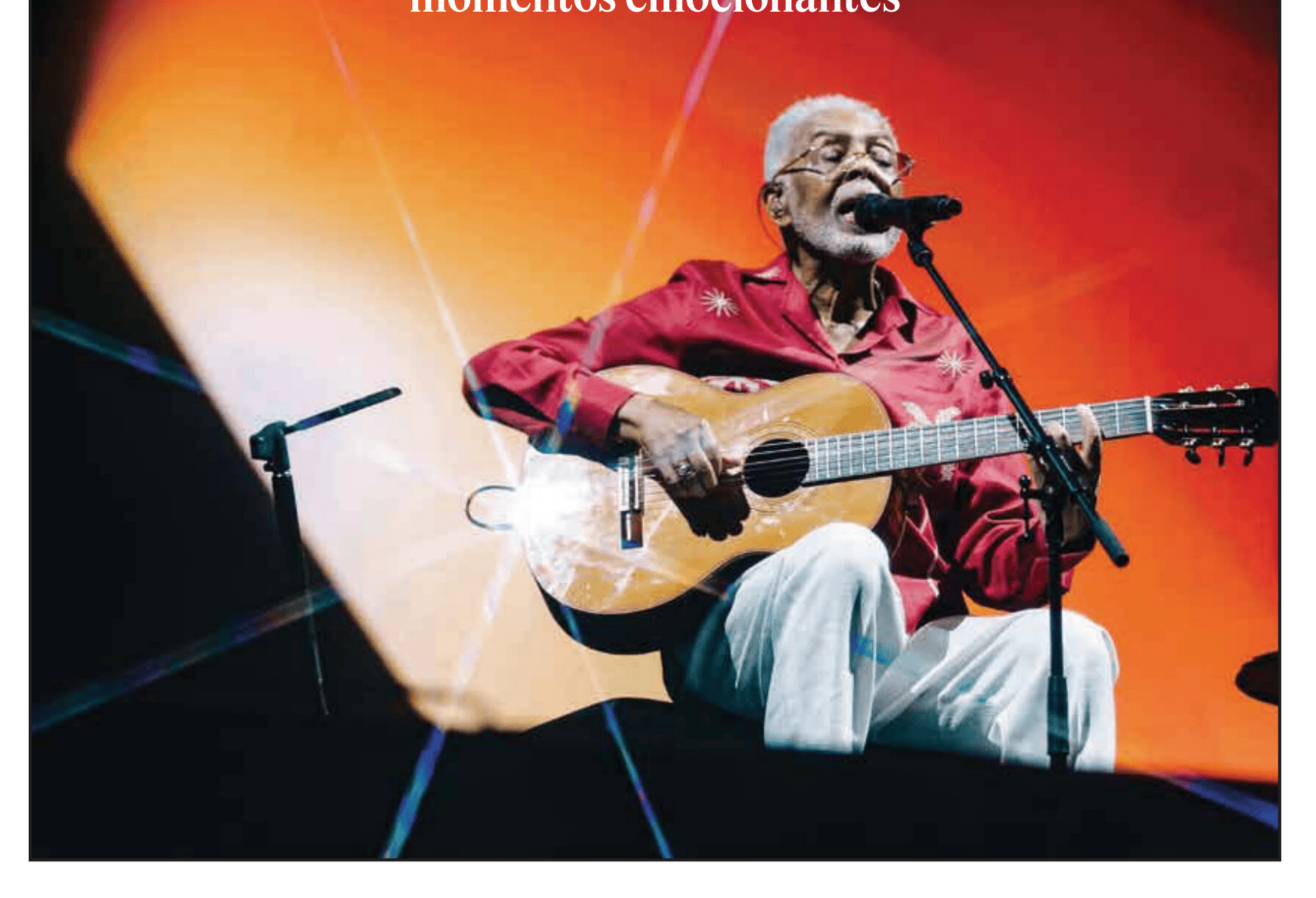
BB. Fã de Gil.
Colecione
momentos.

Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe

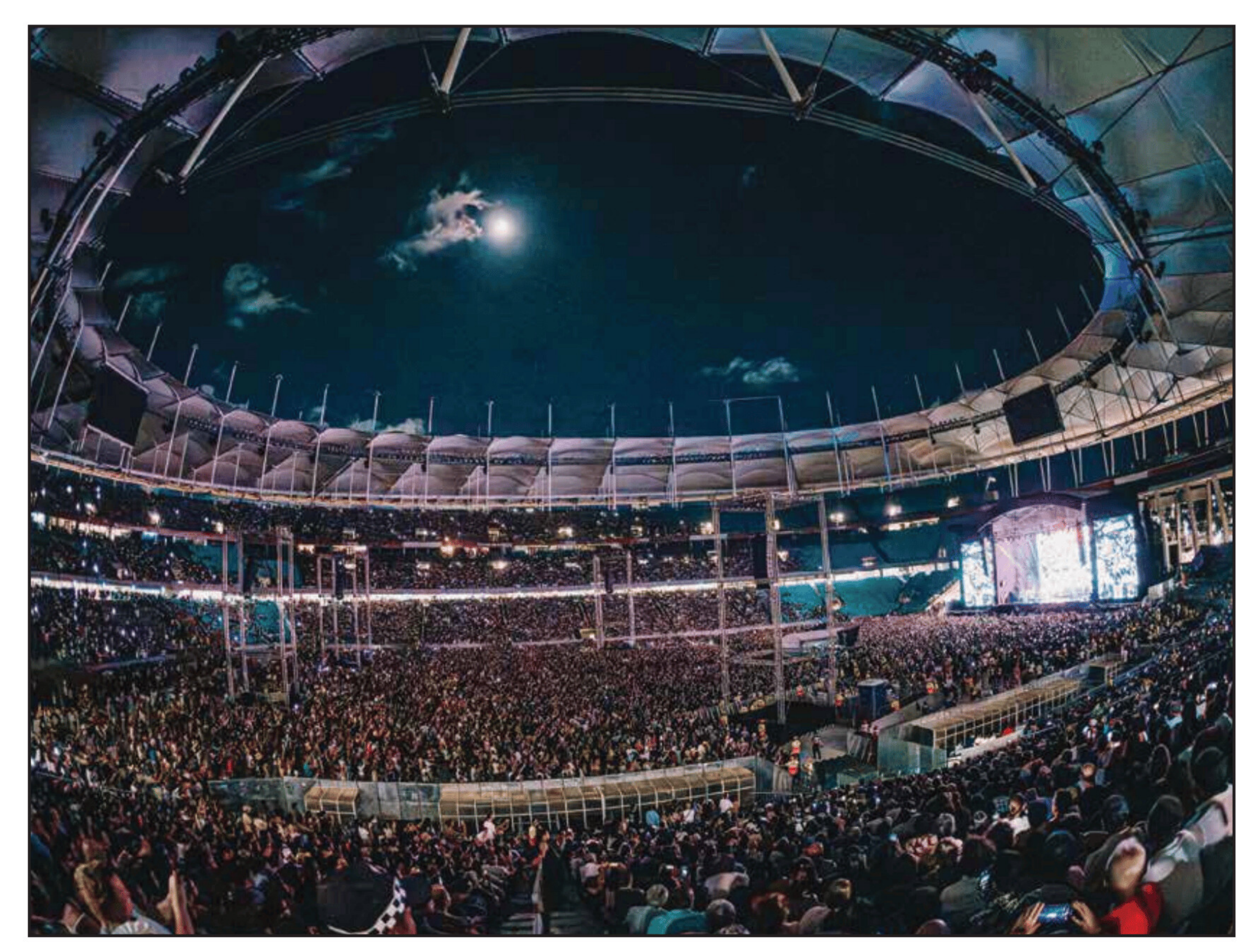
A SETLIST DE TEMPO REI

Repleto de sucessos, o repertório da turnê de despedida de Gilberto Gil ilustra as principais eras na carreira, promovendo momentos emocionantes



FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe



1 PALCO

LUAR WEA 1981

A canção que abriu a turnê *Tempo Rei* em Salvador, na Bahia, traz um dos grooves mais reconhecidos do Brasil e surgiu, curiosamente, quando Gilberto Gil duvidava de seu futuro na música. "Achei que deixaria de cantar e compor, então fiz uma música de despedida", revelou em entrevista ao *TVZ Ao Vivo*. A faixa virou um momento-chave de sua trajetória artística de Gil, tornando-se um de seus maiores hits. Enquanto a letra traz uma mensagem sobre a alegria de fazer shows ao vivo, a sonoridade une música, espiritualidade africana e candomblé.

– Felipe Grutte

2 BANDA UM

UM BANDA UM WEA 1982

Faixa de abertura em seu álbum, "Banda Um" transforma o jogo sonoro com "umbanda" numa celebração dançante da diversidade brasileira — a música promete encantar desde o Cariri até o baixo Leblon, desde o "negro Zamzibárbaro" até a "loura Blumenáutica". Em 1981, Gil comentou* a relação com a religião, e como se apropriou disso na canção. "O sentido universalista da umbanda como uma cisão do culto fechado das religiões seja candomblé, seja a católica, ambas monistas, cada uma com a sua verdade; o panteísmo necessário da umbanda, uma religião que não é uma, mas 'todas'". – Gabriela Nangino

3 TEMPO REI

RAÇA HUMANA WEA 1984

Canção que batiza a turnê de despedida, "Tempo Rei" é um desabafo sobre a implacável força da ação do tempo na vida de todos. Presente no álbum *Raça Humana*, lançado em 1984, que trouxe a adição de guitarras elétricas ao trabalho do artista, antes permeado por violões, a música é a aceitação de que, mesmo do alto de sua genialidade, à época aos 42 anos, Gil está tão sujeito à soberania absoluta do tempo quanto qualquer outro: "Pães de Açúcar, Corcovados, fustigados pela chuva, pelo eterno vento. Água mole, pedra dura, tanto bate que não restará nem pensamento", canta. – Henrique Nascimento

4 AQUI E AGORA

REFAVELA WEA 1977

"Aqui e Agora" não é hit, mas é uma ode à ideia de aproveitar o presente. Com um movimento cíclico que começa e termina no refrão, a letra passeia por geografias impossíveis e confunde, propositalmente, tempos verbais para afirmar que o importante não é o onde ou o quando, mas sim a consciência de estar vivo, seja em Guadalajara, Nova Deli ou no próprio coração. O rio que passa, o lagarto que muda de pele, o frio compartilhado entre nascimento e morte: tudo aponta para a transitoriedade da vida e a urgência de aproveitá-la, como Gil enaltece poeticamente em versos simples. – Kadu Soares

*Declaração para o Instituto Gilberto Gil

Revistas.PeruRadio.net.pe

EU SÓ QUERO UM XODÓ

CIDADE DO SALVADOR POLYGRAM 1998

5 Em 1972, Gil preparava o primeiro álbum após o exílio, *Cidade do Salvador*; mas o projeto foi arquivado e lançado apenas em 1998. Entre as faixas, estava sua versão para o clássico de Dominguinhos e Anastácia: "Eu Só Quero um Xodó". Lançada junto ao single "Meio de Campo", em 1973, a canção explodiu como sucesso. O xote dita o passo enquanto Gil incorpora sua influência do reggae, além de redefinir a escala da música com o canto quase falado de quem insiste em pedir apenas afeto real, tornando a interpretação uma das mais famosas. – ANGELO CORDEIRO

EU VIM DA BAHIA

GILBERTOS SAMBA SONY 2014

6 Composição célebre na voz de outro Gilberto — João Gilberto, ícone da bossa nova —, "Eu vim da Bahia" é um orgulhoso e, ao mesmo tempo, consciente manifesto de sua origem. Os maiores atrativos do estado-natal de Gil recebem holofotes, com lembranças como o samba de roda e o canto do mar, mas sem deixar de lado menções às dificuldades: "Como é que se faz pra viver onde a gente não tem pra comer?". Já a parte musical é pura bossa nova: samba/MPB com perfume jazzista e refinamento na escolha de acordes. Gil em seu modo mais elegante. – IGOR MIRANDA

PROCISSÃO

GILBERTO GIL PHILIPS 1968

7 Obra do segundo álbum do cantor baiano, "Procissão" mergulha no contraste entre a devoção popular e a condição de abandono do sertão. Gil transforma o cortejo de fé em metáfora da injustiça social. A procissão "se arrasta que nem cobra pelo chão", não por paixão pura, mas porque carrega a urgência do desamparo, denunciando a espera de quem vive "penando aqui na terra / esperando o que Jesus prometeu". Com violão simples e entonação sincera, a música une reflexões de vários âmbitos em uma canção que já nasce madura e essencial, mesmo na fase inicial da carreira. – K.S.

DOMINGO NO PARQUE

GILBERTO GIL PHILIPS 1968

8 Um verdadeiro "filme cantado" de Gil. Unindo ritmos regionais com arranjos elétricos ousados, narra o triângulo amoroso fatal entre José, João e Juliana. A tragédia é simbolizada por elementos como o vermelho do sorvete e da rosa, que antecipam o sangue do crime. "É o perdão do lado e os afetos do outro, com seus aspectos positivos e negativos, nos assombrando. A ira, a cólera, o ciúme, a intolerância", diz Gil*. Não à toa, sua apresentação no III Festival de Música Popular é considerada um marco do movimento tropicalista. – G.N.

CÁLICE

CHICO BUARQUE (HOMÔNIMO) PHILIPS 1978

9 Lançada como um dueto de Chico Buarque e Milton Nascimento, "Cálice" é uma composição de Gil (impedido de participar da gravação devido a uma mudança de gravadora) e Chico. Ela nasceu, aliás, a partir de uma ideia do baiano, explorando o jogo de palavras "cálice/cale-se" como forma de iniciar uma crítica à tortura e censura da ditadura militar — estendida de modo magistral conforme o avanço da letra. A melodia poderosa carrega tensão. Hesita e quase sufoca, sendo uma das canções mais poderosas do repertório da turnê. – I.M.

BACK IN BAHIA

EXPRESSO 2222 PHILIPS 1972

10 "Back in Bahia" nasce do estranhamento de Gil em Londres durante os quase três anos exílio imposto pela ditadura militar. A canção contrasta a "fria e nebulosa" capital inglesa com a "colorida, quente e alegre Bahia", transformando a saudade em matéria-prima poética. O mar da Bahia opõe-se aos gramados ingleses, ambos belos, mas um carregado de afeto, outro de distância. Por fim entende: "Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar". O alívio se deu no lançamento do álbum quando, em 14 de janeiro de 1972, ele finalmente voltou à Bahia. – K.S.

REFAZENDA

REFAZENDA PHILIPS 1975

11 Faixa-título do álbum homônimo, é uma das canções mais emblemáticas da carreira de Gil. Sugere a construção de um novo futuro cunhado a partir de princípios já conhecidos: um retorno às raízes — a volta à fazenda, à cultura sertaneja nordestina do artista — para o nascimento do novo. Também iniciou uma sequência de outros "*res*" marcantes na carreira, como "Realce" e "Refloresta". – H.N.

REFAVELA

REFAVELA PHILIPS 1977

12 Título de um dos maiores discos de Gil — que ele dirigiu, gravou e mixou —, apresenta um discurso forte sobre a vida nas periferias brasileiras, destacando como as expressões culturais persistem apesar da repressão às populações marginalizadas. "O disco reeditava a reação contra as guitarras elétricas no Tropicalismo; ele repropõe a visão tropicalista", disse Gil ao *O Globo* em 2019. – F.G.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/3OE/PRIDIA

*DECLARAÇÃO PARA O INSTITUTO GILBERTO GIL

Revistas.PeruRadio.net.pe

NÃO CHORE MAIS (NO WOMAN, NO CRY)

REALCE WEA 1979

13 Se Marley retratava rastafaris perseguidos pela polícia, Gil transporta a mesma cena para o Rio de Janeiro, com hippies, violões e policiais em vigília. No verso "melhor é deixar pra trás", Gil inverte o original ("você não pode esquecer seu passado"), e propõe "passar a borracha e dar crédito ao futuro", segundo ele próprio em publicação nas redes. – K.S.

BALAFON

REFAVELA PHILIPS 1977

14 A canção nasce da viagem de Gil ao 2º Festival Mundial de Arte e Cultura Negra, na Nigéria, em 1977, onde ganhou o instrumento homônimo. Os versos "Marim-bajé / Iré-xiré / Balafonjá / Orim-axé" operam como um jogo fonético que evidencia a musicalidade entre Brasil e África; o timbre animado do balafon celebra a harmonia afro-brasileira, tornando o instrumento símbolo desta herança cultural. – A.C.

EXTRA

EXTRA WEA 1983

15 A faixa-título do álbum funciona como uma espécie de oração, onde Gil busca ajuda — seja de ETs ou de "todos os santos". Mesmo diante do pessimismo e do caos social, o cantor sugere que qualquer forma de esperança é válida. Aqui, o reggae sustenta essa mensagem próspera, permeada de espiritualidade. "Baixa / Santo Salvador / Baixa / Seja como for / Acha / Nossa direção", canta. – F.G.

VAMOS FUGIR

RAÇA HUMANA WEA 1984

16 Fãs mais jovens podem conhecer o hit pela versão do Skank, mas a composição é de Gil com o produtor Liminha. Foi escrita em Kingston, na Jamaica, e gravada — em português e inglês — com The Wailers, banda de apoio de Bob Marley, já falecido à época. Letra e melodia tocam diretamente no afeto e transmitem liberdade, intimidade e, por que não, urgência. Afinal, se é pra fugir, tem que ser já. – I.M.

Revistas.PeruRadio.net.pe

A NOVIDADE

SELVAGEM? (PARALAMAS DO SUCESSO) EMI 1986

17 FFruto de colaboração no terceiro disco da banda fluminense, "A novidade" utiliza a figura da sereia como metáfora para a desigualdade social no Brasil. "Metade o busto d'uma deusa Maia, metade um grande rabo de baleia", a sereia é um paradoxo: para alguns, representa beleza e desejo; para outros, é fonte de alimento para a sobrevivência. "A letra veio como um tiro certeiro, absolutamente de chofre, inteira", revelou Gil em depoimento ao seu Instituto. "Resultou no que eu acho um dos meus melhores textos". – G.N.

REALCE

REALCE WEA 1979

18 Mais de 40 anos após o lançamento de "Realce" — que encerra a trilogia "Re", depois de *Refazenda* (1975) e *Refavela* (1977) —, Gil explicou que, tanto o álbum quanto a faixa-título, são frutos de sua experiência com o campo da meditação, e uma forma de traduzir o pensar e o refletir em música. A calmaria está lá, registrada em versos que apaziguam: "Não se impaciente, o que a gente sente, sente. Ainda que não se tente, afetará. O afeto é fogo e o modo do fogo é quente. E, de repente, a gente queimará", declama. – H.N.

A GENTE PRECISA VER O LUAR

LUAR WEA 1981

19 Em "A Gente Precisa Ver o Luar", faixa que abre e também estende o título do álbum, Gil usa o satélite natural do planeta Terra como símbolo de tudo aquilo que só se compreende quando é sentido pessoalmente. Na reflexão, não basta ouvir falar sobre, é preciso estar presente. E, acima de tudo, não basta a Lua existir, é preciso haver olhos dispostos a vê-la. O arranjo animado e leve, com uma linha de baixo groovada, embala o convite para sair de casa e observar o mundo com novos olhos. – K.S.

PUNK DA PERIFERIA

EXTRA WEA 1983

20 Nesta faixa do Lado B do álbum *Extra*, o rock fica evidente como influência. Na versão de estúdio, o funk de Gil se mistura aos acordes da guitarra de Lulu Santos, que também colabora nos vocais. A letra debochada faz provocações à elite ("Eis que esta cidade é um esgoto só"), além de uma ode aos marginalizados: "Ter cabelo tipo índio moicano me apraz / Saber que entraremos pelo cano satisfaz". Não à toa, dois anos depois, Gil subia ao palco da primeira edição do Rock in Rio. – A.C.

EXTRA II (O ROCK DO SEGURANÇA)

RAÇA HUMANA WEA 1984

21 Cantada na turnê em parcerias com Arnaldo Antunes e Lenine, "Extra II (O rock do segurança)" é uma das três faixas do setlist vindas de *Raça Humana* (1984), um dos álbuns mais lembrados neste adeus. Abre o álbum, gravado inteiramente com guitarra em vez de violão. Os versos brincam com a perspectiva de um ET barrado de entrar no lugar onde está seu ídolo e a parte musical é um rock dançante, claramente inspirado pelo B-rock, em voga na época. – I.M.

SE EU QUISER FALAR COM DEUS

LUAR WEA 1981

22 Considerada uma das mais polêmicas composições de Gil, "Se eu quiser falar com Deus" é uma faixa de melodia introspectiva e versos intensos. A canção reflete sobre a busca espiritual do artista, funcionando quase como uma oração em si. Escrita em 1980 para Roberto Carlos — que a rejeitou devido às críticas à fé católica —, a música ganhou vida na voz de Elis Regina, que lançou como single no mesmo ano. "Meu Deus era um Deus sem religião, um Deus desconhecido e muito interno", escreveu Gil em *Gilberto Bem Perto* (2013). – G.N.

DRÃO

UM BANDA UM WEA 1982

23 "Drão" é uma homenagem à terceira esposa de Gil, Sandra Gadelha, com quem o artista se exilou em Londres para fugir da ditadura militar. A canção ganhou novo significado após a morte de Preta Gil, filha do casal, em julho de 2025, quando um registro de pai e filha cantando-a na turnê *Tempo Rei* viralizou nas redes: "Drão, não pense na separação, não despedace o coração. O verdadeiro amor é vão, estende-se infinito, imenso monolito, nossa arquitetura", acalenta a música. O título da faixa é uma abreviatura carinhosa de "Sandrão". – H.N.

ESTRELA

QUANTA WEA 1997

24 Faixa do ao vivo vencedor de Grammy, "Estrela" foi inspirada na filha de Paulo Leminski e Alice Ruiz e viaja pelos mistérios do cosmos. "E tem a coisa de dialogar um aspecto afirmativo, assertivo, com um aspecto mais recuado. A estrela que brilha e provoca um sorriso, a estrela que apaga e provoca a lágrima", disse Gil durante coletiva sobre a regravação da canção em 2022. Ele também ilustra, na letra, a imprevisibilidade da vida à vastidão do espaço sideral: "É comum, no meu trabalho, jogar com sentidos contrários." – F.G.

ESOTÉRICO

UM BANDA UM WEA 1982

25 Em 1976, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa se reuniram no show Doces Bárbaros, registrado em álbum ao vivo no mesmo ano, e que ainda resultou numa turnê. No palco, Bethânia e Gal cantaram a letra de Gil que fala sobre o mistério intrínseco ao ser humano e suas relações: "Porque mistério sempre há de pintar por aí". Posteriormente, virou faixa do álbum *Uma Banda Um*, lançado em 1982, desta vez, interpretada pelo próprio Gil. No mesmo ano, fez parte da trilha sonora da novela *Sétimo Sentido*, da TV Globo. – A.C.

EXPRESSO 2222

EXPRESSO 2222 PHILIPS 1972

26 O álbum é profundamente marcado pelo exílio forçado de Gil, que fugia da repressão da ditadura militar. Dedilhando o violão para que ele soasse como o andar de um trem, que se acelera aos poucos, com novos elementos de percussão, e visa uma viagem no imaginário "Expresso 2222, da Central do Brasil, que parte direto de Bonsucesso, pra depois do ano 2000", como um presságio de calma após a tormenta. Com tal premissa, Gil externou demônios no período que viveu na Inglaterra, lançando ao retornar ao Brasil. – H.N.

ANDAR COM FÉ

UM BANDA UM WEA 1982

27 "Andar com Fé" virou momento de comunhão nas apresentações de Gil, ancorada pela força do refrão que se repete como um mantra: "Andar com fé eu vou / Que a fé não costuma faiá", reforçando o popular com "faiá" (no lugar de "falhar") e sua composição com consciência litúrgica. Escrito junto a Liminha e lançado em 1982, nos anos finais da ditadura militar, o samba pop de Gil traduz a esperança coletiva, a resiliência do brasileiro diante das incertezas do país e a fé como impulso diário para seguir reverberando até os dias atuais. – A.C.

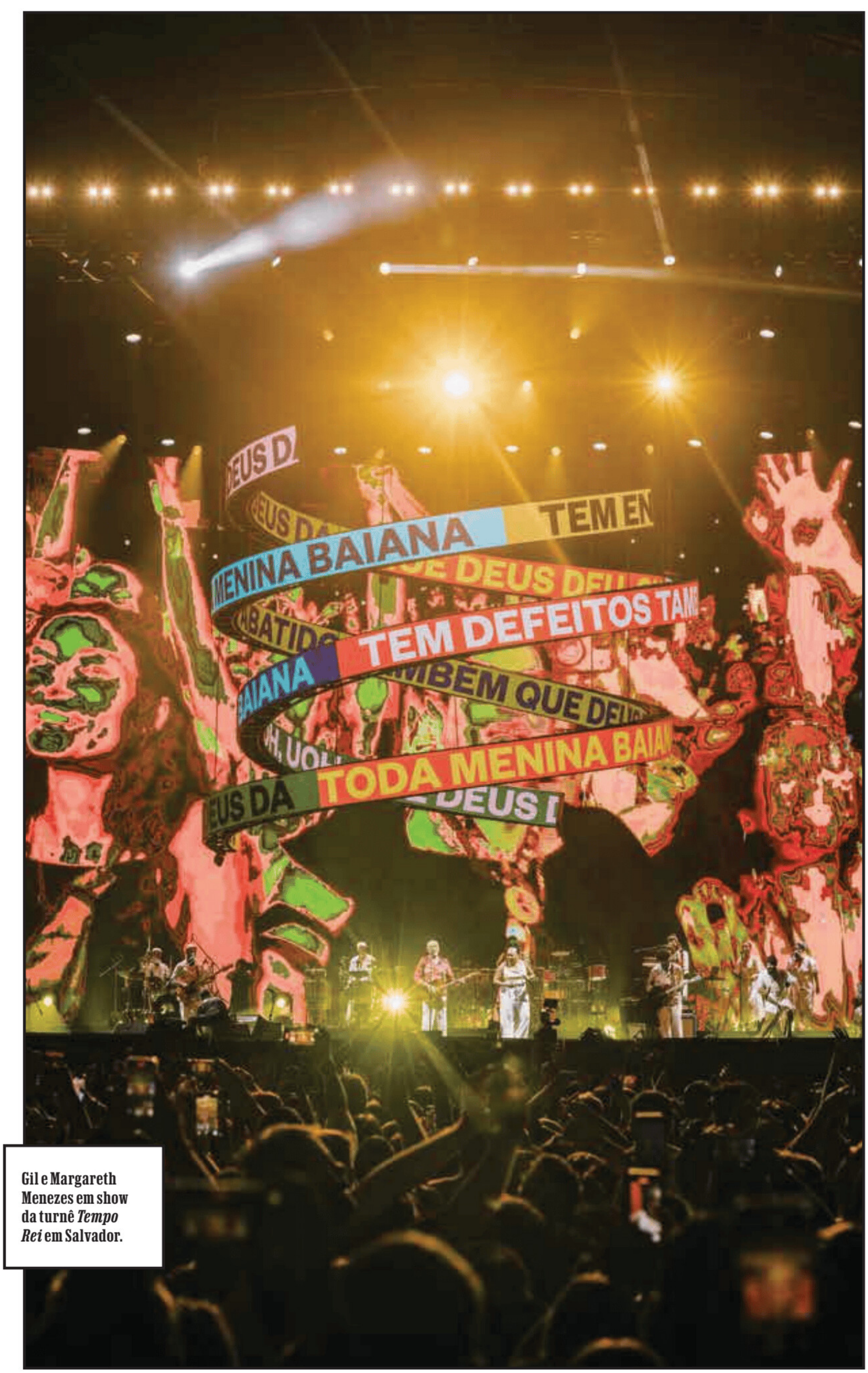
EMORIÔ / DIA DA CAÇA

GIL BAIANA AO VIVO EM SALVADOR NOIZE 2020

28 Somente um gigante como Gil poderia fundir tão bem um clássico do porte de "Emoriô", canção coescrita ao lado de João Donato, com "Dia de caça", faixa do BaianaSystem. O mashup nasceu no encontro da banda com Gil. "Emoriô" é uma frase em iorubá — "E mo ri O" — que significa "Eu Te Vejo", referenciando energias divinas cultuadas em religiões afro-brasileiras. A letra curta e repleta de repetições une-se ao trabalho musical guiado por percussão envolvente e melodia ritualística, dando um caráter de mantra à canção. – I.M.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/30E/PRIDIA

Revistas.PeruRadio.net.pe



Gil e Margareth Menezes em show da turnê *Tempo Rei* em Salvador.

TODA MENINA BAIANA

REALCE WEA 1979

29 Lançada pela primeira vez em *Realce*, "Toda Menina Baiana" é a terceira faixa mais tocada de Gil nas plataformas digitais. A canção é um verdadeiro ode às raízes do artista: ele mistura referências históricas a um olhar afetuoso para as mulheres baianas, reafirmando a importância da cultura regional para a formação da identidade brasileira. Com refrão irresistível e ritmo que contagia, a música é entoada por plateias vibrantes de todo o país, sendo responsável por levantar o público na reta final das apresentações da turnê. – G. N.

ESPERANDO NA JANELA

AS CANÇÕES DE EU, TU, ELES WEA 2001

30 Além de criar inúmeros clássicos, Gilberto Gil também eternizou obras de outros artistas. Escrito por Targino Gondim, Manuca Almeida e Raimundinho do Acordeon, este forró pé de serra sobre amor platônico ganhou destaque no ano 2000 ao integrar a trilha do filme *Eu, Tu, Eles*, do diretor e amigo pessoal Andrucha Waddington, e estrelado por Regina Casé, Lima Duarte e Stênio Garcia. Contou com versão ao vivo do cantor no ano seguinte, quando incluída no álbum *São João Vivo* junto de outros cânticos típicos juninos. – F. G.

AQUELE ABRAÇO

GILBERTO GIL PHILIPS 1969

31 Primeiro grande hit, "Aquele Abraço" soa como cumprimento, mas é despedida. O artista lançou a canção no início dos chamados anos de chumbo da ditadura, precedendo o exílio na Inglaterra. A letra funde menções que geram identificação no público a referências de seu período preso antes de ter que deixar o Brasil. Musicalmente, trata-se de um samba ousado, com vocalização que vai do suave ao ardido e uma base melódica em sintonia com o groove tipicamente brasileiro. É com o tal abraço que Gil encerra os shows de sua última turnê. – I. M.

Revistas.PeruRadio.net.pe

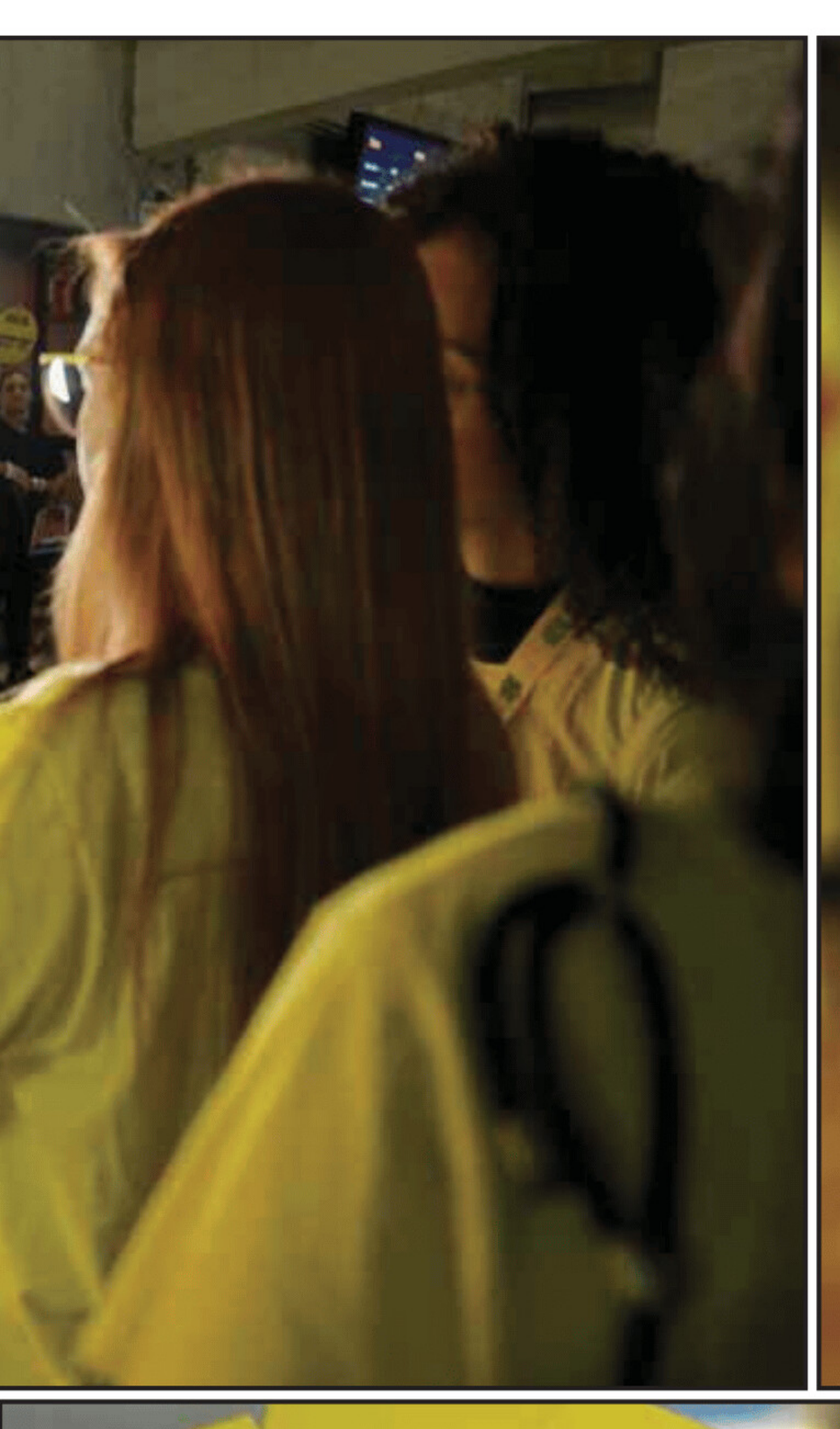
Os fãs que passaram na ativação do Banco do Brasil na turnê tiveram brindes variados.

BANCO DO BRASIL NO TEMPO REI

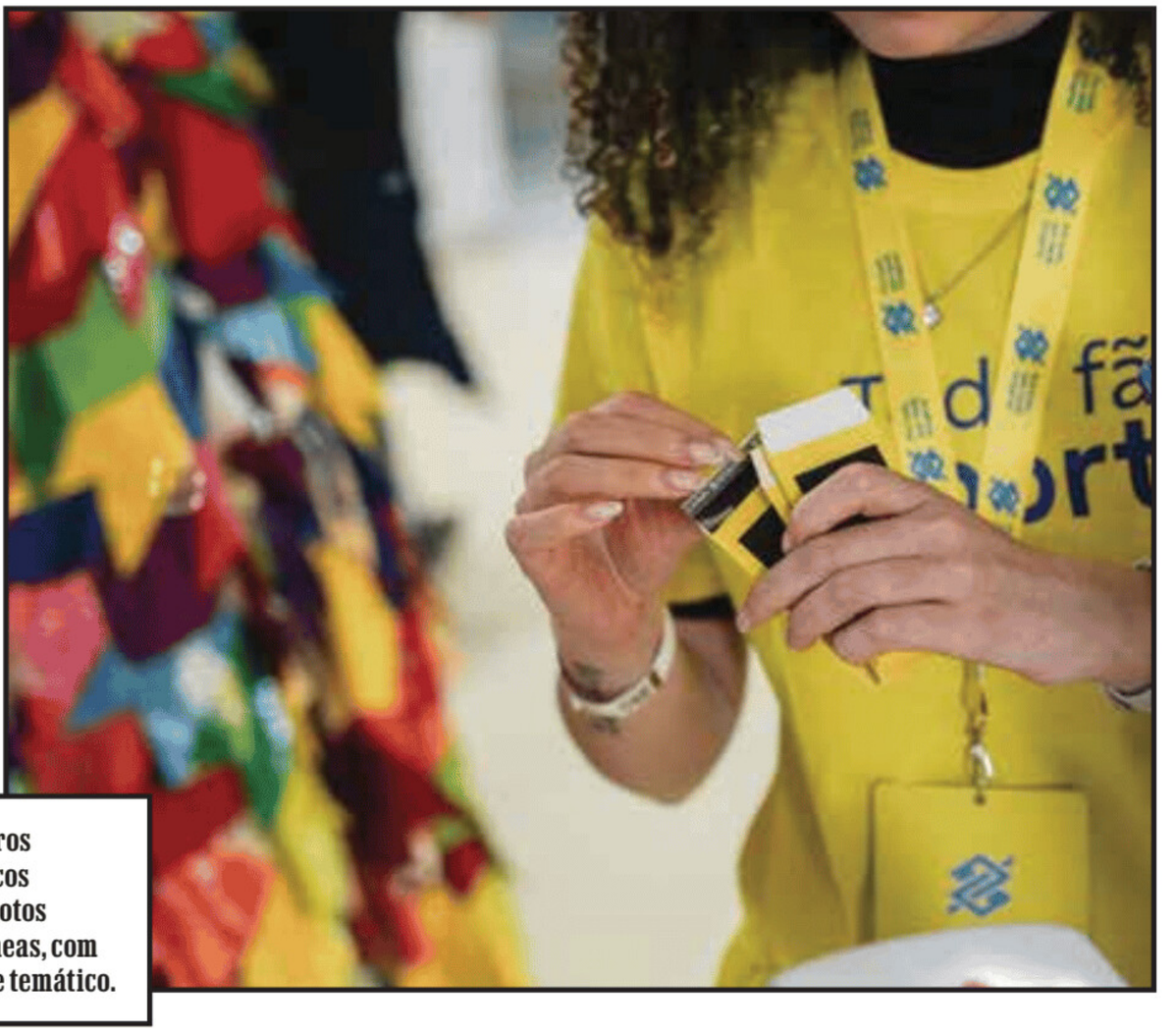
Os fãs da turnê de despedida de Gilberto Gil tiveram a experiência marcante eternizada com recordações temáticas elaboradas pelo Banco do Brasil

FOTOS: DIVULGAÇÃO/BANCO DO BRASIL

Revistas.PeruRadio.net.pe



Além das fotos, o público da pista premium pôde retirar pulseiras exclusivas com sementes de açaí.



Os registros fotográficos viraram fotos instantâneas, com imã e case temático.

Revistas.PeruRadio.net.pe

Todas as ações enfatizam o lema da marca: todo fã importa!

As pulseiras com sementes de açaí são frutos de uma parceria com ONG que atende pessoas em situação de vulnerabilidade.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/BANCO DO BRASIL

Revistas.PeruRadio.net.pe

O camarote Ourocard recebeu convidados do Banco do Brasil com buffet e brindes.

Revistas.PeruRadio.net.pe

Tarciana Medeiros, presidente do Banco do Brasil, aproveitou o camarote para ver a turnê final de Gil em Brasília.

O lounge teve uma atração à parte: artistas caracterizados com inspirações das eras da carreira de Gil.

FOTOS: DIVULGAÇÃO/BANCO DO BRASIL

Revistas.PeruRadio.net.pe

A turnê de despedida contou com uma caracterização inspirada no ensaio de divulgação florido.

Revistas.PeruRadio.net.pe

GIL S/A

O ex-ministro joga a carreira política para o alto e, com a voz curada, se dedica aos negócios da música*

*Publicado originalmente na Rolling Stone Brasil #25 em Outubro de 2008

Revistas.PeruRadio.net.pe

Na sala de reuniões da gegê produções, a cúpula da empresa recebe as representantes da gravadora Warner e senta para tratar dos passos seguintes da carreira de seu principal artista – o chefe. Mais que uma conferência de rotina, trata-se do *day after* da renúncia de Gilberto Gil ao cargo de ministro da Cultura, depois de cinco anos e meio na função. Com o entusiasmo de quem põe lenha no fogo mantido em brasa, as cinco mulheres abrem suas planilhas e blocos de anotações e começam a definir a agenda dos dias e meses que estão por vir. Virtude do gênero, por vezes falam todas ao mesmo tempo, embora ali não se perca uma vírgula. Há shows em Itaipava, região serrana do Rio de Janeiro, e também em Curitiba. Entre Rio e São Paulo, avaliam-se participações nos programas do Jô, Faustão, Luciano Huck, Serginho Groismann e Hebe, várias gravações na MTV, entrevistas e promoções em grandes emissoras de rádio... Tudo isso tendo em vista mais um capítulo da turnê internacional, um mês depois, com uma apresentação na Itália e uma série de outras no Japão. Não é bolinho. "Viagem de ônibus pra Curitiba?", interrompe Flora Gil, voz de trompete. "E a segurança?" Faz-se o silêncio. "Até na Europa, de ônibus, tem assalto."

Foi do lado de lá do Atlântico que, em julho de 2007, durante sua tradicional turnê anual, Gil teve certeza de que o estresse vinha consumindo seus cabelos de Sansão – no caso, as cordas vocais. Os discursos, os seminários e as discussões comuns à vida de ministro estavam para calar o rouxinol que ele traz na garganta. "Eu especializei a minha voz para cantar e, ultimamente, vinha usando mais para falar", diz ele. Pouco depois, em outubro, passou por uma cirurgia para retirar a calosidade, algo que já lhe havia acontecido dez anos antes. "Levando em conta que prezo muito esse dom, que gosto muito dessa condição que a vida me deu, de poder cantar, eu vinha percebendo essa necessidade de uma nova economia pra voz e pra tudo." Aos 66 anos, o trato nas cordas vocais corresponde também a uma afinação mais acurada na vida como um todo – como bem provou sua saída do ministério. "Tenho tentado também fazer com que a vida corresponda a essa economia. Acho que é natural, é do envelhecimento mesmo. Venho de uma tradição pessoal de muita atividade, de atividades variadas e com uma capacidade de entrega, de energia física e mental muito grande pra essas tantas muitas coisas. E agora eu tô precisando entrar numa outra economia. É algo que estou tendo de aprender aos poucos, enfim, porque é melhor que seja assim, que tudo se dê de uma forma gradual, não é? Sem cortes bruscos. Preciso adaptar minha vida toda a essa nova situação de idade avançada."

Naquela quinta-feira de manhã, com as mulheres ao redor da mesa de tampo de vidro, o novo destino de Gil vai, pouco a pouco, tomando forma. Mas ele não está presente. Embora seja o rei da cocada, seu papel na organização é como o de um curador. "No que diz respeito a coisas que eu tenho relação direta, como no caso de banda, músicos, essas coisas, eu participo", afirma. "Agora, as coisas de administração, a prestação de serviço, a empresa, essas coisas eu não... Essas coisas a Flora que toma conta." E em casa não é diferente. "Ela compra praticamente tudo pra mim. Todas as coisas que eu preciso da minha vida pessoal – roupas, pequenos utensílios pra trabalho, pra higiene pessoal –, ela é que cuida. Uma vez ou outra eu compro uma coisa, mas é muito raro. Ela se acostumou a fazer isso, conhece meu gosto, conhece meus tamanhos. Ela compra, compra sapato, compra roupa, compra tudo."

Flora Nair Giordano Gil, 19 anos mais nova que ele, é a diretora-geral da companhia, ou melhor, da holding, já que há um punhado de empresas formando o negócio da Gegê. Quarta esposa de Gil (depois de Belina Aguiar, Nana Caymmi e Sandra Gadelha), ela o conheceu em 1980, aos 19 anos, durante uma viagem-prêmio a Salvador oferecida pela loja na qual trabalhava como gerente, em São Paulo. Embora já fosse artista consagrado, até então Gil não estava garantido, como se diz. O sítio em que ele e Flora começaram morando, em Jacarepaguá, formava o grosso do patrimônio. O catálogo de músicas era uma bagunça, com muita coisa na mão de intermediários. Aos poucos, nestes quase 30 anos de casamento e parceria profissional, a obra de Gil foi integralmente reunida em editoras próprias – A Gegê Edições, para licenciamentos no Brasil, e a Preta Music, para o mercado internacional. Dizendo de outro jeito, ele hoje é o dono de suas composições e fonogramas (as gravações existentes), o que nem sempre ocorre no mundo do direito autoral, e pode explorar todos os shows gravados desde 1990. Flora se considera uma organizadora nata. "Minha mãe conta que eu chegava no supermercado e queria mudar o lugar das coisas."

A empresa-mãe vende apresentações de Gil e de sua filha Preta, filha do casamento com Sandra. Outro nicho de atuação é a co-produção de filmes, cujo portifólio inclui os documentários *Tempo Rei* (1996), *Pierre Verger – Mensageiros entre Dois Mundos*" (1999), *Filhos de Gandhi* (2000), *Viva São João* (2002), *Kaya N'Jamaica* (2002) e o longa de ficção *Eu, Tu, Eles* (2000), dirigido por Andrucha Waddington, entre outras parcerias. O estofo na organi-

Por OTÁVIO RODRIGUES | Foto DANIEL KLAJMIC

Revistas.PeruRadio.net.pe

ATRAVESSANDO DÉCADAS
1. Em 1968, no 4º Festival de Música Popular Brasileira da TV Record. 2. Nos anos 70, insinuante com Rita Lee. 3. Em 1985, no show 20 Anos Luz; 4. No festival Hollywood Rock, em 1996. 5. Alívio? O primeiro show após deixar o ministério, em agosto de 2008, em Itaipava (RJ)

zação e produção de eventos, aliado ao senso de oportunidade, deu origem à Expresso 2222, empresa responsável pelo trio elétrico e pelo camarote de mesmo nome, dois concorridos acontecimentos do Carnaval da Bahia. Esse Gil S/A agrega ainda o selo Geléia Geral, que tem mais de 14 títulos, com artistas como Jorge Mautner, Leoni, Armandinho, Pur'Amizade, Preta Gil e AfroReggae. E também a Refazenda, uma sociedade de Flora com o artista plástico e web designer André Valias, focada em mídia interativa, design gráfico e cenografia. Já assinaram os sites de Adriana Calcanhoto, Regina Casé, Zé Ramalho, Gal Costa, Caetano Veloso e dezenas de outros. Fizeram as animações cenográficas do show da Adriana Partimpim, os cenários de Preta e do AfroReggae e, como é de imaginar, muita coisa do chefe também, incluindo o portal que está no ar.

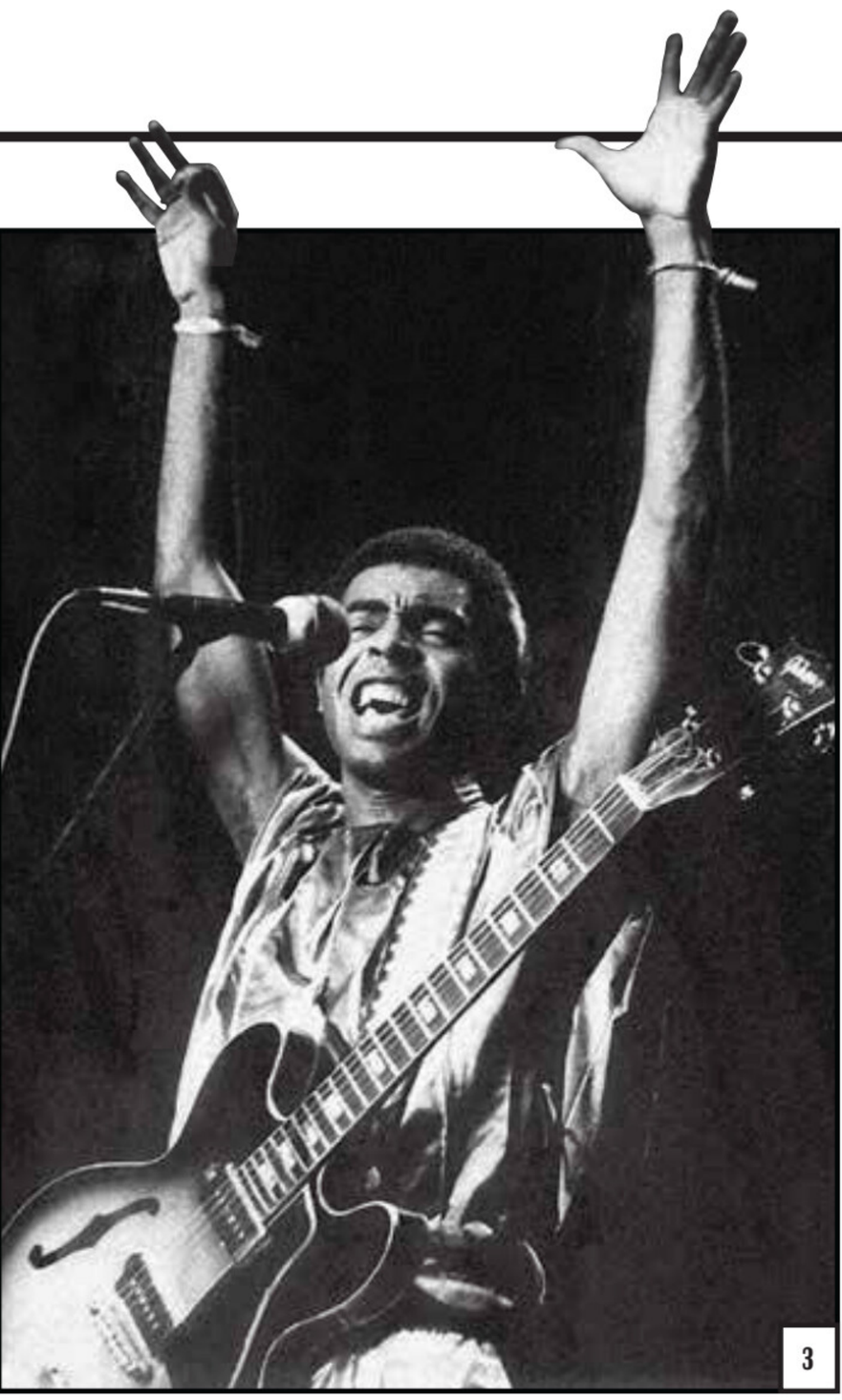
E seria um deslize deixar de lado o lendário estúdio Nas Nuvens, sociedade de Gil com o produtor Liminha, uma espécie de usina de obras memoráveis, como *Selvagem?* (1986), dos Paralamas, *Ô Blésq Blom* (1989), dos Titãs, e *Da Lama ao Caos* (1994), de Chico Science & Nação Zumbi. "A idéia de ter um estúdio próprio surgiu quando estávamos em Nova York", lembra Liminha. "Gil gravava um disco para o mercado americano e o produtor, Ralph McDonald, tinha seu próprio estúdio na Broadway. Vimos que era muito bom ter liberdade e tempo, ninguém batendo na porta pra dizer que a gravação tinha que acabar. Perguntei ao Gil: 'Por que a gente não faz a mesma coisa?' Ele simplesmente disse: 'Faça, Limoso'. E assim fizemos." O Gil não dá muita bola ao estúdio. "Deixo na mão do Liminha. Agora [*fora do Ministério*] que eu vou voltar a me inteirar um pouco mais do que tá acontecendo lá. Não é um negócio, pelo menos pra mim nunca foi. Pra mim continua sendo uma coisa que a gente criou em parceria e serve mais pra ele, do ponto de vista empresarial, do que pra mim." Liminha confirma: "Realmente, não é um negócio pra nós, é apenas uma ferramenta confortável, um brinquedinho que possibilita colocar a criatividade pra fora. O Gil, na verdade, curte muito mais estar no palco. Eu também curtiria se tivesse o talento dele".

Com exceção do nas nuvens, todos os negócios funcionam na sede da Gegê, um casarão de quatro pavimentos em uma encosta da estrada da Gávea. Com salas e corredores amplos, uma edícula exclusiva para a cozinha e o refeitório, galpão para equipamentos e um varandão onde se poderia até bater uma bolinha, o prédio parece ter sido feito de encomenda para as atividades da empresa: está tudo em seu lugar. A construção em terreno inclinado permitiu aproveitar o nível mais inferior para a instalação de um estúdio, separado do restante por uma baita escadaria. Quase tudo tem nome de música do Gil na porta. A sala da Flora é "A Linha e o Linho". O banheiro principal, também lugar de centenas de crachás e parte das medalhas, comendas e diplomas acumulados por Gil, chama-se "Um Trem para as Estrelas". O depósito de equipamentos é "Barracos". O estúdio, "Palco".

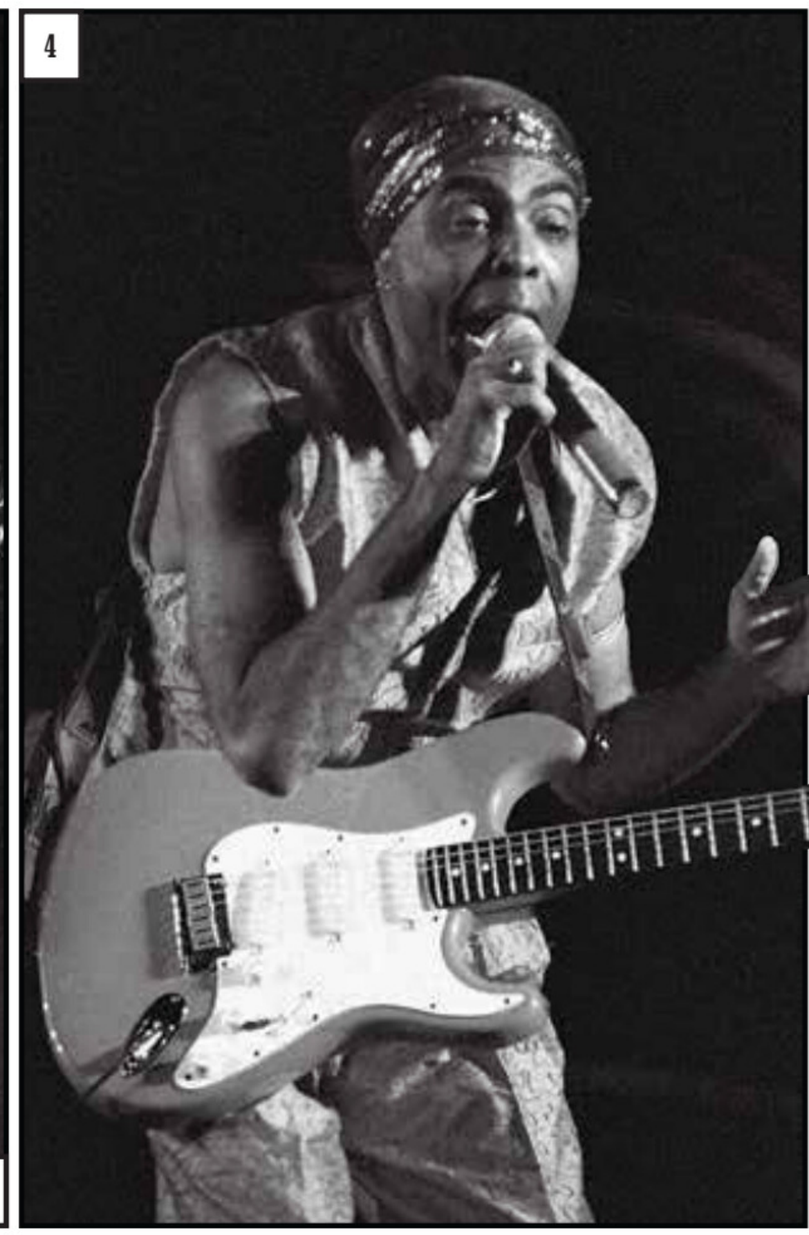
E é na sede da Gegê que então Flora Gil, à cabeceira da mesa de reuniões, continua dando as ordens no terreiro: "Meny, precisamos ter certeza disso agora!" Com 16 anos de Gegê, a portuguesa Meny Lopes é outro pilar vetusto da equipe. Produtora experiente, diretora comercial, cabe a ela acolher as consultas sobre shows, negociar o cachê, tratar com músicos e técnicos e garantir a estrutura no local da apresentação. "Meny é a pessoa que faz o Gil trabalhar", resume Flora. Miúda, fumante contumaz (diz que vai parar), não hesita em atender as solicitações que vão surgindo ao longo da reunião, e para isso recorre algumas vezes à larga e sinuosa escadaria que leva ao andar superior para buscar dados e papéis que estão faltando. "O tempo da gente é a gente que faz" é uma das máximas dessa virginiana. "O Gil tem uma demanda enorme, é requisitado pelo mundo inteiro", conta Meny. "Há pedidos para que ele escreva prefácio de livro, grave algo num CD... São tantos, que não se faz idéia."

FOTOS: WILMAN/ACERVO UH/FOLHA IMAGEM (1); MARIO LUIZ THOMPSON (2 E 3); OTAVIO DIAS DE OLIVEIRA/FOLHA IMAGEM (3); ALEXANDRE DURÃO/FOLHA IMAGEM (4)

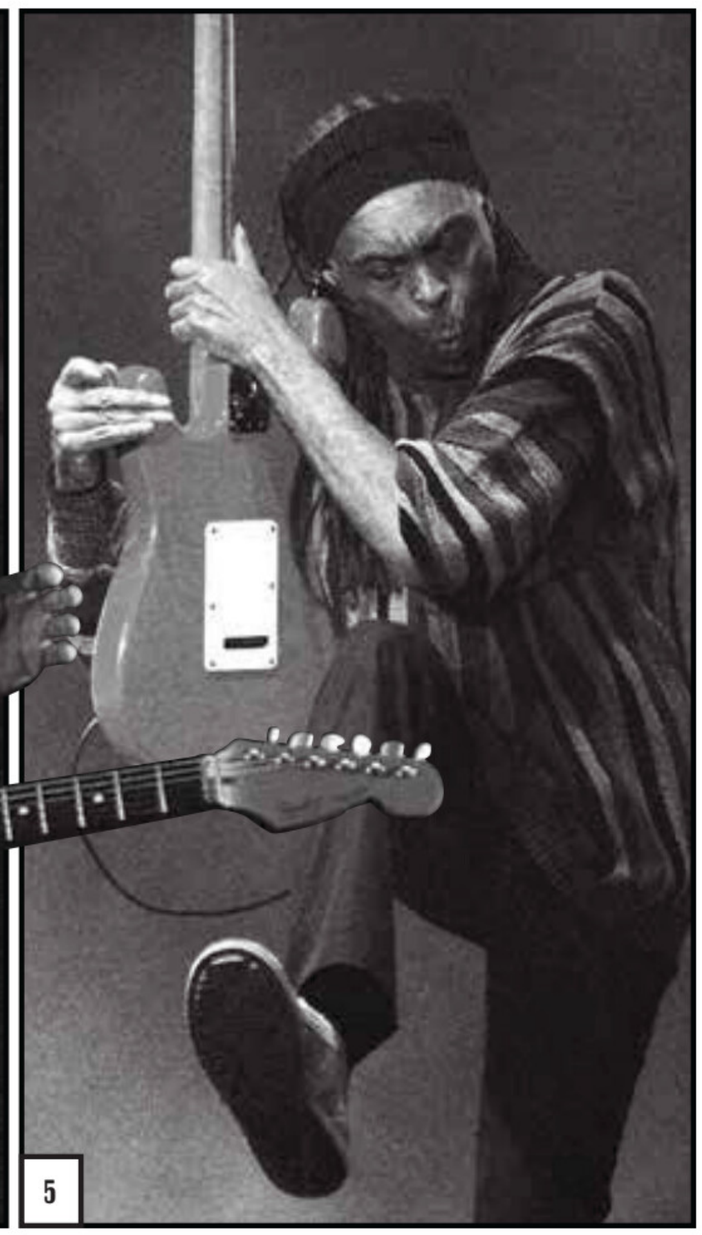
Revistas.PeruRadio.net.pe



3



4



5

"GIL NÃO GOSTA MUITO DE HOMEM EM VOLTA DELE, PREFERE TRABALHAR COM MULHER"

Sentada a seu lado está Fátima Giordano, irmã de Flora e, como ela, criada em colégio de freiras. É a produtora executiva da empresa, outro vértice do alto comando. "A Fafá realiza o que a Meny negocia", Flora explica. "Ela toma conta da estrada do Gil." No segundo anel do grande astro surgem mais personagens. Estão na retaguarda Júlia Sampaio, que assiste Meny e Fafá e se ocupa um tanto com os shows de Preta; Regina Guimarães, que zela pelo financeiro; Cristiane Gusmão, que comanda o Expresso 2222 e secretaria Flora; e Priscila Azul, fotógrafa e responsável pelo acervo de fotos e documentos – a memória de Gil. "Ele não gosta muito de homem em volta, prefere trabalhar com mulher", diz a primeira-dama da Gegê. Parece estar dando certo.

No Rio, além do complexo da Gegê, Gil e Flora têm o apartamento em que moram, no bairro de São Conrado, onde contam com três empregadas e um motorista. No interior do estado, mantêm um recanto serrano junto à Reserva Biológica de Araras, imensa área de mata atlântica. Ele não sabe direito dessas coisas, recorre à Flora. "Coisas de bens, mãezinha...!" Ela vai emendando: "A casa da Bahia, algumas salas comerciais na Bahia, apartamentos na Bahia, o apartamento de Nova York... Mas o que é isso, agora? Imposto de renda?" Gil dá risada. "A gente foi comprando pros filhos", conta ele. "Nara, que tem um filho, tem um apartamento. Preta tem, o Bem tem, a Bela tem na Bahia... Só José que ainda não tem." Flora lembra de algo em São Paulo. "Ah, eu tenho um em Moema! O da minha mãe é meu." Ele já ouviu falar dessa novidade. "Ah, é... ela comprou um apartamento pra mãe dela." A família dispõe de dois carros, um Audi A3T e um Volvo XC90. "Os dois blindados!", grita Flora de lá. (Em 2005, vítimas de uma tentativa de assalto em Botafogo, ela e a irmã foram salvas pela blindagem, quando dois sujeitos descarregaram cerca de 15 tiros na lataria e nos vidros da perua Volvo.) E investimentos em bolsa, papéis? "A gente tem aplicação em bolsa, coisas assim, mãinha...?" Flora encerra o assunto, com chave de ouro: "Não! Nós não somos ricos o suficiente."

Segundo ela, a parte de shows é a mais importante dos negócios, seguida da parte editorial (licenciamentos). "Acho que, hoje, a parte menor do bolo é a venda de CDs. Antigamente as editoras de música eram um pequeno departamento dentro de uma grande gravadora. Hoje em dia, está se encaminhando pro contrário: as gravadoras passam a ser um departamento pequeno dentro de uma grande edito-

Revistas.PeruRadio.net.pe

ra." Um show de Gil custa hoje algo entre 80 e 150 mil reais. É uma estimativa, já que não há tabela. "Pode custar mais, pode até ser gratuito", afirma Meny. Para comparação, dizem por aí que artistas como Ivete Sangalo e Chiclete com Banana cobram cerca de 300 mil reais. Roberto Carlos estaria na casa dos 600 mil. Estreando no Ministério, em 2003, com um salário em torno de 8 mil reais (hoje 10 mil), Gil deixou claro que precisaria aproveitar as brechas da agenda para continuar fazendo shows, afirmando não possuir uma poupança que lhe permitisse abrir mão disso. Frase dele na ocasião: "É que muitas pessoas dependem de minha carreira como artista, gente de minha produtora, os músicos de minha banda. Não poderia tomar uma decisão [*aceitar o convite para ser ministro*] sem levar isso em consideração". Foi sua primeira polêmica em Brasília e fez muitos acreditarem que não se manteria muito tempo por lá. Gil pensa africano. "Eu não sou muito pragmático, naquele sentido convencional de que você vai pra uma função e você tem que estabelecer muito claramente... as metas, o que aquela função representa, o que você tem que fazer dela, quais os instrumentos que você precisa contar para que aqueles objetivos sejam conseguidos etc. – eu não sou muito assim", diz ele. "Eu gosto muito de... estamos ali pra ver o que que é possível fazer."

Em julho deste ano, quando saiu, os jornais cuidaram de elencar os altos e baixos de sua gestão. Logo no início do mandato, evitou a exigência de uma "contrapartida social" nos contratos de patrocínio cultural, vencendo uma queda de braço com a Secretaria de Comunicação do Governo. Em 2004, criou os Pontos de Cultura, que colaboram para a democratização do acesso à internet. No ano passado, conseguiu do presidente 4,2 bilhões extras para sua pasta, historicamente pouco privilegiada na divisão do bolo (a Cultura tem ficado com cerca de 0,5% do orçamento geral da União, metade do mínimo recomendado pela Organização das Nações Unidas, e este ano quase bateu em 0,6%, equivalente a 1,1 bilhão de reais). "Eu não sou de briga", admite o ex-ministro. "Mas sempre cobrei do presidente um aumento nesse percentual. É preciso mais, exatamente porque há uma série de atendimentos que o orçamento poderia fazer e que a lei de incentivos, por exemplo, não faz, já que são áreas que não contam com o apelo de mercado, que não são a televisão, que não são o grande teatro etc., e precisam de proteção maior por parte do Estado." O contexto, segundo ele, não ajudava. "Tem todas as questões de superávit, a questão da dívida pública, a necessidade da redução de gastos, que passa por redução orçamentária também! Então, essa correlação difícil, entre soltar mais as torneiras ou abrir mais as torneiras, regar o conjunto da sociedade de recursos públicos e, ao mesmo tempo, a necessidade de restrição pra enxugamento, pra racionalidade, pra chamada responsabilidade fiscal e todas essas coisas... É um jogo, um jogo em relação ao qual eu me colocava com muita... Eu não ficava lá gritando 'Cadê o meu, a minha parte?', com arma na mão. Eu não sou muito disso, não. Tava lá pra fazer o que eu podia com aquilo que eu tinha."

Na lista de bolas fora, aparecem o insucesso nos planos de reformular a Lei Rouanet, a greve dos servidores do Ministério em 2007 e o diz-que-vai-não-vai-acabou-não-fondo em que se transformou a criação da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual, projeto depois barrado por Lula. O poeta e escritor Ferreira Gullar foi um dos que falaram mal de Gil. Marco Nanini e Paulo Autran lideraram os ataques que vieram da classe teatral, e Autran chegou a citar com ironia as trancinhas e o violão do ministro durante um evento em São Paulo. E, se é que chama atenção, até Caetano Veloso reclamou que o ministro deveria ser mais cuidadoso ao falar de licenças alternativas para produtos culturais. "Pode criar uma sensação de vale-tudo", disse Caetano.

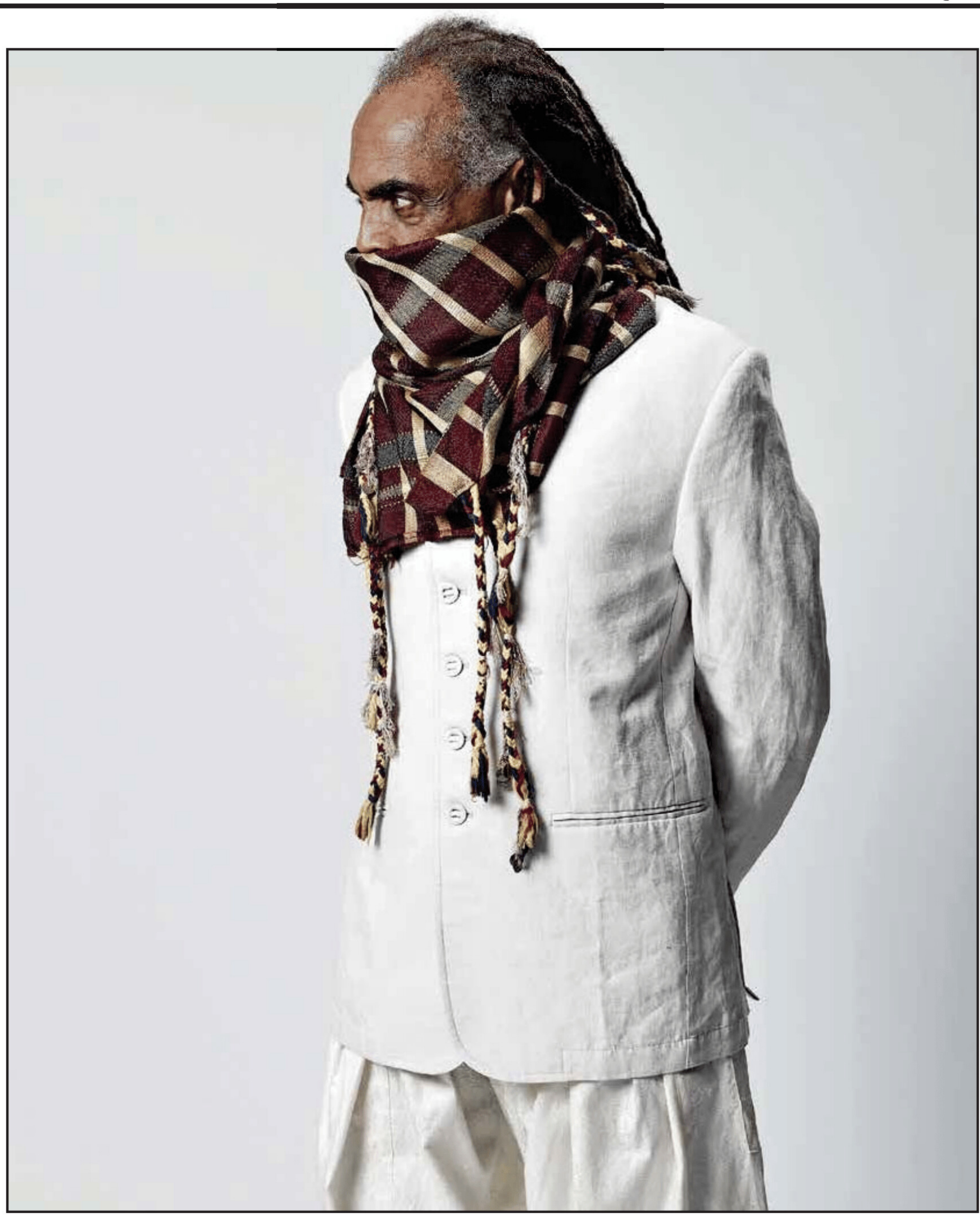
Direito autoral foi tema recorrente no mandato de Gil. "A questão cultural hoje é uma questão de uma velocidade muito grande, né?", diz ele. "As pessoas já estão começando a jogar no lixo os telefones celulares. E aí você tem que estar muito atento ao fluxo do dia-a-dia, das coisas que vão surgindo, das coisas que vão aparecendo, das intersecções novas que a cultura vai tendo com os outros campos – com a educação, com a saúde, com o meio ambiente, com isso e com aquilo. Eu não sou um especialista nisso. O que quero dizer, eu não me coloquei no Ministério da Cultura como especialista, me coloquei como generalista. O experimentalismo tem que ser a marca básica de tudo que você faz. Você tem que estar disposto a experimentar. E foi assim que eu me coloquei, me dei ao cargo, à função." Ele nega que o Ministério tenha sido uma cruz. "O que há de ser feito, eu vou lá fazer – é isso que eu acho. A oportunidade de fazer à nossa feição, à minha feição, à feição do meu modo de ver, do meu modo de interpretar, de uma leitura específica que eu faço da vida, que pode ser coincidente com a de muitos outros, e que possa servir aos outros, servir a muitos. Eu não vejo nisso nenhum grande sacrifício." E assevera que nem o terno e a gravata lhe incomodavam. "Na vida de ministro você vai pra muitos lugares mais formais e, em geral, lugares que têm ar-condicionado, muito refrigerados. Então, o colarinho e a gravata combinam, protegem o peito e a garganta."

Durante estes anos de mandato, Gil conheceu e firmou amizade com o empresário e executivo Luiz Fernando Furlan, ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. As esposas de ambos também se entenderam e logo, além de almoços e jantares em Brasília, os dois ministros e suas famílias passaram a se encontrar também para finais de semana em Salvador ou Araras. "Nossa afinidade começou logo em janeiro de 2003", lembra Furlan. "O presidente Lula resolveu levar os ministros para conhecer a pobreza e organizou uma viagem para o Vale do Jequitinhonha, em Minas, interior do Piauí, e também uma parte de Pernambuco. Na hora em que chega-

"NÃO ME COLOQUEI NO MINISTÉRIO COMO ESPECIALISTA, MAS COMO GENERALISTA"

FOTOS: DANIEL KLAJMIC

Revistas.PeruRadio.net.pe



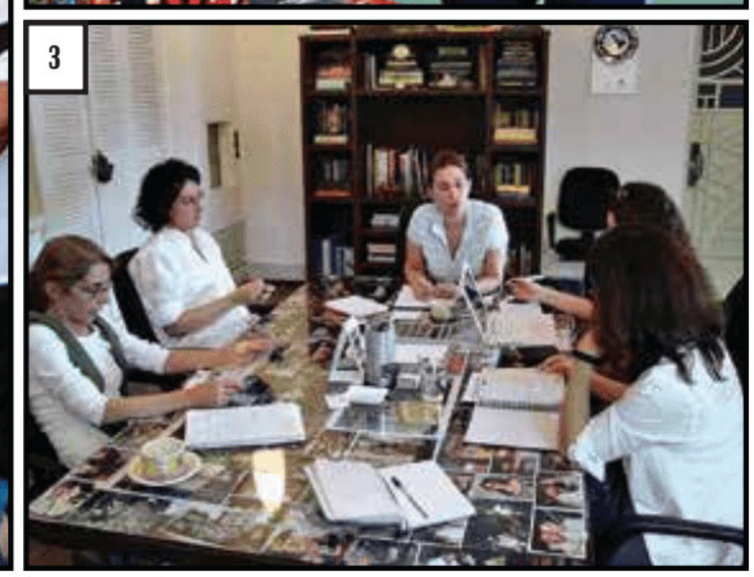
Revistas.PeruRadio.net.pe

O CLÃ GIL
1. Com toda a família, incluindo a mãe, dona Claudina (de azul). 2. Flora Gil, a esposa e "mãinha": "Ela jogou com habilidade esse jogo afetivo amplo dentro das famílias e unificou tudo". 3. Reunião na Gegê Produções: daqui para a frente tudo vai ser diferente

1

2

3



"FLORA ASSUMIU QUE HÁ UMA GRANDE FAMÍLIA GIL, QUE É DELA TAMBÉM"

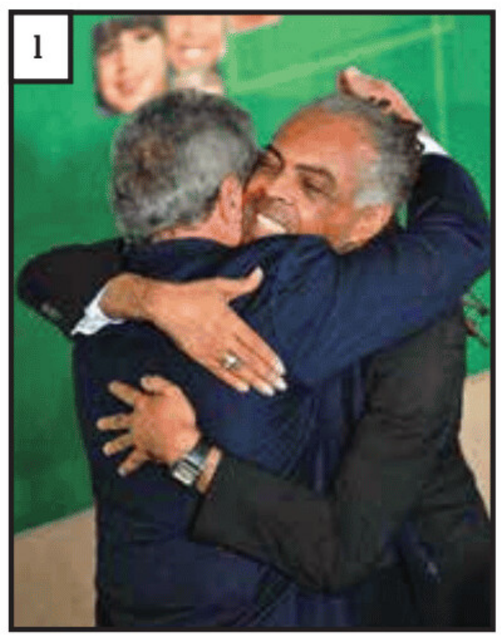
mos no primeiro lugar, o povo não conhecia os ministros, mas conhecia o Gil. E eu ao lado dele e uma quantidade enorme de fãs vinha, com câmera fotográfica, e falava assim pra mim: 'Moço, tira uma foto minha com o Gil?' Eu passei a ser o fotógrafo especial do Gilberto Gil!" Pouco depois, mas bem longe da miséria, durante o Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, a popularidade do colega voltaria a surpreender Furlan. "Eu já era veterano de Davos, então tinha hotel marcado seis meses antes, tudo. E o Gil tinha confirmado na última hora, não havia quartos em lugar algum, daí deram a ele um hotelzinho de periferia. Eram umas duas e meia da tarde quando chegamos na cidade e eu falei: 'Gil, vamos comer alguma coisa no hotel onde estou e depois a gente vai procurar o seu'. Quando entramos no saguão, a diretora do hotel, um dos melhores de lá, olhou pra ele e gritou assim: 'Gilbeeeerto Giiiiiiiiil!' [*imitando sotaque*]. E aí veio, falou que era fã dele, que tinha todos os discos. No fim, acabou que ele ficou hospedado nesse hotel e ainda pagou metade do preço que eu paguei, gentileza de sua grande admiradora." Apesar das trajetórias tão diferentes, Furlan diz que a amizade com Gil tornou-se fraterna, deve perdurar. "Que eu me lembre, tive uma só discordância com o Gil, que foi em relação aos transgênicos – ele é contra os transgênicos e eu defendo a tese de que é burrice você criar obstáculos ao progresso da ciência. E foi uma divergência técnica, nada de apaixonante."

A capacidade de Gil como gestor foi um dos pontos bastante discutidos ao longo do mandato. Sua formação como administrador de empresas, em 1964, na Universidade Federal da Bahia, e a breve experiência como executivo na Gessy-Lever, em 1965, não foram suficientes para fazê-lo tão famoso na vida corporativa como na arte. Mas é inegável que essa faceta existe, o que ele reconhece. "Acho que sim, tenho a impressão de que isso deve colaborar, por causa das noções de métodos e organização e gestão e... os rudimentos de mercadologia, de marketing que aprendi, as relações, cadeias produtivas, as cadeias criativas, essas coisas que são noções básicas da época acabaram ficando. São referências, orientações, o gosto pelo negócio bem gerido, bem organizado." Furlan vê nele os traços dos grandes líderes. "É um empresário bem-sucedido, uma pessoa que tem respeito no setor em que trabalha, constituiu um patrimônio, lidera um grupo de pessoas que dependem dele, da organização dele – o que não é muito comum nesse segmento de atividades, juntar esses dois talentos. Há muitos casos de artistas conhecidos que não conseguem se desenvolver, manter o patrimônio, e o Gil segue uma carreira de sucesso, como gestor também."

Jorge Mautner, amigo desde os tempos de exílio em Londres, autor de "Maracatu Atômico" e várias composições em parceria com Gil, concorda e vai mais longe. "Ele foi escolhido, em uma época de um Brasil nitidamente muito racista, nos anos 60, ele foi nomeado em uma grande empresa, entre centenas de candidatos. Então, nesse sentido de empresário e executivo, ele é um vencedor, um gênio. Organiza tudo, sabe de todos os contratos, se informa de tudo, de detalhes de produção, uma

FOTOS: ACERVO PESSOAL GILBERTO GIL (1); OTÁVIO RODRIGUES (2 E 3); JOSECRUZ/ABR (1); WILSON DIAS/ABR (2)

Revistas.PeruRadio.net.pe



GIL, EX-MINISTRO DA CULTURA
1. Recebendo um abraço do Presidente Lula durante cerimônia de posse do novo ministro da Cultura, Juca Ferreira. Em Brasília, no cargo que ocupou por cinco anos.

meticulosidade inacreditável. E isso tudo com ações ininterruptas e vertiginosa velocidade. São decisões instantâneas. Ele consulta, conversa, faz." Mautner é muito próximo de Gil e sua família, sempre aparece na Gegê quando o patriarca está por lá e freqüenta a casa de Araras, onde com sossego e inspiração a dupla tem feito canções como "Os Pais" e "Todos Viram", incluídas no CD mais recente de Gil, *Banda Larga Cordel*. Rasga-se pelo amigo e o eleva à condição de um neo-capitalista. "Ele tem um envolvimento, uma visão do bem comum, [*um ímpeto*] de transformar a humanidade, de mostrar a grande importância de nossa cultura em nível universal e pra nós mesmos. Isso tudo é uma coisa só, da irradiação da emoção dele, dessa empatia imensa que se transforma em atos concretos, sejam humanos, musicais, poemas, sejam manifestações políticas, seja na família – o tempo todo."

Mas a corda sempre nos leva de volta pra ela: Flora. E compará-la a Paula Lavigne, que dirige os negócios de Caetano, não é suficiente. "O Caetano não tinha uma família anterior, propriamente. Tinha um filho e uma ex-mulher. Eu, não! Eu tinha vários filhos, várias ex-mulheres e tudo mais. Um pacote do Gil Moreira que a Flora botou no colo, integralmente! Mesmo ali, no próprio reduto afetivo da minha vida, ela também ali foi. Meus filhos, meus parentes, meus amigos, meus pais, minha mãe! Tudo! Ela assumiu que há uma grande família Gil, e que é dela também. Jogou com habilidade esse jogo afetivo amplo dentro das famílias e unificou tudo, incluindo os entornos da família, com os amigos todos."

Preta é testemunha. "Flora sabe gerir, empreender, tudo com uma precisão muito grande. As coisas partem sempre da vontade dele. O que ele está vislumbrando, as idéias que ele começa a rabiscar na cabeça, a Flora tem a capacidade de transformar num projeto rapidamente, o que é muito bom para um artista. Eu vejo isso acontecer há muito tempo. É sempre um disco por ano, um filme por ano, acho que funciona muito bem. Mas ele que rege a carreira dele, ele decide o que quer, ao contrário do que as pessoas pensam. Tem muito essa visão de que a Flora manda. Na verdade, ela é uma realizadora dos desejos dele." Para Liminha, Flora traz tranqüilidade para Gil e para quem estiver por perto. "É uma mulher inteligente, madura, muito prática, tem muita energia, imaginação e é rápida pra tomar decisões. Sempre tive seu apoio nos discos que produzi. Com certeza o lado artístico de Gil cresce. E todos na equipe adoram ficar ao lado dele, o que acaba refletindo positivamente no trabalho."

E nem é preciso ser um expert para identificar algumas das boas práticas corporativas da Gegê. Recorrer aos melhores e deixá-los trabalhar é uma delas. Por exemplo, o novo cenário do show é de Hélio Eichbauer, discípulo do tcheco Josef Svoboda, o mito da arquitetura cênica nos anos 70. Hélio é tido com um dos renovadores da cenografia brasileira e, entre dezenas de trabalhos, desenhou o cenário e a indumentária em *O Rei da Vela*, de Oduvaldo Viana Filho, em 1967. Já assinou shows de Caetano Veloso, Gal Costa, Marisa Monte, várias peças de teatro, óperas e filmes. Ora, nome e experiência contam muito.

Mas que não se tome isso como receita – pelo menos não na Gegê. Porque para cuidar das ações na internet, em vez de uma grande agência ou nome de grife, chamaram a Gruda em Mim que o Boi Não Te Lambe, uma empresa nova, pequena, totalmente focada em web 2.0 – a segunda geração da internet, na qual a interatividade e a democracia na geração de conteúdo prometem revoluções para o futuro próximo. Com uma câmera na mão, a agência vem seguindo os passos de Gil em shows pelo Brasil, Estados Unidos e Europa, nos ensaios e no fim de semana em casa. Boa parte desse material está disponível em sites como YouTube, em que Gil foi distinguido com um canal exclusivo. A operação é sistemática, inclui trechos dos shows mais recentes, breves entrevistas sobre cada uma das músicas novas e, no conjunto, já cria massa suficiente para garantir que esse conteúdo, produzido e veiculado pelo próprio artista, suplante o rio de bobagens que antes se seguia a uma busca simples com seu nome. No hotsite da turnê, o público é estimulado a participar, enviando fotos e filmes feitos durante os shows – algo para o qual muitos outros artistas ainda não acordaram.

O site oficial, criação da Refazenda, prata da casa, é o que os caras de MBA chamam de *benchmark* – um modelo a ser seguido. Afora os aspectos estéticos e outros de natureza subjetiva, o que deve ser louvado é seu caráter funcional: acha-se ali o que se quer em questão de segundos, desde informações sobre o autor a qualquer uma das músicas de sua obra, incluindo audição. O player não quica, as letras das canções e a ficha técnica abrem na hora. Curiosamente, a internet não faz de Gil um navegador. "Uso pouco comparativamente à maioria das pessoas. Uso pra troca de e-mails, uso muito pra news, pra ver notícias, pra atualização, né? Atualidades nos jornais, *New York Times*, *El Pais*, *Le Monde*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, enfim, os sites interessantes como *Long Tail* (sobre transformação e novos negócios no mundo da internet, do ex-editor da revista *Wired*, Chris Anderson), pra ver as novidades nesse campo. Enfim, coisas assim, muito seletivas. YouTube, eu mesmo não, eu nunca fui. Não tenho tempo. Eu vejo muita coisa porque alguém me chama pra ver ou me manda. Flora manda, Bela vê alguma coisa interessante lá em Nova York, manda pra mim... São filtros. Eu tenho muitos filtros. Outro dia, o Liminha estava aqui, durante a produção do disco, e veio me mostrar o Stevie Wonder em São Paulo, num programa da TV Record, lá atrás, ele cantando... Uma coisa maravilhosa."

Gil já gravou música de Stevie Wonder. E já gravou Beatles, Jimi Hendrix, Bob Marley, Dorival Caymmi, Jackson do Pandeiro. E a mesma devoção que tem por seus ídolos ele dedica aos fãs – pelo menos é o que se observa em Montreux, na Suíça, durante a breve passagem da trupe do show Banda Larga Cordel. "Gil! São 30 anos hoje!", grita em francês a mulher ele-

Revistas.PeruRadio.net.pe

gante, sentada na mesa do café – fazendo força, porque ele já está mesmo para atravessar a rua. "Eu assisti àquele show, eu estava aqui!" O baiano rodopia sobre os sapatos de couro fino, volta e a cumprimenta com carinho. O célebre Festival de Jazz de Montreux, organizado pelo não menos Claude Knobs – o tal que é citado em "Smoke on the Water", do Deep Purple –, realiza mais uma vez a noite brasileira, uma tradição que teve início em 1978 com a participação de Gil, como bem lembrou a fã suíça, e resultou em um disco ao vivo, emblema em sua discografia.

Neste sábado, seu show fechará a noite, depois de Mart'nália e Elba Ramalho, e ele agora percorre o trecho de 500 metros que separa o luxuoso Montreux Palace do centro de convenções onde acontece o festival, em cima da hora para a passagem de som. Dispensou o carrão oferecido pelos organizadores, contrariando a vontade de Flora. Aparece um rapaz alto, loiro, gringo da cabeça aos pés, e o aborda em português: "Gil, muito obrigado. Eu aprendi a falar português com suas músicas". Uma mocinha magra, meiga e lindíssima, chega junto e diz quase a mesma coisa: "Sua música é tudo para mim. Corre nas minhas veias". Calça e camisa pretas finíssimas, Gil chega finalmente ao local e é tratado assim como um paxá, bravamente escudado por Gilda Mattoso, assessora de imprensa e também secretária pessoal em viagens pelo Brasil e pelo mundo. Ela é poliglota, possui uma rede de relacionamentos que concorre em tamanho com sua desenvoltura para resolver problemas e tornou-se peça-chave no dia-a-dia de Gil. Por perto também, de camiseta, bermudinha justa e sandália de dedo, está a piauiense Adelícia Freitas, que há 14 anos cuida das roupas de Gil. "São 14 calças, 16 camisas, 6 pares de sapato", diz ela.

"Nossa, sonhei hoje com o Gil", lembra Flora durante o almoço "Que ele tava num hotel aqui na Suíça, e o hotel era todo de chocolate. Menina, ele saía comendo pedaço da porta, do corrimão..." Gil dá risada. Ele é doente por chocolate. "Na verdade, eu deixei de ter uma norma dietética permanentemente colocada, considerada como padrão. Eu tenho uma alimentação bem ampla, bem aberta. Quando eu preciso de uma âncora mais terapêutica, assim, então eu vou pra macrobiótica. Eu já ando com mais tranqüilidade, já me movimento com menos dispêndio de energia, sou mais cuidadoso, venho adequando os meus atos a uma vida mais... de dispêndio mais moderado de energia. Então o alimento também vai seguindo tudo isso, você vai comendo menos." E conta que come uma carninha de vez em quando. "Às vezes, sinto mais necessidade de centrar nos cereais. E durante um período então eu vou e libero um pouco as proteínas animais quando acho que tenho folga pra isso."

Mas os sonhos de Flora não acabaram. "Ah, lembra, eu sonhei que você tinha sido um bebezinho, também?" Bem, isso já está nas enciclopédias, é a pura verdade. Em 26 de junho de 1942, em Salvador da Bahia, nasceu Gilberto Passos Gil Moreira, filho do médico José Gil Moreira e da professora Claudina Passos. Viveu aquela infância querida na pequena Ituaçu e ainda usava fraldas quando começou a batucar pela casa e dizer que queria ser músico. Aos 9 anos, foi morar com tia Margarida em Salvador e dedicou-se ao acordeom. "Estudei o instrumento por quatro anos, me formei acordeonista com um professor espanhol, chamado José Benito Colmenero", lembra Gil. "Foi com ele que eu fui introduzido na teoria musical e comecei a tocar e só depois, exatamente lá pelos 16, 17 anos é que eu, aí, comprei meu primeiro violão, já estimulado pela bossa nova. Então vieram os Doces Bárbaros, os anos de chumbo, os festivais, o exílio em Londres, o verão do desbunde – e o resto é história."

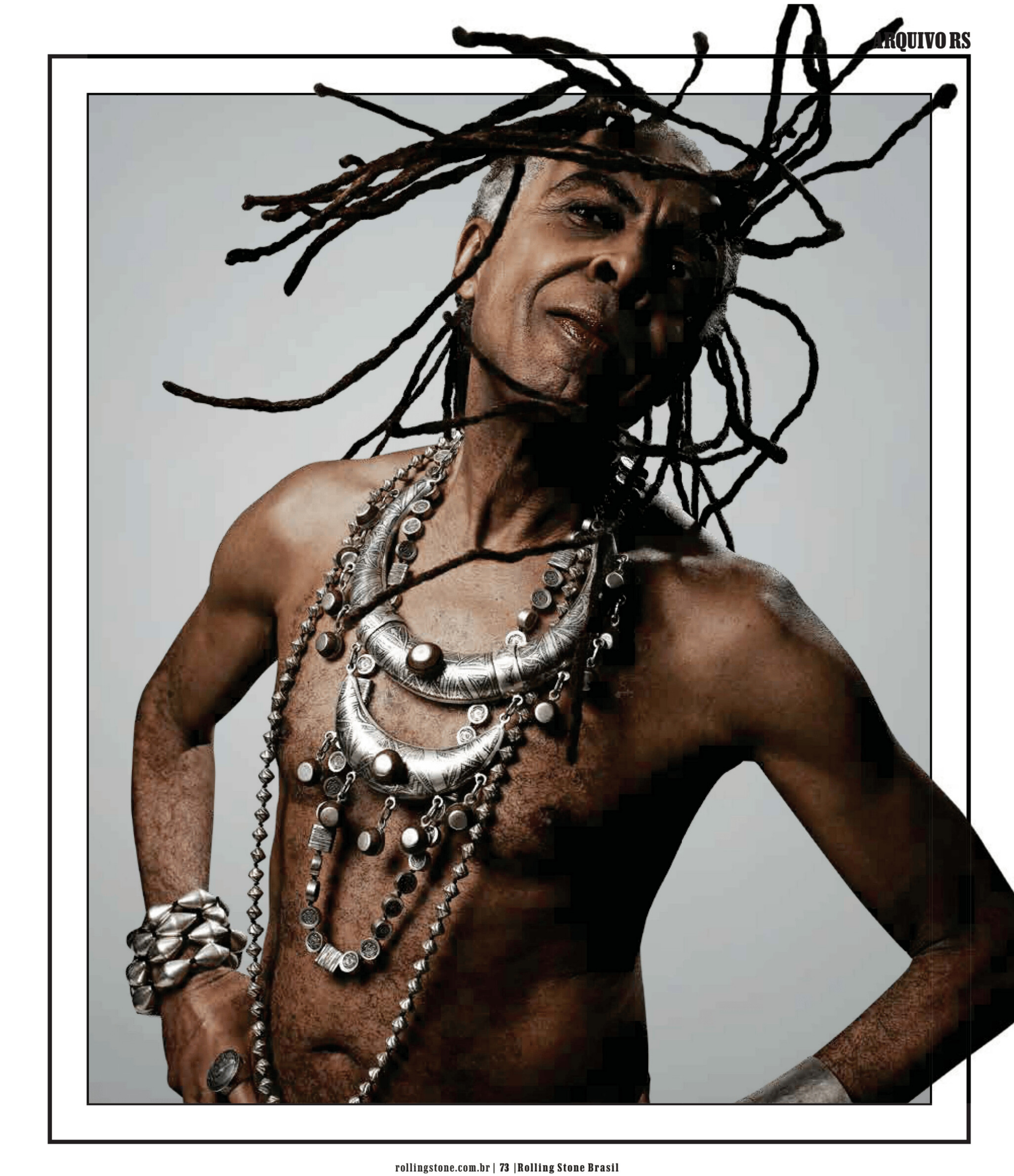
"Desde pequeno, desde pequeno... Falava que queria ser 'musgueiro'", lembra a mãe, hoje com 95 anos, imitando o jeito errado de ele falar. "Gostava muito do Luiz Gonzaga e aquele outro, o Jackson do Pandeiro. Ele escutava e ficava alegre, cantava... Desde pequeno." Dona Claudina não tem do que reclamar do filho. "Graças a Deus, um bom menino. Mas para pai e mãe, né, sempre filhos são tudo." A irmã, Gildina, apenas um ano mais nova que ele, faz uma ressalva. "Beto passou uma época aí, foi logo no início, que ele usou um cigarrinho daquela coisa horrorosa que você sabe o que é. Aquilo foi uma repercussão horrível." Como pai, está bem na fita. "Ele nunca me podou de nada", afirma Preta. "Sempre acreditou que eu deveria correr os meus próprios riscos e pagar o preço pelas minhas atitudes. Uma das coisas que ele mais diz, citando Caetano, é 'cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é'."

Com as trancinhas delgadas arranjadas em rabo-de-cavalo, as unhas da mão direita compridas, artesanalmente cuidadas por dona Elita – que atende também João Bosco, Moraes Moreira e Yamandu Costa, entre outros violonistas –, Gil só aparece na sala de reuniões da Gegê à tarde, muito depois de concluída a reunião que definiu parte do doravante de sua vida. Havia ficado em casa durante a manhã, descansando depois da viagem à Brasília no dia anterior, quando formalizou sua renúncia. Anda entusiasmado com a voz, depois do necessário período de comedimento que sucedeu a operação nas cordas, ano passado. "Estou progredindo com exercícios, venho estendendo meus limites. Pra dar uma forçada mesmo, fortalecer." Após um breve encontro com o cenografista Hélio Eichbauer, no qual a conversa vai da poesia à metafísica, aprova integralmente as idéias para o novo visual do show. Está tranqüilo, em boa forma, mora no próprio corpo. "Faço alongamento há muitos anos, todo dia. É um pouco de ritmoprática, que é um conjunto de exercícios propostos pelo professor Kikushi [*mestre da macrobiótica*]. Já fiz e eventualmente volto a fazer exercícios de ioga, de hatha ioga, de ioga de respiração." Das unhas aos fios de cabelo, o carro-chefe dos negócios da Gegê parece pronto para seu público. Mas não grude, não. "Eu tenho uma fantasia engraçada, a de que meu público sou eu mesmo, cada vez mais. Sempre foi."

"TENHO UMA FANTASIA ENGRAÇADA, A DE QUE MEU PÚBLICO SOU EU MESMO, CADA VEZ MAIS. SEMPRE FOI"

FOTOS: DANIEL KLAJMIC

Revistas.PeruRadio.net.pe



Revistas.PeruRadio.net.pe

SOBE O SOM

Ele criou o título "buda nagô" para referir-se a um de seus mestres, Dorival Caymmi, mas o epíteto encaixou-se nele mesmo. A fala mansa e o jeito tranquilo de Gilberto Gil são características que antecedem até mesmo a sua música. A forma como ele divaga sobre qualquer assunto, sua gargalhada contemplativa, a atenção concentrada e a conversa conciliadora elevaram sua personalidade para além da sua própria arte, tornando-se ele mesmo uma obra de sua criação. O personagem Gilberto Gil é uma das maiores obras de arte da história do Brasil, mesmo porque seu autor – o próprio Gil – pode ser considerado o maior artista brasileiro vivo. Mas engana-se quem o entende apenas por esta versão dos fatos. A aura macia acoberta o ofício contínuo, o trabalho como vocação, a constante labuta em sua própria lavra. Como Dorival e seu maior professor, João Gilberto, Gil é um dos responsáveis pela pecha que o baiano tem de preguiçoso, justamente pela imagem que passa para seu público. Mas sua obra é o antônimo da preguiça e o artista nascido em 26 de junho de 1942 se mostra em ocupação constante, sem tempo para distrações. Seja como ativista político, agente internacional da cultura brasileira, pioneiro influenciador digital, criador prolífico e mestre presente na carreira de gerações de artistas mais novos, Gil não para nunca. Apenas sua carreira fonográfica resvala nos mais de 70 álbuns lançados, entre estes vários shows transformados em discos, alguns deles clássicos em sua gênese. Isso fora a quantidade absurda de shows que faz pelo Brasil e por todo o planeta. Qualificações como Ministro da Cultura e imortal da Academia Brasileira de Letras são apenas conclusões inevitáveis de seu trabalho constante – e este trabalho continua nele mesmo. Até hoje, Gil estuda seu instrumento, tornando-se um inconteste ápice da música instrumental brasileira. Como compositor, não cansa de experimentar, ao mesmo tempo em que, como cantor, torna sua voz um timbre de registro único e universal. Em turnê de despedida, continua em busca de novos assuntos e encontrando novos parceiros, quando poderia estar confortavelmente sentado no trono que construiu, apenas vendo o tempo passar. E é esta sua grande contribuição à cultura brasileira: Gil é o senhor de seu tempo justamente pela constante labuta, e ele sabe que é isso o que faz dele tão grandioso. Sua majestade não vem das palavras ou dos contatos, e sim do fato de estar sempre em movimento. Gilberto Gil é o rei do tempo, porque ele mesmo é o próprio "Tempo Rei".

Por **Alexandre Matias** e **Henrique Nascimento***

FOTO: GÉRARD GIAUME/DIVULGAÇÃO

*EM ATUALIZAÇÃO NO ÁLBUM OK OK OK

Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe

GILBERTO GIL

WEA 1968

Lançado um mês antes do disco-manifesto *Tropicália ou Panis et Circensis*, em maio de 1968, o segundo álbum de Gilberto Gil não apenas é sua primeira obra-prima como também traz uma visão bem particular sobre como ele via o que depois passou a ser chamado de tropicalismo. O "som universal" que ele buscava com Caetano Veloso antes de a Tropicália ser batizada necessariamente passava pela psicodelia do rock britânico. Mas, ao lado do mano baiano, aquele novo movimento buscava contrapor extremos, buscando a essência da brasilidade a partir do contraste.

A versão de Gil era menos belicosa. Por mais que sua principal contribuição ao gênero seja uma música sobre um assassinato ("Domingo no Parque"), ela não entra no repertório para chocar, e sim para mostrar a realidade em que vivemos. Batizado apenas com seu nome, o segundo disco de Gil é conhecido por apelidos inspirados por sua capa ("o disco do fardão", "o disco tropicalista", "o disco psicodélico"), assinada por Rogério Duarte e Antônio Dias, com fotos de David Drew Zingg. Apesar das cores fortes e dos instrumentos elétricos, o disco segue a linha que Gil lapidava desde Salvador, trabalhando como um cronista do cotidiano do Rio de Janeiro. Músicas como "Domingou", "Luzia Luluza", mais uma regravação de "Procissão", "Ele Falava Nisso Todo Dia", "Coragem Pra Suportar" e "Domingo no Parque" descreviam cenas rotineiras, mas vistas com os olhos de um poeta forasteiro, encantado com as novidades da antiga capital.

Produzido pelo lendário Manoel Barenbein, o disco seguia o calor da época tropicalista, e ao trazer Gil vestido premonitoriamente com o fardão da Academia Brasileira de Letras (fazendo referência aos Beatles na capa de *Sgt. Pepper's*, lançado em 1967), ficava evidente que seus rumos musicais não eram triviais: as músicas foram arranjadas pelo maestro Rogério Duprat e os músicos que acompanham Gil são Os Mutantes.

"O que a gente põe a mais na salada?", perguntava o produtor a Gil, Duprat e aos irmãos Dias Baptista e Rita Lee, para sair da trivialidade das gravações da época. E assim, o disco assume-se psicodélico e transgressor, seguindo o mesmo caminho que os Beatles abriram para a música pop. Ruídos e efeitos sonoros atravessam as canções, dando um ar tanto lúdico quanto pós-moderno, provocando o ouvinte da mesma forma como eles se provocavam nas gravações.

Talvez o melhor exemplo seja o encerramento do lado A, o groove desembestado de "Pega a Voga, Cabeludo", música do folclore amazonense transformada em rock, que marca o início da gravação, quando o técnico Rogério Gauss anuncia: "Atenção bicões, gravando!". Daí em diante, o clima informal toma conta, até que o produtor resolve interromper o registro. Mas Rita Lee ironiza o professor, chamando-o de chato nas entrelinhas: "Manoel, me dá um Kri-Kri", brinca com o nome do chocolate, que também era uma forma de se referir a quem queria cortar a onda dos músicos. Empolgados, todos emendam um coro à revelia do produtor: "Ê, Manoel, para de encher!", cantam, antes de Gil chamar Sérgio Dias para um solo: "Serginho cabeludo danado, vamo lá!". Não bastasse isso, Gil ainda chama o baterista Dirceu Medeiros e exige um discurso. O músico então profere a máxima que "o som psicodélico é redondo que só uma gota", resumindo também o espírito deste disco clássico.

DESTAQUES: "Domingo no Parque", "Marginália II", "Pega a Voga, Cabeludo".

Revistas.PeruRadio.net.pe

GILBERTO GIL

Philips 1969

O fim do sonho psicodélico da tropicália veio como um soco: o Ato Inconstitucional número 5, decretado no final de 1968, transformava o regime militar em uma ditadura sem eufemismos. As consequências no mundo da cultura atingiram em cheio o coração tropicalista, quando Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos e levados a um quartel no Rio de Janeiro, sem terem a menor ideia do que iria acontecer com eles no futuro.

A prisão e posterior exílio dos dois baianos os acertou com força, tanto emocional quanto artisticamente, e cada um reagiu a sua maneira. Gil abandonou seu ar de cronista e passou a olhar para o futuro. Suas composições aos poucos misturavam-se à ficção científica, à medida em que ele sentia-se um personagem em uma distopia autoritária. O isolamento da cadeia e a iminência da possibilidade de deixar o Brasil – quem sabe, para sempre – provocou um trauma em sua poética, que passou a misturar nostalgia com uma contemplação pasma com um futuro implacável, lançando um disco ainda mais experimental do que o anterior.

Após dois meses preso, Gil pôde deixar a cadeia, mas manteve-se em prisão domiciliar até negociar sua saída do Brasil. Como Gil e Caetano estavam proibidos de fazer shows, o diretor artístico da gravadora Philips, André Midani, encomendou discos para aplacar suas condições financeiras e psicológicas no período. Gil compôs e gravou as músicas que se tornariam seu terceiro disco, esperando que pudessem ser acompanhadas por uma promissora banda de rock de Salvador, Os Leif's, que contava com os irmãos Pepeu e Jorge Gomes, ainda adolescentes, na formação.

Mas o produtor Manoel Barenbein preferiu agilizar o processo, convidou o maestro Rogério Duprat para arranjar as canções e montou uma superbanda para gravar as bases – Lanny Gordin na guitarra, Chiquinho de Moraes no piano, Sergio Barroso no baixo e Wilson das Neves na bateria. Aos instrumentos, foram acrescidos metais, ruídos, diálogos, ecos e outras invenções que Barenbein e Duprat criaram no estúdio. Ironicamente, a única música que Gil gravou no estúdio foi seu maior hit até então. "Aquele Abraço" era uma óbvia carta de despedida ao Brasil, cantada em um astral que destoa do clima triste da letra – Barenbein inclusive lembra como a animação do baiano contrastava com a desolação ante à notícia de que teria de deixar o país.

Batizado mais uma vez com seu próprio nome, o disco de 1969 é referido como "Cérebro Eletrônico" devido a sua primeira música, uma das várias em que Gil lida com a ficção científica, como a psicodélica "Futurível", sua regravação de "2001" (de Rita Lee e Tom Zé) e a melancólica "Vitrines", quase uma versão alternativa (e melhorada) para "Space Oddity" de David Bowie. Também se destacam "Volks-Volkswagen Blues", interpretações para "A Voz do Vivo" (de Caetano) e de um hit de Luiz Gonzaga ("17 Léguas e Meia") e a ousada "Objeto Semi Identificado", uma colagem de diálogos e pedaços de canções em diferentes rotações.

Entre as digressões da última faixa, Gil acaba resumindo seu estado de espírito – e o conceito do disco – de um jeito bem particular: "Eu gosto mesmo é de comer com coentro, uma moqueca, uma salada, cultura, feijoada, lucidez, loucura... Eu gosto mesmo é de ficar por dentro, como estive na barriga de Claudina, uma velha baiana 100%".

DESTAQUES: "Aquele Abraço", "Cérebro Eletrônico", "2001", "Vitrines".

Revistas.PeruRadio.net.pe

EXPRESSO 2222

Philips 1972

Por mais marcante que tenha sido o tropicalismo para Gilberto Gil, o movimento impulsionou a sua fase áurea de uma maneira torta. A prisão logo após o AI-5 em 1968, seguida do exílio na Inglaterra, abalou profundamente os sentimentos do cantor, compositor e músico, não apenas como artista, mas principalmente, como pessoa. Foi um período de tamanha introspecção e tristeza, que Gil não fazia a menor ideia de como seria seu futuro – se é que um dia voltaria ao Brasil.

Afastado de seu país e de sua Bahia à força, Gil sentiu a dor de perder o que mais amava, o que o fez mergulhar em si mesmo, em busca do que tanto sentia falta: essencialmente, sua própria individualidade. Longe de onde havia nascido, ele começava a perguntar-se quem realmente era. Esse questionamento atravessa toda a década seguinte do artista, mas tem início com o disco que ele criou após seu traumático retorno ao país. Em *Expresso 2222*, Gil anuncia, como um John Lennon à brasileira, que o sonho havia acabado – não era apenas a Tropicália, mas os anos 1960 como um todo, e também a ilusão de que era possível transformar uma nação através da cultura (mal ele sabia como estava enganado, mas isso é outro assunto). Mas Gil não queria ser apenas um portador das más notícias, e sim, utilizar o momento para que todos pudessem reavaliar seus próprios papéis. A começar por ele mesmo.

Ao iniciar a jornada em busca de seu próprio eu, ele volta aos tempos em que pegava o trem (o expresso 2222 que batiza o disco) da minúscula Ituaçu, no meio da Bahia, rumo à capital Salvador. Nascido na capital baiana, Gil mudou-se para o interior ainda criança, onde passou toda a infância e viu despertar seu desejo de ser músico, ao se encantar com os violeiros repentistas que faziam duelos e contavam histórias de lugares que ele só poderia imaginar.

Como a maioria da psicodelia clássica, o delírio de Gil é um passeio à infância, como seu retrato ainda bebê na capa do disco deixa escancarado.

Revistas.PeruRadio.net.pe

Mas apesar de começar ecoando a música de raiz que ouvia quando nem havia descoberto o rádio ("Pipoca Moderna", composição instrumental de Sebastião Biano, líder da Banda de Pífanos de Caruaru, que executa a versão que abre o disco), *Expresso 2222* já dá sua carta de intenções com o melhor rock já gravado no Brasil.

"Back in Bahia" é o manifesto do disco, explicando a raiz (e os gatilhos) de seu sofrimento no exterior e também com o ele havia se tornado outro homem, agora que tinha voltado para casa. "Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar", ele canta depois de comparar a tristeza baiana com a inglesa. "Tanto mais vivo de vida mais vivida, dividida pra lá e pra cá."

O início também deixa duas coisas bem evidentes. Por mais que tenha sido influenciado pela música estrangeira, Gil estava com sede de Brasil. No período em que passou no exterior, lançou um disco inteiro cantado em inglês (*Gilberto Gil*, de 1971) e fez shows inclusive fora da Inglaterra, quando passou uma temporada em Nova York e assistiu a apresentações de grandes nomes da música na época, dois deles cruciais para sua nova fase: Bob Marley e Miles Davis.

Além disso, a qualidade sonora do disco evidencia que as condições técnicas foram muito superiores se comparadas aos seus discos anteriores. Sob a direção de Roberto Menescal, *Expresso 2222* foi gravado no moderno estúdio da gravadora Eldorado, em São Paulo, um dos primeiros do país a possuir uma mesa de 16 canais. O fulgor rock de "Back to Bahia" dá o tom do disco e mostra as armas instrumentais que Gil tem para encarar essa jornada: Lanny Gordin na guitarra, Bruce Henri no baixo, Tutty Moreno na bateria e Antônio Perna no piano, uma banda que leva Gil para onde quiser ir – e ele quer ir para todos os lugares.

E Gil os leva para o terreno de João do Vale, quando a banda entorta – a partir do violão de Gil – a maravilhosa "Canto da Ema", que João compôs com os parceiros musicais Aires Viana e Alventino Cavalcanti. A psicodelia atravessa o xaxado de vez e o gênero entra na equação jazz rock proposta pelos músicos. O resultado é um delírio instrumental que certamente duraria horas ao vivo (no disco, ultrapassa os seis minutos), mas que Gil mantém na pista de dança de chão batido de sua nostalgia sem ignorar a aura romântica e supersticiosa da canção original.

O disco continua visitando os clássicos da formação de Gil quando ele puxa o samba manhoso do baiano Gordurinha e da pernambucana Almira Castilho, eternizado pelo mestre Jackson do Pandeiro para seu contexto pós-exílio. "Chiclete com Banana" também mistura, desde o título, referências brasileiras e estrangeiras – embora seu foco seja os Estados Unidos –, e Gil ultrapassa a proposta cautelosa do início da letra, misturando o que Jackson chamou de samba-rock com os improvisos vocais do bebop. E a banda sequer se mete a soar setentista, com um arranjo quase clássico em relação ao samba original. A tocante e sensível "Ele e Eu", bela homenagem que Gil faz ao mano Caetano, contrapõe as semelhanças e diferenças entre as personalidades dos pais da Tropicália, comemorando essa que é uma das maiores amizades de nossa cultura.

O lado B de *Expresso 2222* começa com outra viagem no tempo, desta vez acompanhada por outra tropicalista: Gal Costa ajuda Gil a manter o pique de "Sai do Sereno", do patrimônio pernambucano Onildo Almeida, que é desvirtuada pela banda em dois momentos de seus três minutos de duração. Na primeira vez, o grupo embarca em um delírio jazz rock em câmera lenta que quase descamba para o rock progressivo; e da segunda vez, quando, pouco antes do final, deixam o jazz torto encerrar a canção quase em um anticlímax. Mesmo porque, a partir de agora, Gil conclui o álbum praticamente sozinho.

A faixa-título dá início ao final do disco, deixando evidente seu ar melancólico a partir da voz e do violão de Gil. São praticamente duas canções entrelaçadas: enquanto Gil descreve a viagem de trem mágica de sua infância, seu violão soa como se o próprio andamento da locomotiva pudesse soar musical. A cada minuto, um novo instrumento de percussão entra, aumentando a pressão e o ritmo daquela máquina de som.

A mesma dinâmica continua em "O Sonho Acabou", esta somente com Gil cantando e tocando violão (e com os próprios vocais improvisados sobrepostos em um efeito maravilhoso). Enquanto o instrumento acústico abre o caminho para o vocal, este vai acordando quem ainda não havia percebido a nova realidade descortinada no Brasil: vivíamos em uma ditadura que poderia acabar com a vida de qualquer um. E apesar de ter sobrevivido, Gil sente que teve os sonhos destroçados pelo regime militar.

O MANIFESTO "BACK IN BAHIA" EXPLICA A RAIZ E OS GATILHOS DO SOFRIMENTO DE GIL NO EXÍLIO E COMO ELE HAVIA SE TORNADO OUTRO HOMEM AO VOLTAR PARA CASA

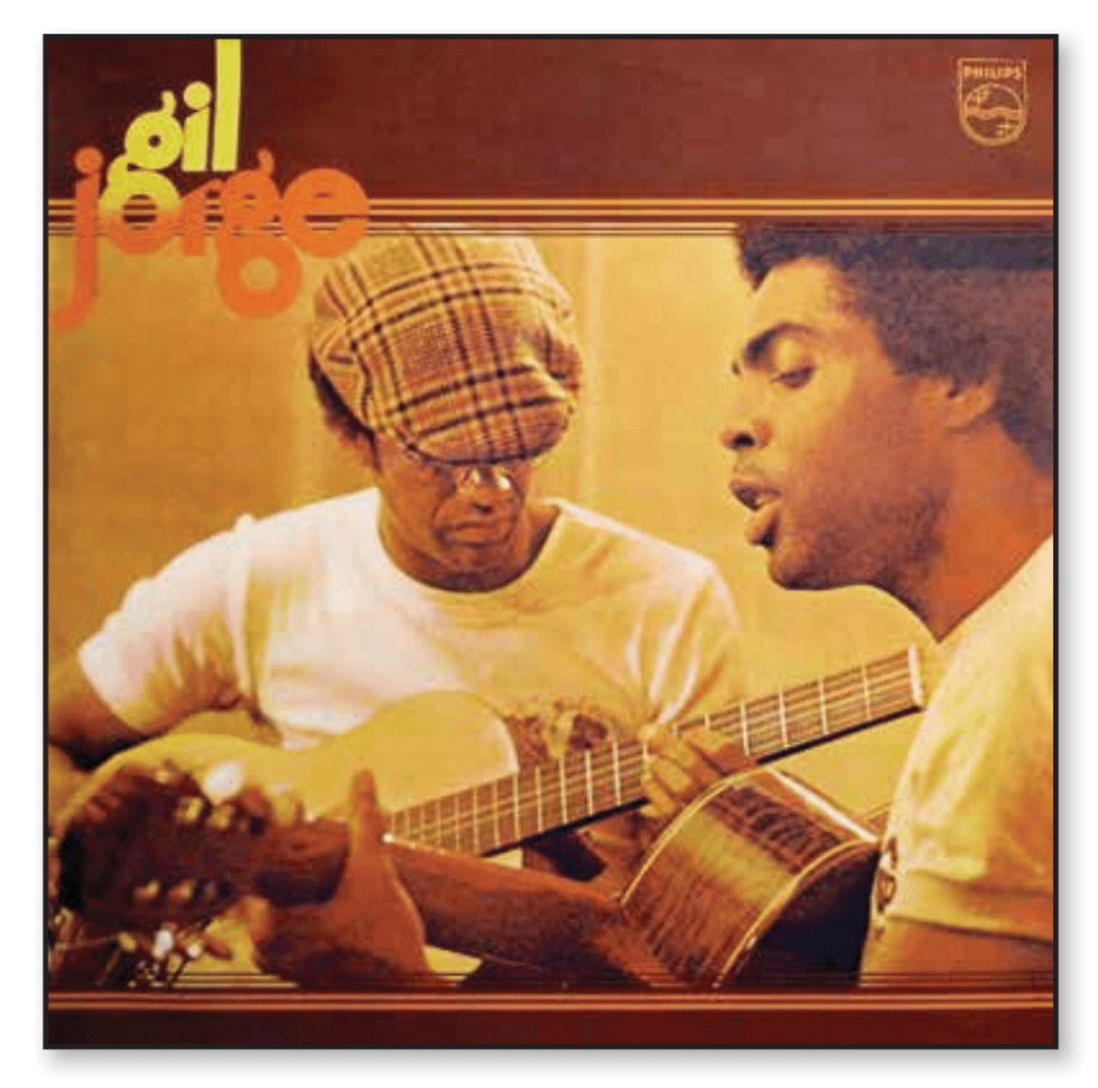
O álbum se encerra com uma das canções mais memoráveis de Gil. A referência asiática pode até não ter sido colocada em prática em sua carreira musical, mas os caminhos abertos em "Oriente" o guiaram para o resto da vida – da meditação à macrobiótica, ele abriu a cabeça para um exterior desconhecido sem que este lhe fosse imposto, como aconteceu em seu exílio. Tocada somente ao violão, a faixa finaliza este clássico em um tom pensativo e contemplativo, mas pouco melancólico, como parecia pender nos primeiros momentos.

Foi o início de um processo de redescoberta de si, em que Gil percebe que é o único agente de sua própria carreira. As transformações que aconteceriam a partir daí são fruto desse momento e atravessam as próximas décadas: sua reaproximação com a música sertaneja, com a cultura africana, com o reggae, a disco music, álbuns em parceria com seus principais parceiros musicais e até mesmo seu papel como Ministro da Cultura no primeiro governo Lula são guiados pelas conclusões a que ele chegou a partir deste disco. Não por acaso, foi com esse nome que ele também batizou seu próprio trio elétrico.

Expresso 2222 é um disco único na história da música brasileira. É um clássico discreto com hits suficientes para ser conhecido por não-iniciados, mas também um convite para uma sessão de terapia em público, a qual Gilberto Gil se induz frente ao seu próprio público, cogitando também esta possibilidade para quem o escuta. O trem está aí, é só embarcar.

DESTAQUES: "Expresso 2222", "Back in Bahia", "O Sonho Acabou", "Oriente".

Revistas.PeruRadio.net.pe



GIL JORGE: OGUM, XANGÔ

(COM JORGE BEN JOR)

Philips 1975

A história de um dos maiores discos da música brasileira começa com a visita de um dos grandes nomes da indústria fonográfica mundial ao nosso país. O australiano Robert Stigwood havia construído a carreira ao transformar Eric Clapton em "Deus", quando o guitarrista fazia parte do Cream. Mas com o passar da década, ele crescia seus negócios para o teatro e cinema, com os espetáculos *Hair* e *Jesus Christ Superstar*, e capitalizando sobre a disco music, quando o Bee Gees fez a trilha para *Os Embalos de Sábado à Noite*.

Mas em 1975, a principal joia da coroa de Stigwood ainda era Eric Clapton, e ele levaria o guitarrista, ao lado do amigo Cat Stevens, para passar uma temporada no Rio de Janeiro. Então, ele pediu a André Midani, principal executivo da gravadora Philips, que realizasse um evento para apresentar os astros aos músicos brasileiros.

Assim, Midani reuniu Caetano Veloso, Rita Lee, Erasmo Carlos, Gilberto Gil e Jorge Ben, entre outros, para uma recepção a Clapton e Stevens. Jorge lembra que todos estavam esperando o guitarrista tocar, mas a expectativa pesou sobre o inglês e logo todos os brasileiros estavam tocando violão e cantando no meio da festa.

Aos poucos, os músicos foram abandonando a roda. Primeiro, Caetano, depois, Rita e, finalmente, Stevens, deixando só Clapton, Gil e Jorge tocando sem parar. Até que o inglês arregou: "Não consigo acompanhar". Em vez de comemorar a vitória sobre o deus da guitarra, Gil e Jorge seguiram tocando até o raiar do dia, para deleite dos presentes.

Tanto que Midani agendou estúdio para um reencontro da dupla. Quatro dias após a noitada, lá estavam mais uma vez, frente a frente, dois dos maiores nomes da música brasileira. Anos antes, ao ouvir o primeiro disco de Jorge, *Samba Esquema Novo* (1963), o baiano pensou em desistir da carreira, pois achava que o carioca já havia feito tudo o que ele queria fazer.

Dois autores negros devotos do violão que lhes foi apresentado por João Gilberto, Gil e Jorge se conheceram em São Paulo, nos bastidores de programas de TV e festivais, e a admiração mútua os aproximou naturalmente. Mas fora uma participação não-lançada no disco de 1969 de Gil, os dois nunca haviam feito nada juntos.

O encontro destes dois orixás da canção – Gil é filho de Xangô, Jorge, de Ogum – é um sonho de intensidade única na história da música gravada. Acompanhados apenas pelo baixista Wagner Dias e o percussionista Djalma Corrêa, os dois embarcaram em uma sessão de improvisos que criam espaços mágicos na cabeça de qualquer ouvinte.

O encontro dos dois violões – cada um buscando as brechas no groove do outro – só não é mais marcante do que o das duas vozes, ambas livres e improvisando melodias, letras e canções sem letras. São quase 80 minutos de música sem interrupção, com faixas que ultrapassam os dez minutos. Originalmente um disco duplo, *Gil Jorge* foi relançado em versão simples, com as faixas editadas, perdendo a magia do encontro.

É fácil entender porque o álbum não vendeu bem. Gil e Jorge voltaram a se reencontrar nos anos futuros, mas naqueles dias de 1975, a energia que os dois desprenderam materializou-se em uma das grandes obras de arte do Brasil. Impecável.

DESTAQUES: "Filhos de Gandhi", "Jurubeba", "Taj Mahal".

Revistas.PeruRadio.net.pe

REFAZENDA

WEA 1975

Perto de completar dez anos de carreira fonográfica, Gilberto Gil resolveu recolher-se. *Refazenda*, gravado depois do ápice criativo e expansivo que foi seu disco com Jorge Ben (*Gil Jorge*), vai ao extremo oposto da musicalidade do baiano e busca suas raízes sertanejas, as quais ele nunca havia escondido. Gil é tão do samba quanto do forró e, mais do que isso, tanto da cidade grande quanto do interior. Talvez por isso, as justaposições contraditórias defendidas dylanescamente por Caetano Veloso durante a época da Tropicália não se refletem tanto na obra de seu irmão de música.

E com *Refazenda*, Gil pega carona no neo-arcadismo hippie e volta a um interior tão nostálgico quanto novo. Mais uma vez, o compositor não enxerga os pólos opostos como discrepantes, e sim, complementares, e assinala isso desde o neologismo do título. "Refazenda" significa um retorno à fazenda, mas também uma reconstrução de uma nova fazenda, de um novo interior, e ele refaz o percurso que havia feito entre Inglaterra e Brasil em *Expresso 2222*, três anos antes, para observar com candura e orgulho o interior brasileiro tão caro a sua formação.

Para isso, Gil conta com uma arma secreta irresistível: a doçura e a sensibilidade do acordeão de Dominguinhos. *Refazenda* é um disco em que Gil aproveita para mergulhar na cultura sertaneja nordestina, como se para frisar que o tropicalismo só poderia acontecer a partir de suas raízes na região. Só a presença de "Lamento Sertanejo", uma das maiores canções da música brasileira, faria de *Refazenda* um disco imprescindível para nossa cultura como para a carreira de seu autor. Mas ela não está sozinha.

Pelo contrário, *Refazenda* é um daqueles discos que até parecem coletâneas, de tantas músicas perfeitas reunidas em uma única obra. O álbum abre com a suingada "Ela", que parece remeter ao recente encontro criativo com Jorge Ben, mas logo chama o ouvinte para dentro, mais uma vez com Dominguinhos como o guia, na maravilhosa "Tenho Sede".

A faixa-título desconstrói palavras para desconstruir conceitos, algo que também persiste na belíssima "Pai e Mãe", em que Gil conversa abertamente sobre sua sexualidade com seus pais. "Jeca Total" e "Essa é Pra Tocar no Rádio" assumem o ponto de vista urbano e influências do jazz e do funk do período, mas sem tirar os pés do interior, encerrando o lado A com um dedo discreto na eletricidade, quase ausente do restante do disco.

O lado B é voltado ainda mais para o lado de dentro. Começa com a festiva e melancólica "Ê, Povo, Ê" e continua com a introspecção tropicalista de "Retiros Espirituais", em que mais uma vez ele cita o luar de Celly Campelo em sua discografia, em uma introspecção em frente à televisão. Depois, vem o rock acústico "O Rouxinol", composto ao lado de Jorge Mautner, e a imortal "Lamento Sertanejo", a qual, por si só, já valeria a indicação de Gilberto Gil à cadeira da Academia Brasileira de Letras.

"Dentro de si mesmo / mesmo que lá fora / fora de si mesmo / mesmo que distante / e assim por diante / de si mesmo, ad infinitum" são os versos que encerram um disco perfeito, na conclusiva e definitiva "Meditação". "Tudo de si mesmo / mesmo que pra nada / nada pra si mesmo / mesmo porque tudo / sempre acaba sendo / o que era de se esperar." *Refazenda* representa um artista em seu auge.

DESTAQUES: "Lamento Sertanejo", "Ela", "Pai e Mãe", "Retiros Espirituais", "Refazenda".

Revistas.PeruRadio.net.pe

REFAVELA

WEA 1977

No miolo da década de 1970, Gilberto Gil passou por um processo de autoavaliação e reconhecimento que poucos artistas brasileiros puderam atravessar. O mais próximo dessa transformação foi justamente o período em que João Gilberto inventou o que chamamos de bossa nova, tocando sozinho entre o interior de Minas Gerais e Porto Alegre antes de voltar ao Rio de Janeiro como o maior nome da história da música brasileira. Mas, enquanto João deu-se ao luxo de metamorfosear-se em sigilo, sem que ninguém pudesse acompanhá-lo (e em uma fase em que ele mesmo suspeitava que talvez não pudesse viver de música), Gil passou por uma intensa mutação sob os holofotes, na frente de todo o seu público.

A mudança começou com vigor após o fim de seu exílio na Inglaterra. *Expresso 2222* marca o primeiro passo rumo a um novo Gilberto Gil, que expandia sua atuação artística para além do rótulo experimental e tropicalista, entendendo os dois adjetivos de forma menos elitizada do que era típico ao movimento original. Ao mesmo tempo em que encontrou-se com Jorge Ben no seminal *Gil Jorge*, ele reforçou os laços afetivos com seus conterrâneos baianos na aclamada turnê *Doces Bárbaros*, que o reuniu com Gal Costa, Caetano Veloso e Maria Bethânia, todos já com carreiras bem estabelecidas naquele ponto.

Essa metamorfose prossegue em 1975 e materializa-se primeiro no disco *Refazenda*, lançado naquele mesmo ano. Mas nenhum fato marcou tanto a mutação de Gil como sua participação na segunda edição do Festival Mundial de Arte e Cultura Negra, em Lagos, capital da Nigéria, dois anos depois. O processo de autoconhecimento que o fez reatar-se com suas raízes sertanejas no disco anterior agora o chamava para a África – o evento, também conhecido como Festac 77, convocou artistas do chamado "Atlântico Negro" para uma reavalição sobre a influência cultural da diáspora africana. Para debater o significado de um legado imposto na era colonial que mantinha-se enraizado na cultura do continente (e que espalhava-se por todo o planeta), o Festac 77 reuniu artistas como Franco Luambo, Miriam Makeba, Louis Moholo, Donald Byrd, Stevie Wonder e Sun Ra, entre outros. E lá também estava Gilberto Gil, como o representante brasileiro daquele momento. Ao voltar ao país, ele começou a fazer conexões entre o que havia aprendido e o impacto daquele aprendizado na cultura nacional, especificamente, na Bahia. O disco que surgiu neste processo, *Refavela*, consolidava o que mais tarde seria conhecido como a trilogia "Re", ao mesmo tempo em que alinhava Gil com a questão racial, um tema para o qual ele não dava tanta trela poucos anos antes.

A transformação é crucial para o que Gilberto Gil se tornaria nos anos seguintes. Músicas como a faixa-título, "No Norte da Saudade", "Balafon" e uma nova versão para "Samba do Avião" mostram como a musicalidade e a temática invadem a sensibilidade do artista, ao mesmo tempo em que "Ilê Ayê" e "Patuscada de Gandhi" saúda as raízes africanas de dois dos principais blocos de Salvador.

Tudo é temperado com os ensinamentos de um aprendizado quase zen que aquela nova consciência lhe dava – e canções como "Sandra", "Era Nova" e "Aqui e Agora" praticamente definem quem é esse novo Gilberto Gil: um artista totalmente maduro, ciente de estar lançando mais uma obra-prima.

DESTAQUES: "Aqui e Agora", "Sandra", "Era Nova", "Ilê Ayê", "Patuscada de Gandhi".

Revistas.PeruRadio.net.pe

AO VIVO - MONTREUX INTERNATIONAL JAZZ FESTIVAL

WEA 1978

Gilberto Gil tem uma obsessão por gravar suas aparições no palco. Tanto que em determinado ponto de sua discografia, cada álbum é seguido por uma versão ao vivo do mesmo disco. São dezenas de registros, muitos com particularidades que tornam cada um deles únicos (como são também seus shows), mas nenhum consegue condensar tão bem tais qualidades como sua primeira aparição no consagrado festival de jazz de Montreux, na Suíça.

Era 1978, a 12ª edição do evento, e além de Gil, passariam por lá nomes como Ray Charles, Pharoah Sanders, Taj Mahal, Miriam Makeba, Bill Evans e Oscar Peterson, entre outros grandes nomes do jazz e do rhythm and blues. O acento elétrico já havia trazido bandas de rock para o palco do festival, o que fez o baiano plugar seu show na tomada. Para começar, Gil entrou vestido de branco (como explicou para o público, em inglês, aquela era a cor de Xangô) e abriu sua apresentação pedindo para seu percussionista Djalma Correa tocar para o orixá.

Gil logo deixa claro suas intenções: "Chuck Berry Fields Forever" fala sobre como a diáspora africana inaugurou tudo que nos referimos como música pop atualmente. Em "São João, Xangô Menino", ele não só reverencia a religiosidade afrobrasileira como também seus irmãos tropicalistas, citando nominalmente os discos que ele, Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethânia lançaram na época. Isso tudo com uma banda ebulindo: além de Djalma, havia Pepeu Gomes na guitarra, seu irmão Jorge Gomes na bateria e Rubão Sabino no baixo – uma usina de jazz funk com os dois pés na Bahia.

Com doze anos de carreira e quinze discos lançados, Gil já era um veterano, e o show em Montreux o consagrou como um dos titãs da música brasileira, tanto como autor quanto como intérprete. E quando caiu nesta segunda área, enfileirou a tradição como palavra de ordem, puxando Luiz Gonzaga ("Respeita Januário"), Caetano celebrando o carnaval ("Atrás do Trio Elétrico") e até o clássico "Mamãe Eu Quero". E como se isso não fosse suficiente, ainda chamou o grupo A Cor do Som, o guitarrista do Ave Sangria (o ícone Ivinho) e o tecladista do Yes (Patrick Moraz, que também tocava no Vímana) para encerrar a festa com a irresistível "Triolê". A intensidade atravessa as caixas de som.

DESTAQUES: "Chuck Berry Fields Forever", "São João, Xangô Menino", "Procissão"/"Atrás do Trio Elétrico"/"Mamãe Eu Quero".

REALCE

WEA 1979

"'Realce' é de uma época em que eu me introduzira no campo da meditação, entendida como uma arte mais formal de pensar-se e refletir-se, e estava interessado em possíveis traduções da filosofia oriental para o idioma da canção, tendo resultado num dos concentrados das meditações que eu então fazia e sido resultado de um processo profundo e ruminante (...), sendo ela mesma uma canção sobre o wu wei, termo chinês que significa 'ação da não-ação', ou, a impotência que se torna potência, ou, o esgotamento dos contrários nas suas polaridades etc.."

Assim Gil descreveu em 2020, pelo Twitter, a faixa-título do disco que encerra a trilogia "Re". É interessante ver a canção pelo ponto de vista do autor, porque por mais consagrado que *Realce* seja atualmente, o álbum foi recebido na época como um produto menor se comparado aos "res" anteriores, *Refazenda* e *Refavela*. Isso se deu por ter se afeito à disco music, modismo visto como escapista e alienante pela crítica de então. E saber que "Realce" – um delírio desbunde que encantou até o Earth, Wind & Fire, que a tocou com Gil em show no Rio, em 1980 – partiu de uma inspiração sobre meditação dá uma ideia nova ao disco.

E que disco. Gil expande esse conceito a outros gêneros e segue acenando para as conexões da Bahia com a África e o Caribe em faixas irresistíveis como "Sarará Miolo", "Logunedê" e uma de suas maiores obras, "Toda Menina Baiana". Mas também leva Dorival Caymmi às pistas com a levada disco para a clássica "Marina", além de abraçar o reggae em um dos primeiros hits do gênero em português, uma versão de "No Woman No Cry", rebatizada de "Não Chores Mais".

Produzido pelo mesmo Marco Mazzola que havia levado Tim Maia à disco em *Tim Maia Disco Club* em 1978, *Realce* foi gravado quase todo em Los Angeles, com uma banda de estrangeiros: Steve Lukather, guitarrista do Toto, Rick Schlosser, baterista de Van Morrison e Rod Stewart, e o tecladista Michael Roddicker. É um álbum de puro alto astral com momentos de introspecção, em sua maioria baseados pelo ritmo, à exceção de "Superhomem - A Canção", que Gil compôs depois que Caetano lhe contou a história do recém-lançado filme sobre o herói de Krypton. É outro clássico de Gil, e a música que mais perto chega da descrição sobre meditação que ele afirma pairar sobre o disco.

DESTAQUES: "Realce", "Toda Menina Baiana", "Superhomem - A Canção", "Não Chores Mais".

Revistas.PeruRadio.net.pe

UNPLUGGED

Warner 1994

O *Acústico MTV* gravado por gilberto gil é um dos discos ao vivo mais clássicos do compositor baiano, que se encontrava em um momento decisivo da carreira. Entrou na nova década com *Parabolicamará* (1991), seu trabalho mais importante desde *Raça Humana* (1984), e revisitou o tropicalismo apenas com seu irmão de alma, Caetano Veloso, em *Tropicália 2* (1993). A continuação da discografia parecia pedir um álbum mais autoral, como havia acontecido com Caetano (que emendou *Estrangeiro* com *Circuladô*), e não um outro disco ao vivo.

Mas, ao assumir o programa de TV como um novo disco, Gil deu um lance de mestre, que não só apresentou seus clássicos a uma nova geração, como determinou um novo cânone aos mesmos. Ao conversar com o público da nova emissora, nascido quando Gil já era um veterano, ele puxou tanto uma música composta com Herbert Vianna ("A Novidade", ponto-chave do disco mais ousado da carreira dos Paralamas do Sucesso, *Selvagem?*), quanto outra composta com João Donato ("A Paz", eternizada originalmente por Zizi Possi) e sua versão para "Sampa", de Caetano. E além dos sucessos inevitáveis ("Esotérico", "Realce", "Refazenda", "Drão", "Tempo Rei", "Expresso 2222", "Aquele Abraço", "Toda Menina Baiana" e tome hits), ele ainda embrenhou o tema de *O Sítio do Picapau Amarelo* como faixa-bônus da versão em CD, uma música que a geração MTV aprendeu a cantar quando ainda era criança.

Chamado para fazer seu *Acústico* depois do Barão Vermelho, do Legião Urbana e de João Bosco (sem contar Marcelo Nova, que gravou o piloto nunca exibido do programa), Gil foi o primeiro a bancá-lo como disco, algo que se tornou padrão, inclusive com o endosso da própria MTV. Mas naquele longínquo 1994, isso ainda não era nem uma possibilidade cogitada, tanto que o baiano preferiu gravar o programa com o nome em inglês, destacando o GG do título para harmonizar com suas iniciais.

Isso sem contar a banda que reuniu para o momento – e que depois seguiu em turnê naquele ano –, que contava com Arthur Maia no baixo, o compadre Jorginho Gomes na bateria (e bandolim), Celso Fonseca no violão, Marcos Suzano nas percussões e um jovem Lucas Santtana, que ainda não tinha carreira autoral, na flauta. Ao lado dessa superbanda, Gil também acelerou sua aura de guru, pavimentando sua reputação para as décadas seguintes.

DESTAQUES: "A Novidade", "A Paz", "Sítio do Pica-Pau Amarelo".

GILBERTOS SAMBA

Sony 2014

A devoção de gilberto gil a joão gilberto é uma característica de sua geração – raros os grandes nomes da MPB nascidos nos anos 1940 que não aceitaram o convite do maior artista brasileiro a descobrir a grandeza de nossa música por meio apenas de sua voz e violão. Mas diferente de seus pares contemporâneos, a reverência de Gil a João vai além da influência conceitual e musical: o baiano tropicalista talvez seja o principal discípulo do João Gilberto instrumentista, e este *Gilbertos Samba* só reforça esse papel.

Dos grandes cantores e compositores da música brasileira, Gil deve ser o maior violonista e tranquilamente poderia seguir carreira apenas tocando, sem se dedicar a compor ou cantar. Felizmente, não foi isso que aconteceu. No disco de 2014, no entanto, tocar coloca-se em primeiro plano, e é nítida tanto a influência de João no toque de Gil como na forma com que ele transcende o trabalho do mestre.

Mas não é um disco reverente e seu autor faz questão de deixar sua personalidade à mostra. Para começar, não cogita chegar perto da voz de João e deixa sua própria musicalidade dominar o canto. A melancolia contida do baiano de Juazeiro desaparece, para deixar a paz solar de Gil tomar conta do repertório. Este, por sua vez, é quase inteiro composto por canções eternizadas por João, à exceção de quatro momentos: em sua própria "Eu Vim da Bahia"; em "Desde Que o Samba é Samba" que Caetano compôs para *Tropicália 2*; em "Um Abraço no João", instrumental dos anos 1990 em que Gil retribui o afago que João deu a Luiz Bonfá em uma de suas raras composições; e na inédita "Gilbertos": "Aparece a cada cem anos um mestre da canção num país / Aparece a cada cem anos um / E a cada vinte e cinco um aprendiz", canta Gil, como se ele mesmo não fosse um destes que surgem a cada século.

Além destas, o disco volta-se a clássicos como "O Pato", "Aos Pés da Cruz", "Doralice", "Você e Eu" e uma versão de "Desafinado" em que Gil ousa colocar uma sutil guitarra (tocada por Pedro Sá) pairando sobre a canção. Participações discretas de Dori Caymmi, Domenico Lancellotti, Bem Gil e Moreno Veloso tornam este uma espécie de síntese da MPB no século 20 e, ao contrário do que possa parecer, não é um disco de bossa nova – e sim, um disco minimalista de samba, como o próprio João gostaria de se referir.

DESTAQUES: "Eu Sambo Mesmo", "Gilbertos", "Um Abraço no João".

Revistas.PeruRadio.net.pe

OK OK OK

Biscoito Fino 2018

Quem ouve *Ok Ok Ok* logo nota: o álbum é obra de um Gil de peito aberto. Primeiro disco de inéditas do artista desde *Fé na Festa* (2010), em que explorou xotes, forrós e xaxados, *Ok Ok Ok* foi lançado em 2018, após Gil se recuperar de problemas de saúde, e as músicas refletem a gratidão por aqueles que o acompanharam no período difícil: são como um abraço carinhoso do artista, diluído em canções cheias de afeto, dedicadas a parceiros, amigos e amores.

As homenagens não são estranhas a Gil: "Drão" é dedicada à segunda esposa, Sandra Gadelha, mãe de Preta Gil (1974-2025), enquanto "A Linha e o Linho" foi inspirada por Flora Gil, com quem divide a vida há quase meio século. A essas e outras tantas declarações de amor juntam-se "Sereno", que leva o nome de seu neto, e "Sol de Maria", batizada em homenagem à bisneta. Há também "Na Real", uma nova prosa para a esposa; "Yamandu", uma colaboração com o violonista gaúcho Yamandu Costa, que inspira a canção; e "Lia e Deia", feita para a atriz Maria Ribeiro e a jornalista Andréia Sadi, amigas de Gil.

Grato pelos cuidados que recebeu enquanto sofria com um caso de insuficiência renal, período em que compôs parte das músicas de *Ok Ok Ok*, Gil também celebrou os seus médicos: em "Quatro Pedacinhos", transformou em poesia os cuidados da Dra. Roberta Saretta com o seu coração; e, em "Kalil", repassou o currículo, elogiou e recomendou os trabalhos do também cardiologista Roberto Kalil: "Tô falando sério, pode procurar no [Hospital] Sírio [Libanês], que o seu tratamento não tem pra ninguém!", atesta Gil.

Em "Jacintho", além de celebrar o centenário do amigo Jacintho Honório da Silva Filho, morto aos 102 anos no ano seguinte ao lançamento do disco, o artista também faz uma ponte entre a afetividade e o envelhecimento, outro tema abordado por Gil em *Ok Ok Ok*: "100 anos não é para qualquer um viver", declara. Beirando os 80 à época do lançamento, Gil refletia sobre a responsabilidade que a sua trajetória de vida lapidou, não só como artista, mas como uma pessoa política: *"Ok, ok, ok, ok, ok, ok. Já sei que querem a minha opinião. Um papo reto sobre o que eu pensei. Como interpreto a tal, a vil situação"*, canta, aceitando a posição que conquistou, com todos os prós e contras que isso abarca. *"Ali é a parte que me toca (...) por causa de um certo hábito histórico que se instalou na nossa vida, por força da função que nossa geração teve nos anos 1960, 70, de se fortalecer junto à sociedade brasileira, para resistir à ditadura"*, esclareceu ao Estadão em 2018.

Mas Gil não é Gil sem um pouco de graça e é com bom humor que ele brinca sobre os problemas que a idade também traz. Mais de duas décadas após o lançamento de "Pela Internet", uma versão do primeiro samba gravado – "Pelo Telefone", de Donga –, Gil revisita a canção em uma sequência, "Pela Internet 2", em que novamente reflete sobre a evolução cada vez mais acelerada da tecnologia e o choque com a inevitável velhice e sua incômoda mania de tentar transformar lebre em tartaruga. *"Cada dia nova invenção. É tanto aplicativo que eu não sei mais não. WhatsApp, what's down, what's new? Mil pratos sugestivos num novo menu"*, rima ao ritmo de um reggae animado.

Ok Ok Ok é um testemunho de que o passar dos anos fez com que Gil abraçasse a pessoa que se tornou perante ao público — um artista, um ídolo, um gênio ou um herói, como queiram — com o conforto de se mostrar vulnerável, sempre amável e, essencialmente, humano.

DESTAQUES: "OK OK OK", "Lia e Deia", "Quatro Pedacinhos", "Prece"

Revistas.PeruRadio.net.pe

LOUVAÇÃO

PHILIPS 1967

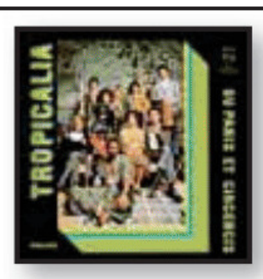
Dividido entre a carreira musical e a de executivo de multinacional, Gil estreia sinalizando seu futuro, com parcerias com Caetano, Torquato Neto, Capinam e Geraldo Vandré.

VELLOSO, BETHANIA, GIL

(COM CAETANO VELOSO E MARIA BETHÂNIA)

RCA 1968

Coletânea que reúne duas músicas de *Louvação* em versões diferentes ("Procissão" e "Roda") e a inédita "Iemanjá", que reforça a presença dos baianos como um coletivo artístico.



TROPICALIA OU PANIS ET CIRCENCIS (COM GAL COSTA, CAETANO VELOSO, NARA LEÃO, OS MUTANTES E TOM ZÉ)

PHILIPS 1968

Disco-manifesto do movimento crucial para a música brasileira, traz as jóias "Miserere Nóbis", "Bat Macumba" e "Geleia Geral", além de coletivas que contam com Gil, como "Enquanto seu Lobo Não Vem", "Três Caravelas", "Hino ao Senhor do Bonfim" e "Parque Industrial".

GILBERTO GIL

PHILIPS 1971

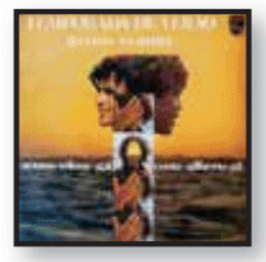
Gravado todo em inglês durante o exílio em Londres, traz Gil levando o violão ao rock, no caminho inverso do tropicalismo.

BARRA 69: CAETANO E GIL AO VIVO NA BAHIA

(COM CAETANO VELOSO)

PHILIPS 1971

Primeiro ao vivo de Gil, registra o último show com Caetano no Teatro Castro Alves, ao lado da banda Leif's, antes de ele deixar o Brasil. Foi a estreia em palcos de "Aquele Abraço".



TEMPORADA DE VERÃO: AO VIVO NA BAHIA

(COM CAETANO VELOSO E GAL COSTA)

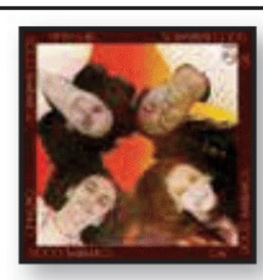
PHILIPS 1974

Em janeiro de 1974, o empresário Guilherme Araújo reuniu três de seus artistas – Gil, Gal e Caetano – para shows no Teatro Vila Velha (BA). Este disco reúne momentos específicos das apresentações.

GILBERTO GIL AO VIVO

PHILIPS 1974

Gravado no teatro TUCA (SP), o disco traz um repertório inédito à época, quando Gil era apoiado por uma banda com Lanny Gordin, Bruce Henri, Tutty Moreno e Antônio Perna Fróes.



DOCES BÁRBAROS

(COM CAETANO VELOSO, MARIA BETHÂNIA E GAL COSTA)

PHILIPS 1976

A consolidação da união dos quatro irmãos da música, na turnê em que apresentavam canções inéditas.

REFESTANÇA

(COM RITA LEE & TUTTI FRUTTI)

EMI 1977

Primeiro registro do encontro com a banda de Rita Lee, trazia o repertório mais rock de Gil e deu origem à turnê de mesmo nome.

NIGHTINGALE

WARNER 1979

Gravado em Los Angeles com produção de Sérgio Mendes, este disco – com versões em inglês – foi lançado em princípio apenas nos Estados Unidos e mirava o mercado internacional.

BRASIL

(COM JOÃO GILBERTO, MARIA BETHÂNIA E CAETANO VELOSO)

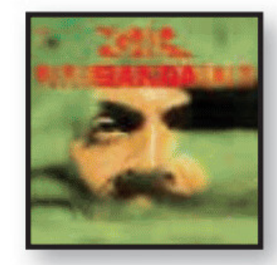
WEA 1981

O encontro de João Gilberto com seus três discípulos é um dos discos mais bonitos da carreira dos quatro envolvidos.

LUAR (A GENTE PRECISA VER O LUAR)

WEA 1981

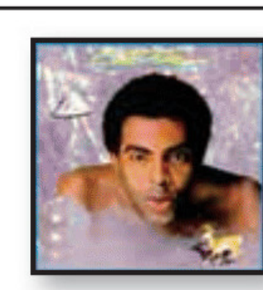
Produzido por Liminha, seu futuro sócio no estúdio Nas Nuvens, o disco traz algumas das faixas mais famosas de Gil, como "Palco", "Se Eu Quiser Falar Com Deus" e a faixa-título.



UM BANDA UM

WEA 1982

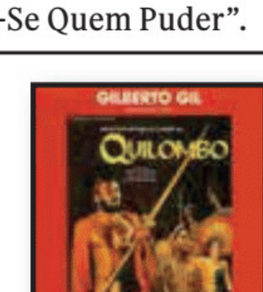
Segundo disco da parceria de Gil com Liminha, traz outro punhado de seus sucessos mais persistentes, como "Drão", "Andar com Fé" e "Esotérico".



EXTRA

WEA 1983

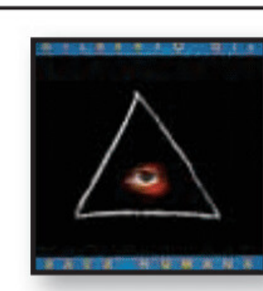
Outro com Liminha, as influências pop aqui são evidentes – do reggae da faixa-título ao rock pastiche "Punk da Periferia" (com Lulu Santos) e o funk sintético "Funk-Se Quem Puder".



BANDE ORIGINALE DU FILM QUILOMBO

WEA 1984

A trilha para o filme de Cacá Diegues também contou com produção de Liminha, mas seu lançamento ocorreu inicialmente apenas na França.



RAÇA HUMANA

WEA 1984

Primeiro disco gravado no Nas Nuvens, estúdio de Liminha e Gil, traz os hits "Extra II", "Tempo Rei", a faixa-título, "Pessoa Nefasta" e "Vamos Fugir". Aqui, Gil toca somente guitarra.

Revistas.PeruRadio.net.pe

DIA DORIM, NOITE NEON

WEA 1985

A parceria com Liminha começa a dar sinais de desgaste. Feito para celebrar os 20 anos da carreira de Gil, o álbum emplacou somente um sucesso, "Nos Barracos da Cidade".

GILBERTO GIL AO VIVO EM TÓQUIO

WEA INTERNATIONAL 1987

Gravado no Japão em agosto de 1986, o disco tinha o mercado internacional como foco e trazia principalmente músicas da última década.

SOY LOCO POR TI, AMÉRICA

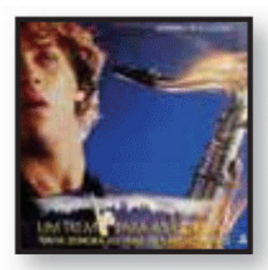
WEA 1987

Em mais um disco gravado para o mercado estrangeiro, desta vez Gil mistura seu repertório à influência da música latina, especificamente a caribenha.

EM CONCERTO

RCA-ARIOLA 1987

Enumerando os sucessos de Gil só no violão, o disco reúne shows gravados no Theatro Municipal e no Golden Room do Copacabana Palace (ambos no Rio de Janeiro), em 1986.



UM TREM PARA AS ESTRELAS

(COM CAZUZA)

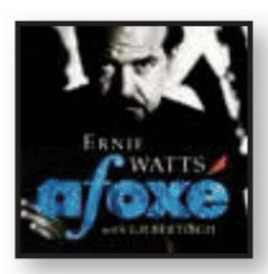
GLOBO DISCOS 1987

Mais uma trilha para um filme de Cacá Diegues, também produzida por Liminha (perceptível no toque funk oitentista) e composta ao lado do ex-vocalista do Barão Vermelho.

O ETERNO DEUS MU DANÇA

WEA 1989

O último disco de Gil nos anos 1980 é um de seus menos inspirados, a começar pela produção de Celso Fonseca e Vitor Farias, que emula o trabalho desenvolvido com Liminha.

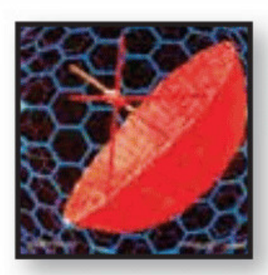


AFOXÉ

(COM ERNIE WATTS)

CTI 1991

Convidado pelo saxofonista norte-americano para explorar a sonoridade afrobaiana, Gil lança outro disco no exterior, dessa vez pela gravadora de jazz CTI.



PARABOLICAMARÁ

WEA 1991

No primeiro disco autoral dos anos 1990, Gil faz as pazes com o rádio (com a faixa-título e a onipresente "Madalena") e traz a letra que melhor sintetiza sua personalidade após os 50 anos, "Buda Nagô".

TROPICÁLIA 2

(COM CAETANO VELOSO)

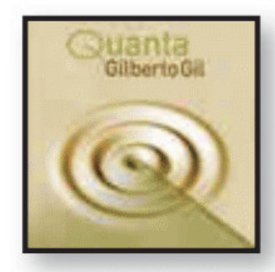
PHILIPS 1993

A única falha do primeiro álbum de estúdio em dupla com Caetano é a pretensão de continuar o disco de 1968. Uma joia de ambas discografias, com afagos a Riachão e Jimi Hendrix.

ESOTÉRICO: LIVE IN USA 1994

WESTWIND 1995

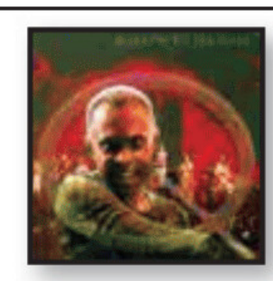
Outro disco lançado apenas nos Estados Unidos, que registra alguns trechos de sua turnê pelo país no ano anterior ao seu lançamento.



QUANTA

WARNER 1997

Disco duplo conhecido pela faixa-título que divide com Milton Nascimento e por revisitar o primeiro samba gravado ("Pelo Telefone", de Donga) à luz de uma tecnologia de em ascensão – "Pela Internet".



QUANTA GENTE VEIO VER: AO VIVO

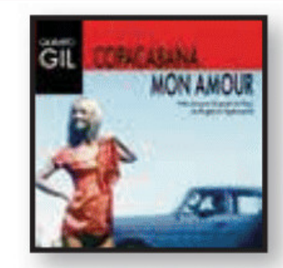
WARNER 1998

Gil volta aos discos ao vivo, registrando todos os shows de cada álbum que fazia. Gravado no Teatro João Caetano (RJ), foi lançado no exterior como *Quanta Live*.

CIDADE DO SALVADOR (1973-1974)

POLYGRAM 1998

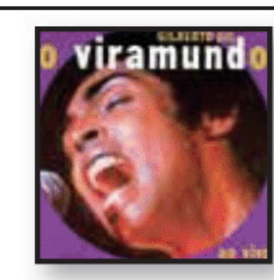
Lançado na caixa *Ensaio Geral*, o disco teria sido lançado em 1974, mas foi arquivado pela gravadora. Reúne 22 faixas com Gil em sua melhor fase criativa.



COPACABANA MON AMOUR (1970)

POLYGRAM 1998

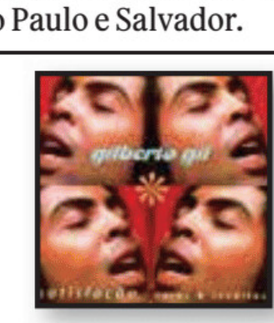
Outro disco recuperado pela caixa *Ensaio Geral*, traz a crua trilha sonora que Gil fez para o filme homônimo de Rogério Sganzerla, proibido à época pela censura.



O VIRAMUNDO AO VIVO (1972-1977)

POLYGRAM 1998

Mais um disco revelado pela caixa *Ensaio Geral*, essa compilação em dois CDs reúne 19 gravações ao vivo de Gil em sua melhor fase, em shows registrados no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

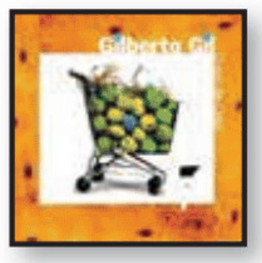


SATISFAÇÃO - RARAS & INÉDITAS (1974-1977)

POLYGRAM 1998

Mais um disco revelado pela caixa *Ensaio Geral*, reúne raridades lançadas em discos alheios, compactos ou sequer lançadas por Gil.

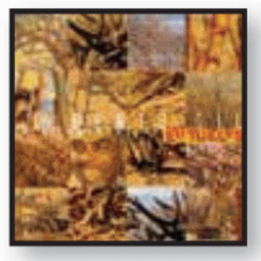
Revistas.PeruRadio.net.pe



O SOL DE OSLO

PAU BRASIL 1998

O último disco de Gil nos anos 1990 foi gravado na capital norueguesa em 1994 e foi considerado pouco comercial por sua gravadora à época.



GILBERTO GIL E AS CANÇÕES DE EU, TU, ELES

WARNER 2000

Trilha do filme de Andrucha Waddington, o disco foi encomendado pelo diretor como um tributo de Gil a Luiz Gonzaga. Ainda trouxe o hit "Esperando na Janela".

GIL & MILTON (COM MILTON NASCIMENTO)

WARNER 2000

Gravado com um titã da música brasileira, este faz reverência a Dorival Caymmi, Beatles, Jorge Ben, Luiz Gonzaga, Fito Páez e Ary Barroso, além de trazer cinco composições inéditas da dupla, uma delas com participação de Sandy & Júnior.

SÃO JOÃO VIVO!

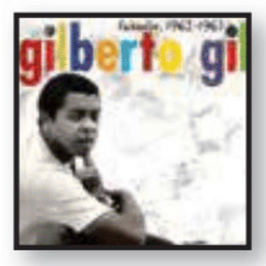
WARNER 2001

Voltando às suas tradições sertanejas, Gil gravou um disco ao vivo celebrando as festas juninas no Nordeste, que depois virou o espetáculo *Arraial de Gilberto Gil*, filmado por Andrucha Waddington.

KAYA N'GAN DAYA

WARNER 2002

Mais uma vez, Gil reverencia o reggae e seu grande mestre, regravando clássicos de Bob Marley no mesmo estúdio Tuff Gong, na Jamaica, onde o ícone gravou seus grandes discos.



SALVADOR, 1962-1963

WARNER 2002

Por conta do aniversário de 60 anos de Gil, a Warner lançou a caixa *Palco*, com 28 discos, alguns inéditos, como este com gravações feitas antes de Gil ir para o Sudeste.

Z: 300 ANOS DE ZUMBI

WARNER 2002

Outro inédito revelado pela caixa *Palco*, este traz a trilha sonora que Gil escreveu para o espetáculo para o Balé da Cidade de São Paulo.

TO BE ALIVE IS GOOD (ANOS 80)

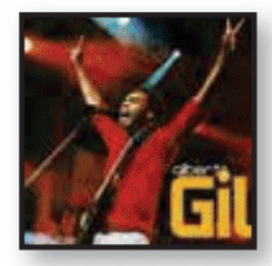
WARNER 2002

Mais um disco de inéditas da caixa *Palco*, a coletânea reúne músicas menos manjadas que Gil gravou ao vivo na década de 1980, incluindo "Oxalá", parceria de Moraes Moreira com Paulo Leminski.

IT'S GOOD TO BE ALIVE (ANOS 90)

WARNER 2002

Outro disco que reúne faixas inéditas ao vivo de Gil. Também faz parte da caixa *Palco* e traz uma versão para "Pelo Telefone", que inspirou "Pela Internet".



KAYA N'GAN DAYA AO VIVO

SOM LIVRE 2003

Outro disco de estúdio que se transformou em disco ao vivo, o tributo a Bob Marley foi registrado no Teatro João Caetano (RJ). É o primeiro disco que Gil gravou como ministro da cultura.

ELETRÁCUSTICO

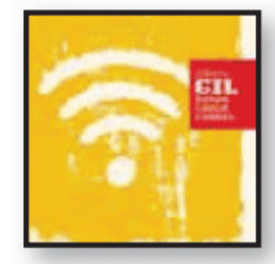
WARNER 2004

Gravado no Canecão (RJ), este show traz um formato reduzido das tradicionais apresentações de Gil, que é acompanhado apenas de dois percussionistas, um guitarrista e um tecladista/acordeonista.

GIL LUMINOSO

BISCOITO FINO 2006

Originalmente lançado como *Giluminoso* em 1999, o disco, que traz Gil apenas com seu violão, fazia parte da publicação independente *A Po.Ética do Ser*, de Bené Fonteles, que produziu o álbum.



BANDA LARGA CORDEL

WARNER 2008

Primeiro álbum de inéditas de Gil desde o lançamento de Quanta, que saiu quase 10 anos antes, e coincide com seu desligamento das atividades como Ministro da Cultura, possibilitando a 1ª turnê extensa em anos.

BANDADOIS

WARNER 2009

Mais um disco ao vivo, desta vez gravado no Teatro Bradesco (SP). Traz só Gil ao violão, acompanhado dos filhos Bem no violão e José na percussão. A única outra pessoa que sobe ao palco é Maria Rita, com quem canta "Amor Até o Fim".

FÉ NA FESTA

UNIVERSAL 2010

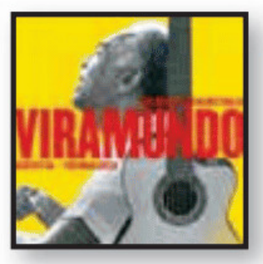
Outro disco dedicado aos festejos juninos e sua trilha sonora nordestina, com Gil tocando xotes, forrós e xaxados de lavra própria ou de autoria alheia.

FÉ NA FESTA: AO VIVO

UNIVERSAL 2010

A regra desde os anos 1990 é clara: um disco de estúdio, um disco ao vivo. Esta versão do tributo junino foi gravada no Retiro dos Artistas (RJ).

Revistas.PeruRadio.net.pe



THE SOUTH AFRICAN MEETING OF VIRAMUNDO
(COM VUSI MAHLASELA)

DREAMPIXIES 2010

Trilha de um documentário que registra o reencontro de Gil com o sul-africano Vusi Mahlasela, quando os dois visitam seus repertórios em conjunto.

RETIRANTE (1962)

DISCOBERTAS 2010

Primeiro lançamento de Gil com o selo Discobertas, o disco duplo reúne músicas que já haviam sido lançadas em *Salvador, 1962-1963*, além de demos inéditas.

GIL + 10: GILBERTO GIL CONVIDA AO VIVO

GO 2 MUSIC 2011

Show em homenagem à rádio carioca MPB FM, reuniu Gil com várias gerações: Zeca Pagodinho, Paralamas, Milton Nascimento, Maria Gadú e Erasmo Carlos.

CONCERTO DE CORDAS & MÁQUINAS DE RITMO (COM ORQUESTRA PETROBRAS SINFÔNICA)

BISCOITO FINO 2012

Misturando beats ao violão e uma orquestra, o disco gravado no Theatro Municipal do RJ traz faixas de vários momentos de Gil.

IVETE, GIL E CAETANO
(COM IVETE SANGALO E CAETANO VELOSO)

UNIVERSAL 2012

Versão em disco e DVD do especial de fim de ano da Globo que reuniu Gil com o irmão tropicalista e a pupila Ivete.

CANTA LUIZ GONZAGA

DISCOBERTAS 2012

Coletânea que reúne momentos da carreira de Gil dedicados ao rei do baião, sendo que boa parte das faixas não havia sido lançada.

LIVE IN LONDON - NOV 16TH 1971 (COM GAL COSTA)

DISCOBERTAS 2014

Outro duplo resgatado pelo selo *Discobertas*, traz show inacreditável de Gil ao lado de Gal Costa, Bruce Henri (baixo), Tutty Moreno (bateria) e Chiquinho Azevedo (percussão).

GILBERTOS SAMBA AO VIVO

SONY 2014

Ao vivo inspirado no disco de estúdio, foi gravado no Teatro Municipal de Niterói e traz Gil acompanhado do filho Bem (violão e flauta), Mestrinho (acordeão) e Domenico Lancellotti (bateria).

DOIS AMIGOS, UM SÉCULO DE MÚSICA (COM CAETANO VELOSO)

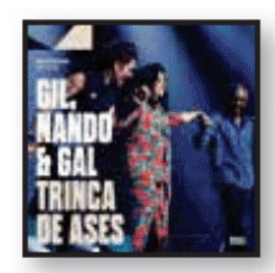
SONY 2015

Comemorando o cinquentenário da amizade entre os dois baianos, o show foi gravado no Citibank Hall (SP) e traz apenas os dois no palco, cada um com seu violão.

O POETA E O ESFOMEADO
(COM JORGE MAUTNER)

DISCOBERTAS 2015

Parte da caixa Anos 80, lançada pelo selo Discobertas em homenagem a Jorge Mautner, registra um show que os dois fizeram em 1987.



TRINCA DE ASES (COM GAL COSTA E NANDO REIS)

BISCOITO FINO 2017

Outro especial para a TV que reúne Gil com mais um tropicalista (desta vez, Gal) e outro discípulo (Nando), em show realizado no Espaço das Américas (SP).

GILBERTO GIL - ANOS 70 AO VIVO (1972-1973)

DISCOBERTAS 2017

Talvez o melhor relançamento de Gil pelo selo Discobertas, a caixa com seis discos reúne três shows clássicos: *Back in Bahia*, *Umeboshi* e o lendário show na USP.

GIL - TRILHA SONORA GRUPO CORPO

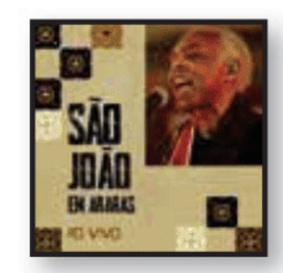
GRUPO CORPO 2019

O espetáculo de dança sobre a obra de Gil (com ele como compositor da trilha) foi retomado pelo Grupo Corpo após a pandemia, em 2022, como *Gil Refazendo*.

GIL BAIANA AO VIVO EM SALVADOR
GILBERTO GIL & BAIANASYSTEM

NOIZE 2020

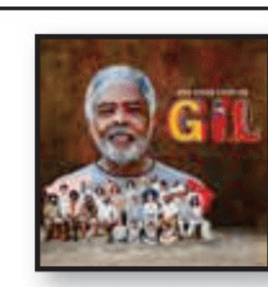
A gravação do encontro de Gilberto Gil com o grupo baiano deveria ser o início de uma turnê em 2020, mas a pandemia cancelou os planos – e fez surgir esse ótimo disco.



SÃO JOÃO EM ARARAS

NOIZE 2021

Álbum ao vivo foi direcionado para o circuito das festas juninas e gravado em setembro de 2010, sob direção de Andrucha Waddington, com interpretações do repertório de Luiz Gonzaga.



EM CASA COM OS GIL

NOIZE 2022

Neste álbum especial de 16 faixas, a família Gil se reúne, celebra os 80 anos do cantor e reproduz hits como "Drão", "Sítio do Picapau Amarelo" e "Queremos Saber".

Revistas.PeruRadio.net.pe

A ESTANTE DE GIL

Repleta de estatuetas e títulos, a prateleira de Gilberto Gil não se restringe ao reconhecimento da obra musical, mas também ao impacto pela democratização da cultura

Por WALLACY FERRARI

FOTOS: VERA DONATO/INSTITUTO GILBERTO GIL, L. COHEN

Revistas.PeruRadio.net.pe

Gilberto Gil durante a cerimônia do 4º GRAMMY Latino, em 2003, com o troféu de Personalidade do Ano.

Se no campo da aclamação popular Gil se tornou uma das maiores referências musicais do Brasil, a aclamação crítica do músico ultrapassou barreiras linguísticas com prêmios, condecorações e nomeações dentro e fora do país ao longo de sete décadas. Os êxitos começaram ainda no início da carreira, quando a principal forma de viralização de um lançamento, longe dos streamings e algoritmos, era feito de frente ao público disposto a conhecer novidades; nos populares festivais de música, onde apresentava suas composições. Foi em 1965, no V Festival da Balança, que realizou a primeira apresentação em São Paulo, interpretando "Iemanjá" junto de Othon Bastos e garantindo o primeiro contrato com um grande selo, RCA. Não saiu eleito melhor de nada na ocasião, mas obteve os olhos necessários para continuar com os lançamentos. Dois anos depois, no III Festival de Música Popular, televisionado pela Record, se aproximou da vitória obtendo o segundo lugar de melhor canção com "Domingo no Parque". Perdeu para "Ponteio", de Edu Lobo e Capinam, mas ganhou o primeiro prêmio como melhor arranjo, acumulando 17,5 mil cruzeiros novos no valor total.

A participação contando com a parceria d'Os Mutantes, considerada uma das primeiras manifestações do tropicalismo, encaminhou Gil para o mainstream nos anos seguintes, tendo o êxito máximo da fase em 1969 com "Aquele Abraço". Com o hit, não apenas figurou por dois meses o topo das paradas brasileiras, mas recebeu o Golfinho de Ouro do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro na categoria Melhor Música. Para surpresa da própria instituição, a estatueta foi recusada pelo vencedor; já no exílio em Londres, por meio de uma carta publicada no jornal Pasquim, negava que a canção tinha um viés de perdão ao regime autoritário do país, direcionando o conteúdo ao Conselho Superior de MPB, presidido pelo então diretor do MIS-RJ, Ricardo Cravo Albin: "Se ele pensa que com Aquele Abraço eu estava querendo pedir perdão pelo que fizera antes, se enganou. [...] Não tenho porque não recusar o prêmio dado para um samba que eles supõem ter sido feito zelando pela "pureza" da música popular brasileira", disse em trecho no texto.

Os laços com o MIS só foram restabelecidos após o término do governo militar; sob nova direção e através do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Gil recebeu novamente o Golfinho de Ouro em 1986, aceitando o troféu – entregue pessoalmente por Tom Jobim em cerimônia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro – e reiniciando uma sequência de vitórias para adicionar na prateleira. O Prêmio da Música Brasileira é um destes que Gil acumula em dife-

Revistas.PeruRadio.net.pe

rentes épocas; na primeira fase do evento, em 1990, quando ainda era chamado de Prêmio Shell, foi homenageado pelo conjunto da obra, levando uma estatueta e US$ 10 mil. Três anos depois e rebatizado de Prêmio Sharp, venceu Melhor Canção de MPB por "Parabolicamará". Em 1994, recebeu das mãos de Dorival Caymmi uma nova estatueta pela contribuição à música nacional e, no ano seguinte, repetiu a vitória de Melhor Canção, garantindo também o troféu de Melhor Cantor de MPB pela parceria com Paralamas do Sucesso em "A Novidade". Quando o PMB foi patrocinado pela CARAS Brasil, em 2002, Gil sagrou-se campeão em 3 categorias; uma especial, eleito Melhor Cantor por voto popular, e duas regionais, repetindo a vitória de Melhor Cantor e também Melhor Álbum por *São João Vivo*. Ganharia mais duas vezes melhor álbum na premiação: em 2016, com *Dois amigos: Um século de música*, e em 2003, quando *Kaya N´Gan Daya* foi eleito o melhor de língua estrangeira.

O vídeo *Gilberto Sambas ao Vivo* ainda somou nas 9 conquistas do baiano no evento,

GIL ACUMULA 8 GRAMMYS, SENDO 2 INTERNACIONAIS E 6 LATINOS

recebendo em 2015 o prêmio de Melhor DVD e encabeçando uma lista paralela de premiações ligadas ao cuidado audiovisual ao longo da carreira. Sempre interessado em modernidades, Gil atravessou a era das produções ilustradas no *Fantástico*, passando pela fase dos clipes nas emissoras musicais até chegar na web, sendo inclusive o primeiro artista no Brasil a transmitir uma apresentação online, unindo forças com a IBM, a Embratel e o jornal *O Globo* para um chat com transmissão de vídeo via internet em dezembro de 1996. O entusiasmo com o vídeo rendeu reconhecimentos: em 2003 pelo extinto Video Music Brasil, realizado pela *MTV*, "Three Little Birds" ganhou Melhor Direção de Arte em Videoclipe e Melhor Videoclipe de MPB. Por fim, o júri do Prêmio Contigo MPB FM de Música escolheu, na edição de 2013, o *Concerto de Cordas e Máquinas de Ritmo* como Melhor DVD.

Pelo conjunto da obra, os colegas da União Brasileira de Compositores inauguraram o prê-

Gilberto Gil como destaque no carro alegórico da escola de samba Vai-Vai no desfile em sua homenagem (2018).

Gilberto Gil recebe o Prêmio Shell de Música Brasileira (1990).

Gilberto Gil na cerimônia de entrega do prêmio Polar Music Prize 2005.

FOTOS: ACERVO PESSOAL GILBERTO GIL

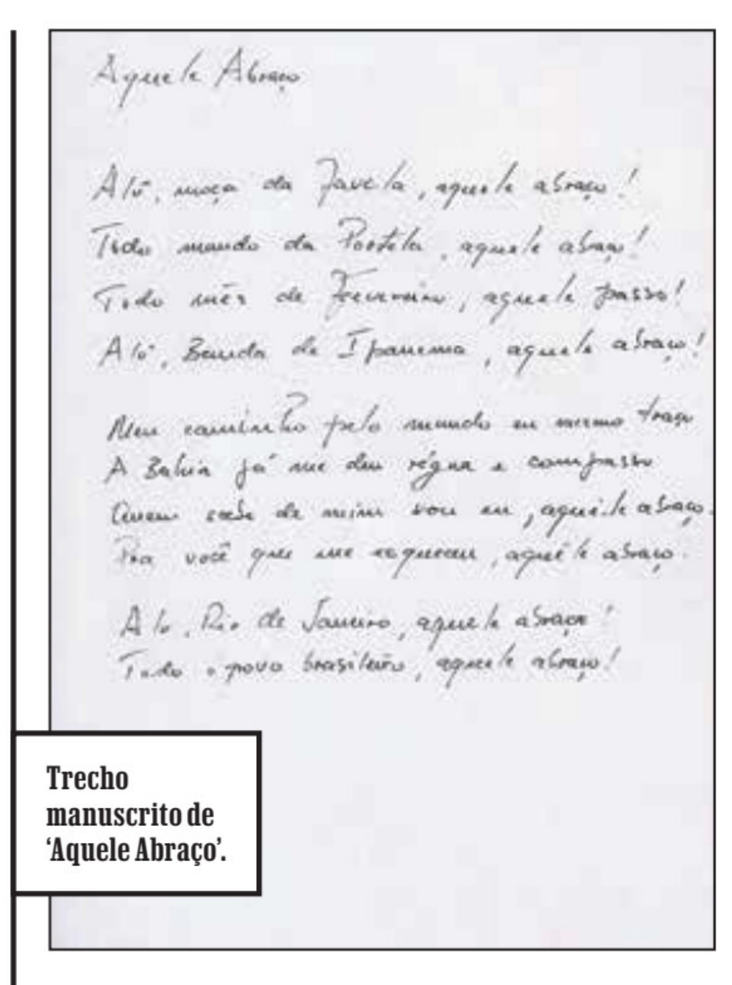
Revistas.PeruRadio.net.pe

mio da associação em 2017 homenageando o artista. Além das cerimônias, Gil ainda seria agradecido pelo extenso trabalho nos dois mais populares sambódromos do país em diferentes ocasiões; no carnaval carioca de 1994, a escola de samba Estação Primeira de Mangueira celebrou artistas do tropicalismo no enredo "Atrás da verde e rosa só não vai quem já morreu", contando com Gal, Bethânia, Gil e Caetano em carro alegórico na primeira noite de desfiles na Sapucaí. Já em terras paulistas, o cantor baiano foi tema central do desfile da Vai Vai em 2018, com o samba enredo "Sambar com fé eu vou" figurando a segunda noite no Anhembi. Desta vez, além de contar com Gil pessoalmente, a escola apresentou um carro retratando o artista em uma escultura de 15 metros de altura. Os outros 4 veículos da avenida auxiliaram no storytelling da trajetória do ídolo, passando pela religiosidade, exílio após a ditadura e referenciando os principais sucessos através de 26 alas.

Reconhecimento internacional

Não foram somente os críticos e fãs tupiniquins que auxiliaram na extensa prateleira de troféus; o reconhecimento de Gil chegou a mais importante premiação da indústria fonográfica no ano de 1999, ao ser condecorado com seu primeiro Grammy Internacional. Na altura da conquista, era o 9º brasileiro a alcançar tal feito, recebendo o gramofone dourado pelo Melhor Disco de World Music por *Quanta Gente Veio Ver*, lançado no ano anterior. Com a expansão de categorias nos anos seguintes, surge a de Melhor World Music Contemporânea, que Gil vence em 2006 pela obra *Eletroacústico*, junto do produtor Liminha. Com outras 5 indicações sem sucessos, é o segundo brasileiro mais agraciado com a premiação internacional, empatado com João Gilberto e Tom Jobim, e atrás de Laurindo Almeida, que obteve 6 êxitos. O número aumenta na versão latino-americana da premiação, esta organizada pela Academia Latina de Artes e Ciências da Gravação. Gil acumula 6 vitórias em 18 indicações, sendo três vezes por Melhor Álbum de MPB, duas por Melhor Álbum Regional Brasileiro, e uma como Melhor Álbum Nativo-Brasileiro. Contribui inclusive para a lista de vitórias do brasileiro mais bem ranqueado entre os maiores vencedores do Grammy Latino; o engenheiro de som Álvaro Alencar, com 12 estatuetas, produziu dois de seus álbuns vencedores, sendo eles *São João Vivo* (2001) e *Fé na Festa* (2010). Pela mesma academia, é também um dos três brasileiros a ter sido eleito Personalidade do Ano, em 2003, acompanhando Roberto Carlos e Caetano Veloso.

Do outro lado do Atlântico, em outubro de 2004, esteve em Estocolmo, na Suécia, para


Aquele Abraço

Alô, moça da favela, aquele abraço!
Todo mundo da Portela, aquele abraço!
Todo mês de fevereiro, aquele passo!
Alô, Banda de Ipanema, aquele abraço!

Meu caminho pelo mundo eu carrego traço
A Bahia já me dera, reina e compassos
Quem sabe de mim sou eu, aquele abraço.
Pra você que me esqueceu, aquele abraço.

Alô, Rio de Janeiro, aquele abraço!
Todo o povo brasileiro, aquele abraço!

Trecho manuscrito de 'Aquele Abraço'.

PREFEITA DE MILÃO: "[GIL É] ALMA POLÍTICA DE SEU PRÓPRIO PAÍS"

receber das mãos do Rei Carl Gustav XVI o Prêmio Polar de Música, criado pelo fundador da gravadora Polar e agente do conjunto ABBA, Stig Anderson. Concedido anualmente para um músico clássico e outro contemporâneo, é tratado no país europeu como um "Prêmio Nobel da Música", sendo o primeiro brasileiro agraciado e tendo como único colega sul-americano José Antonio Abreu, criador do El Sistema, na lista. Também é o único brasileiro a vencer o Grand Prix Sacem, sendo laureado na categoria Musiques du Monde (Músicas do Mundo) durante premiação em Paris no ano de 2013. Na cerimônia, organizada pela Sociedade de Compositores, Autores e Editores de Música (Sacem), cantou em francês e foi recebido pela ministra Yamina Benguigui.

Dr. Gilberto

Além das estatuetas, as honrarias, medalhas e títulos vieram antes mesmo das premiações, com a mais antiga sendo datada de 28 de abril de 1981, quando a Câmara Municipal de São Paulo conferiu ao músico a Medalha Anchieta, um "Diploma de Gratidão" da cidade. Além da megalópole, várias capitais compartilharam do interesse de homenageá-lo; em Maceió, recebeu o Título de Honra ao mérito do Afoxés Bisnetos de Gandhy, em agosto de 2006. Três anos depois, no Piauí, recebe o título de cidadão teresinense na Assembleia Legislativa local. Em uma das mais recentes, em 2024, foi eleito Personalidade do Rio na categoria Música durante o Prêmio Líderes Regionais, organizado pelo Lide. Em nível nacional, ganha o grau de comendador da Ordem do Rio Branco em 1995, semanas após ser convidado pelo presidente FHC para ser integrante do conselho do projeto social Comunidade Solidária. Em 2013, é duplamente condecorado pelas duas esferas do Poder Legislativo em Brasília, ganhando da Câmara dos Deputados em outubro o Prêmio Fundação Darcy Ribeiro, que reconhece pessoas e grupos cujos esforços refletem no fortalecimento da Educação no país, e no mês seguinte, a Comenda Abdias Nascimento pelo Senado, concedida com o intuito de enaltecer figuras que protegem a cultura afro-brasileira. Em abril de 2022, o maior dos reconhecimentos pela contribuição linguística se deu ao empossar a cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras, figurativamente imortalizado na honraria no espaço de discussões da instituição literária.

Fora do país, ainda foi diplomado em 2009 na cidade de Milão pela prefeita Letizia Moratti como "embaixador da cultura e da consciência critica do Brasil moderno", enaltecido em 2011 pelo trabalho sociocultural em prol da "democratização da cultura em seu país" com o Prêmio Ricardo del Valle em Madri, na Espanha, e premiado com o Chamber Prize pela Câmara de Comércio Dinamarquês-Brasileira em 2019. De seus 13 títulos de Doutor Honoris Causa, cinco estão em instituições fora do Brasil: três em Portugal, sendo em 2006 na Universidade de Aveiro, 2008 na Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia de Lisboa, e em 2023 na Universidade Nova de Lisboa, além de duas nos Estados Unidos, na Universidade de Ohio em 2007 e na Berklee College of Music em 2021. Contudo, no cenário internacional, a França foi o país que mais o condecorou, recebendo em 1990 do ministro da Cultura da Franca, Jack Lang, o título de cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras. Sete anos depois, subiu um degrau ao receber a Ordem Nacional do Mérito Francês. A honraria máxima do governo francês ocorreu em 16 de outubro de 2005, quando Gil recebeu a comenda Grand Officier de l´Ordre National de La Légion d´Honneur. Era no Ano do Brasil na França e, não muito diferente de toda extensão de sua notória carreira, Gil era o representante de uma nação por via de sua obra.

Revistas.PeruRadio.net.pe

REFLORESTA, PARA OUVIR E OLHAR

"Refloresta", obra de Gil ganha a "tradução visual" do ilustrador Daniel Kondo, transformando os versos em representações tocantes

Por **Wallacy Ferrari**

Revistas.PeruRadio.net.pe

Uma pausa em meio às datas da turnê *Tempo Rei* chamou atenção pelo interesse socioambiental de Gil; o músico fez questão de propor uma programação paralela em meio a COP 30, conferência climática da ONU sediada em Belém, no Pará, no último mês de novembro. Em parceria com uma plataforma de vídeos curtos, chegou a lançar uma campanha incentivando o reflorestamento, hábitos mais sustentáveis e a conscientização sobre o clima, desembarcando na cidade para acompanhar a estreia mundial da ópera "I-Juca Pirama", no Theatro da Paz. Propôs aos usuários da rede social uma troca, prometendo plantar até 1 milhão de mudas em diferentes biomas brasileiros com os esforços da plataforma global. O evento angariou a atenção de personalidades do cenário político e cultural brasileiro, como a ministra do Meio Ambiente Marina Silva, a primeira-dama Janja Lula da Silva e a jornalista Eliane Brum. Na ocasião, aproveitou para lançar o livro visual de 'Refloresta' (Editora Elo, 2025), fruto de uma longeva parceria que já rendeu outros quatro frutos com o ilustrador gaúcho Daniel Kondo. Ele contou com as criações do cantor baiano na dupla *Andar com fé* e *Nós, a gente* (WMF Martins Fontes, 2023), que comemoram os 80 anos do músico em compilado, *Sítio do Picapau Amarelo* (Leiturinha, 2024), e *Refazenda* (Editora Elo, 2025), elucidando em cores vivas as estrofes da lendária canção lançada em 1975. No histórico local da capital paraense, ofereceu cópias aos visitantes que, de folha em folha, puderam acompanhar as representações visuais da canção lançada em 2021. Gil também empunhou o livro de 48 páginas, que passa pelos versos da canção, inclusive contando com recursos de realidade aumentada; cada cópia possui um código de registro para um aplicativo móvel, que permite visualizar os movimentos do projeto gráfico junto de uma trilha sonora especialmente preparada para folhear as páginas. Flor Gil, neta de Gilberto, empresta a voz para um trecho inédito da canção. Em depoimentos gentilmente cedidos pela Elo Editora, o cantor detalha o surgimento da composição, importância da pauta e como ela está interligada com outros três alicerces musicais de seu catálogo. Daniel detalha o processo de transformação em imagens, desde escolha de cores até o contraste entre a beleza da fauna e flora coexistindo com o caos do desmatamento.

Revistas.PeruRadio.net.pe

"Essa canção foi feita a pedido do fotógrafo Sebastião Salgado. Ele me perguntou se eu não queria fazer uma "Refloresta", já que tinha feito 'Refazenda', 'Refavela' e 'Realce'. Ele tinha um projeto de reflorestamento nas terras da família, e eu parti daí. Pois apenas manter em pé as florestas que ainda existem já não basta, como diz o primeiro verso da canção, porque hoje temos consciência do caráter devastador, destrutivo, predatório dos interesses industriais, agricolas etc., de madeireiros de um modo geral. Além de mantê-las em pé, é preciso replantá-las: está lá na segunda estrofe.

Gosto que 'Refloresta' seja um samba rasgado, talvez um gênero Inusitado em relação à expectativa de uma canção que tem a função de hino, de representação heráldica. Talvez não se esperasse que fosse um samba, mas ela é. 'Refloresta' tem uma disposição positiva, esse aspecto de animação mesmo.

Hoje boa parte da sociedade mundial, a brasileira incluída, está pautada em relação ao meio ambiente e ás várias questões que envolvem o meio ambiente. Pra mim Isso chegou um pouco antes, mas tem todo um contingente de convertidos recentemente ou a se converter: os velhos da geração anterior à minha, pra quem o conhecimento, a temática ambiental está chegando agora; e os jovens, no fluxo natural da renovação social, da chegada de novas gentes. Então tem gente mais velha tomando consciência e gente mais nova tomando consciência. E, pra essa gente mais nova, essa consciência está chegando numa idade anterior à que chegou pra nós.

"REFLORESTA" TEM UMA DISPOSIÇÃO POSITIVA, ESSE ASPECTO DE ANIMAÇÃO MESMO"

Mas também se acelerou a notícia, o conhecimento, as formas de ação. O movimento politico ambiental cresceu, o conhecimento técnico ambiental cientifico cresceu. Essa canção é um exemplo disso. Alguém da minha geração que foi tomado por essa questão algum tempo atrás começou a agir e criou um programa de reflorestamento para as velhas terras da família mineira em áreas que foram completamente devastadas pela agricultura, pela mineração e essa consciência tez com que agisse. E que me ligasse dizendo: Vamos fazer uma música pra um projeto assim e tal."

- Gilberto Gil

Revistas.PeruRadio.net.pe

"'Refloresta' nasceu de um gesto compartilhado, uma ponte entre arte e ação. Sebastião Salgado reflorestava as terras devastadas da família em Minas Gerais — um ato de paciência e fé na terra, admirado e também cercado de debates sobre os limites da reparação. Gilberto Gil respondeu com música, plantando versos onde havia silêncio. Um semeou árvores; o outro, canções. Ao ilustrar o livro, pensei nessa dupla potência: naquele que devolveu raízes à terra e naquele que fez da terra um canto perene. E lembrei que todo gesto simbólico também carrega ambiguidades.

Meu trabalho foi o de um tradutor visual: busquei a ressonância exata entre a lírica de Gil e as tensões que atravessam a floresta. As imagens seguem essa respiração dupla. O vermelho e o laranja não são apenas cores; são gritos visuais que revelam a ferida aberta da destruição, a cicatriz recente do fogo. Em contraponto, o azul profundo e o verde abundante preservam o sopro vital dos rios e das matas, a promessa de vida

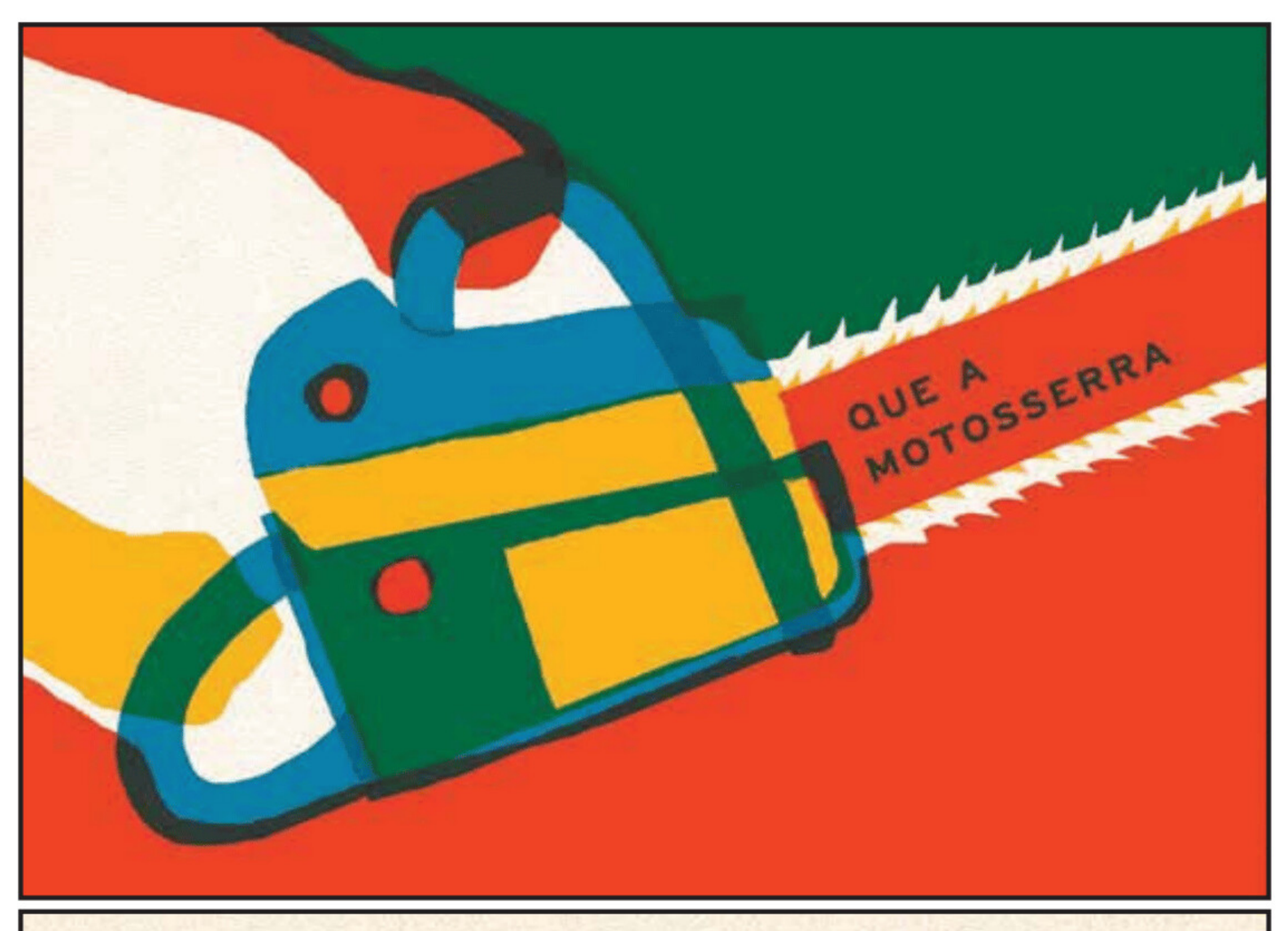
"SÃO GRITOS VISUAIS QUE REVELAM A FERIDA ABERTA DA DESTRUIÇÃO"

que insiste em fluir. Não é uma paisagem vazia. Animais como tamanduá, onça, pirarucu e peixe-boi surgem como presenças que nos encaram e nos lembram de que o bioma não é apenas vegetação, é também carne, som, movimento - uma frágil teia de vida que exige respeito.

Ao lado deles, mapas partidos, desertos e troncos cortados marcam o tempo da perda. O ritmo é de mantra: repetição que não se esgota, mas insiste, como a própria floresta, que resiste. A presença humana atravessa esse percurso, da devastação à cura. Os povos originários surgem como parte inseparável do território, memória viva de uma relação ancestral com a terra que o mundo moderno ignora.

A arte, aqui, não se oferece como consagração, mas como espelho e provocação. Este livro não é contemplação passiva: é convocação. E porque cada árvore é também um verso, e cada raiz é também um gesto de futuro, esta canção nos lembra que a luta não pode esperar: pois o tempo da floresta é também o tempo da humanidade."

- Daniel Kondo



REFLORESTA

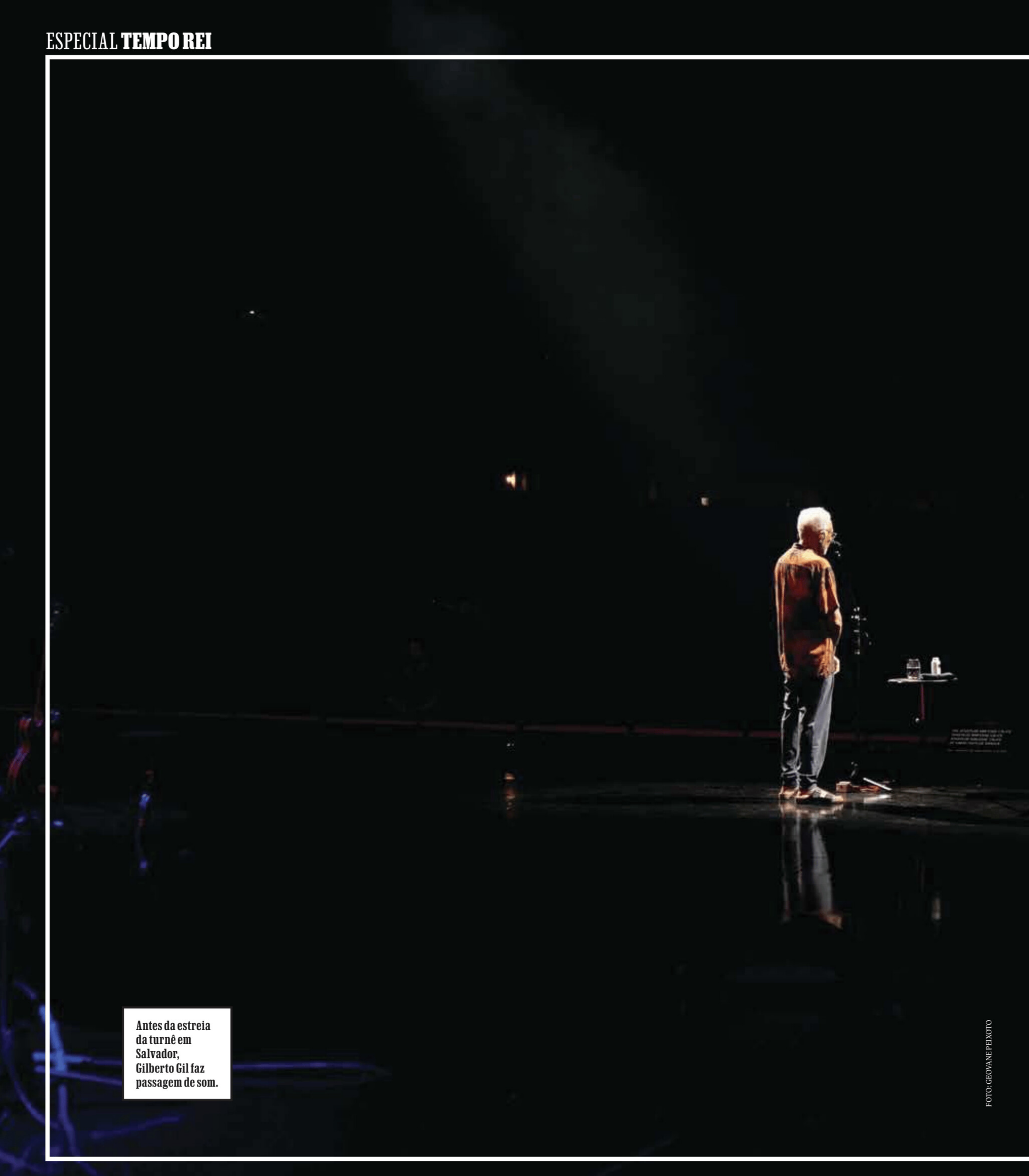
(2025)

AUTOR: Gilberto Gil e Daniel Kondo

ILUSTRAÇÕES: Daniel Kondo

EDITORA: Elo Editora

Revistas.PeruRadio.net.pe



Antes da estreia da turnê em Salvador, Gilberto Gil faz passagem de som.

FOTO: GEOVANE PEIXOTO

Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe

Revistas.PeruRadio.net.pe